HERAS E VIOLETAS

Junto á modesta flôr que o proprio musgo insombra,
O amor tornado em planta, o affecto inanimado!
As *heras* são da ruina; as *violetas* da sombra...
E' sombra o meu futuro! é ruina o meu passado!

19 de Maio de 1869.

G. B.

Guilherme Braga

GUILHERME BRAGA

HERAS E VIOLETAS

POESIAS

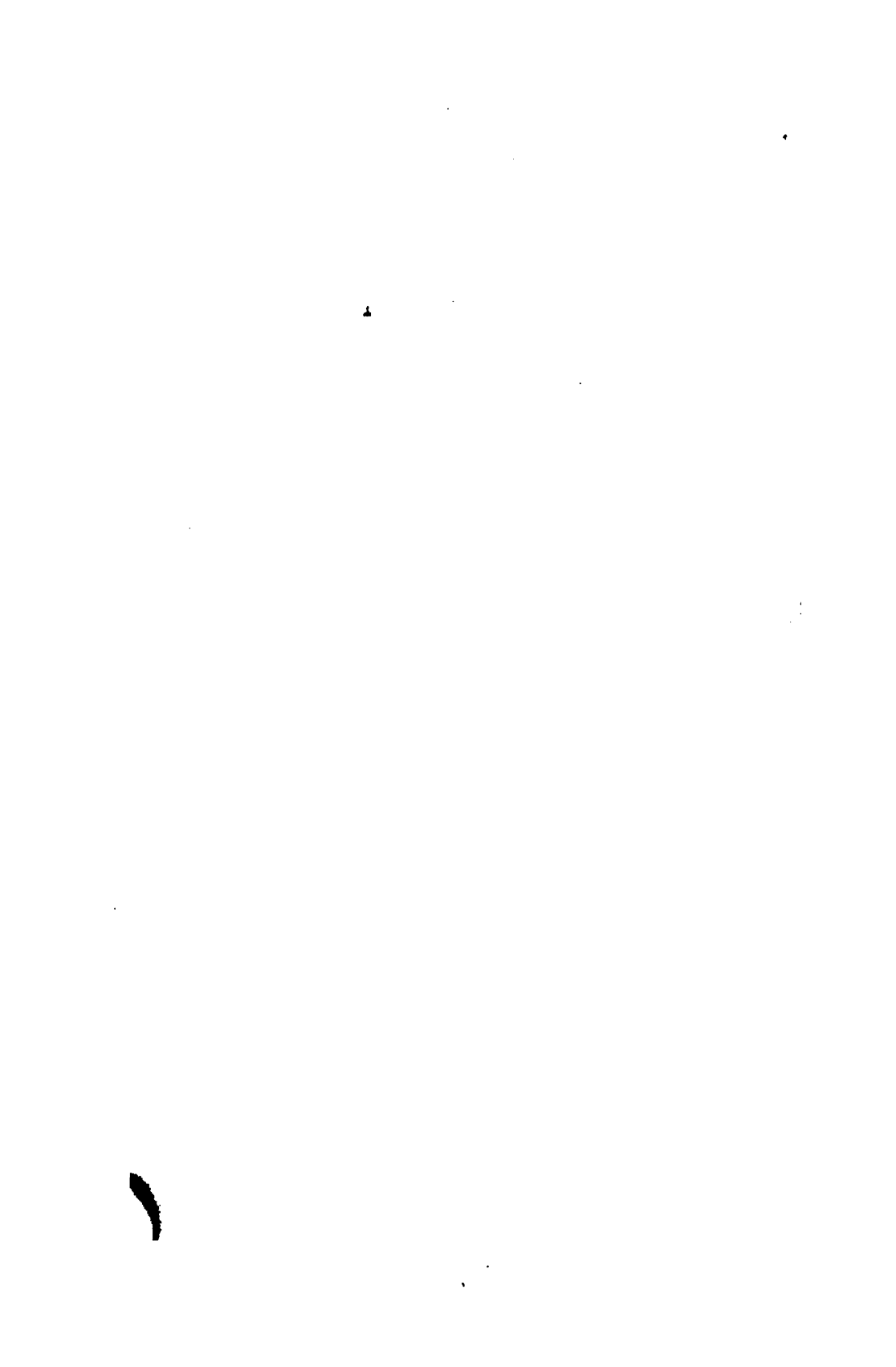
PORTO
NA TYP. DA LIVRARIA NACIONAL
Rua do Laranjal, 2 a 22

1869

PRIMEIRA PARTE

A

MEU IRMÃO

ALEXANDRE BRAGA

I.

O HOMEM.

I.

São leis terriveis da sorte
Não vêr flôr que se não tisne?
Não ouvir canto de cysne
Senão augurio da morte?

Não achar luz que se aparte
Da noite immensa e profunda?
Ter, sempre que o sol me inunda,
Uma sombra em qualquer parte?

Julgar-me bom, puro, ethéreo,
Immortal, nobre, perfeito,
E invadir-me assim o peito
A morte — o grande mysterio —

Sem que eu, alma que medito,
Intelligencia que estudo,
Distinga o nada do tudo,
O finito do infinito?

Voar, co'as azas da esp'rança,
Dos ceus ao mundo siderio,
E saber que o cemiterio
Tem no meu corpo uma herança?

Por mil caminhos diversos
Vagar ao sopro do acaso?
Na aurora prevêr o occaso?
Prevêr as campas nos berços?

II.

O homem é grande! As estrellas
Scismam ao vêl-o passar!
Infunde terror ao mar
A sombra das suas vélas!

Seu machado assusta o bosque,
E os montes, vendo-lhe a imagem,
Temem que n'elles se enrosque
Para abrir-lhe uma passagem

O fogo, que as pedras mina!
E elle — o proscripto real —
Caminha de val em val,
Sobe collina a collina,

E quanto o vê, tudo pasma!
Tudo contempla o prodigio!
Rei ou deus, deus... ou phantasma
Deixa em tudo o seu vestigio!

Vae! Nem precisa d'alento...
O genio basta-lhe só!
Leva as sandalias no pó,
E a vista no firmamento.

Se um p'rigo, por um instante,
O quer suster, não receia:
Lucta e vence e... passa adiante...
E' seu guia a luz da ideia!

Prometheo, não teme o jugo.
(De Deus a cholera é van
Para quem é Pelletan,
Para quem é Victor Hugo!)

Nunca soffreu desenganos;
Tem cada vez mais esp'rança;
Caminha ha já seis mil annos
E não succumbe, e não cança!

Vae! Nem a dôr, se o consome,
O verga, o faz vacillar.
Vae! E o ceu, a terra, o mar,
Tudo repete o seu nome.

Do solo ás rotas entranhas,
Ás arvores pensativas,
Dil-o, atravez das montanhas,
O arfar das locomotivas!

Dil-o ás espumas, que lavra
Co'a leve roda, o vapor!
Dil-o ao ar, que ousou transpôr,
O interprete da palavra!

*

Tudo a tal nome se enleia;
Tal nome a tudo se liga;
Nem existe um grão d'areia
Que o não saiba e que o não diga!

III.

O homem é grande, e profundo
Seu genio, embora instantaneo;
Na curva d'aquelle craneo
Ha muitas vezes um mundo.

E' Franklin?—A aguia do raio
Sente ũa mão que a segura.
Fulton?—A vaga murmura,
Tem mêdo e cahe n'um desmaio.

E' Colombo?—Ante seus mastros
Um mundo inteiro vacilla.
Newton?—A sua pupilla
Tem luz que fascina os astros!

E' Mirabeau?—Desgrenhado,
Sóbe, ululando, á tribuna,
E já não resta columna
Onde se encoste o passado!

E' Lamartine?—Uma plebe
Sem Deus, sem rumo, sem nada,
Rude, feroz, desvairada,
Ebria do sangue que bebe,

Lhe surge emtorno... vae f'ril-o...
De novas ruinas sedenta,
Cresce, ondula, augmenta... augmenta,
E... pára, ao vêl-o tranquillo!

E' Dante? — Um fogo bemdito
Ao rubrc inferno o transporta.
Milton? — Do eden á porta
Assoma o velho proscripto.

E' Gama? — O genio sombrio
Do escarceo e das procellas
Vê despontar umas vélas,
Sente passar um navio,

E surge! As ondas em massa
Cobrem a nau, vão tragal-a;
E, á luz d'um raio que estalla,
A nau sobre as ondas passa!

E' Miguel Angelo? — Invade
Do futuro o abysmo, e talha
Uma espantosa mortalha
De gloria e de eternidade!

IV.

O homem é grande! Aos impulsos
Das suas novas ideias
Todas as velhas cadeias
Vão largando os roixos pulsos!

Heroe, não receia a lucta:
Vencedor, ergue o vencido:
Se anda de luto vestido
Não é o sangue que o enluta.

Contra o mal, que nos domina,
Entra sem mêdo na liça,
E apêa a estatua Justiça
Do pedestal Guilhotina.

Tudo seu genio renova,
Tudo... exceptuando o destino.
Ora, um dia, á voz d'um sino,
Abrem-se as fauces da cova,

E elle, o grande, o heroe, inerme,
Cahido emfim na batalha,
Sente invadir-lhe a mortalha
Da morte a ironia, o verme.

Dizei-me: no ambito escuro
D'essa prizão derradeira
Serve a roida caveira
De vaso á flôr do futuro?

Ai! tudo é pó!

Quando eu scismo
N'estes mysterios da vida,
Minh'alma, absorta e perdida,
Vaga d'abysmo em abysmo!

Porto, 22 d'abril de 1863.

II.

DE NOITE.

Eu ia olhando os soes, tu contavas as flôres,
E o ceu era sereno, os prados vicejantes,
Eu coberto de sombra e tu de resplendores,
E o vento murmurava: «Eil-os, os dous amantes!»

Depois, scismando em ti, dos astros lá de cima
Timido o olhar baixei para fitar teus olhos,
Porque d'elles a luz, mais que a do ethereo clima,
Doira do mar da vida os asperos escolhos.

A lua ia ascendendo, as arvores tremiam
Como se as agitasse um vento mysterioso
E só de longe em longe os passaros se ouviam
Seus cantos a ensaiar pelo olival frondoso.

Tu pousaste em meu hombro a peregrina face
Que um Raphael pintara e um Angelo esculpira,
E, desprendendo a voz como se alli passasse
O longiquo rumor d'alguma ignota lyra,

— «Que noite! me disseste. O ceo, de lado a lado,
E' todo azul, sem mancha, e coberto de lumes;
O caminho deserto; o arvoredo calado;
E a balça a desfazer-se em languidos perfumes!»

E eu disse-te: — «Que affecto! As almas, como flôres,
Abrem-se á dôce luz das affeições singelas:
Amêmos, pois, tambem, em quanto em seus amores
Vão scismando no espaço as candidas estrellas!»

Porto, 4 d'abril de 1863.

III.

PERGUNTAS E RESPOSTAS.

— D'onde vens? — « Venho das trevas. »
— Onde vaes? — « Vou para a luz. »
— Tão curvada a fronte levas? —
« Que admira? É o pêso da cruz! »

— Não tens mãe? — « Deixei-a morta.
Quando sahi do meu lar
A orphandade estava á porta
Sentada no liminar. »

— Não tens irmãs? — « Já tive uma...
Era a estrella da manhã
Que se perdeu entre a bruma
D'um jazigo... Ai! pobre irmã! »

— Não tens amigos? — « Conheço
Uns homens, que o dizem ser,
Mas se um abrigo lhes peço
Nunca mais os torno a vêr. »

— Não tens amante? — « A ironia
D'essa pergunta é cruel.
Tu vês-me a taça vazia
E vens encher-m'a... de fel? »

— E inda crês? — « Creio no Eterno;
O soffrimento é crysol:
Ás vezes em pleno inverno
Ha dias cheios de sol! »

Porto, 12 de maio de 1865.

IV.

DESTINO.

Deus, creando o universo, disse aos mares:
« Cantae os meus louvores! »
Disse aos astros: « Brilhae no azul dos ares
Como abrazadas flôres! »

E ao sol, que em luz o cahos convertia,
A vida annunciando,
« Refulge, disse, ó rei! Evoca ao dia
Dos planetas o bando.

Aves, cantae! Florestas verdejantes,
Agitae-vos formosas!
Espalhae, disse ás virações errantes,
Os perfumes e as rosas! »

Depois, lançando a vista á raça humana,
Disse: «Caminha ávante!
Soem tuas canções no eterno hosanna
D'esta esphera radiante!

E tu, alma de luz, anjo exilado,
Que, divagando obscuro,
Dos sonhos teus no cahos abrazeado
Preparas o futuro!

Tu que tens de tu'alma no infinito
Um ceu cheio d'estrellas,
A oscillação do mar, o immenso grito
De todas as procellas:

Tu que, em ti só, resumes o segredo
Da natureza inteira,
Rei, archanjo, poeta, ergue sem mêdo
A fronte sobranceira!

Vês? Pela escuridão de noite immensa
Caminha a humanidade!
Vae! Leva-lhe comtigo a luz intensa
Do amor e da verdade!»

Porto, 10 de maio de 1859.

V.

SOLEDADE ENTRE OS BAILES.

No meio dos grandes bailes,
Quando a orchestra em claras vozes,
Enche as salas de murmurios,
Torna as danças mais velozes —

E, como um bando de passaros,
Pelas janellas abertas
Vae, corre, alarga-se, e anima
Ao longe as grutas desertas;

Quando os limpidos espelhos
Cobertos d'aureos lavores
Dobram a sala, os convivas,
As luzes, a valsa, as flôres;

Quando, cançadas da festa,
As donzellas levianas
Cahem em molle attitude
Sobre as fôfas ottomanas,

Tendo já em soltos fios
Cahida sobre as espaldas
Uma trança desprendida
D'entre as floridas grinaldas;

Quando, a curtos intervallos,
Do parque na umbrosa rua
Treme a sombra do arvoredo,
Tremem os raios da lua;

E os amantes, que buscaram
Aquelles santos retiros,
Da murta as aves despertam
Com seus tremulos suspiros,

E vão, por meio das folhas,
Co'as mãos abrindo passagem,
Debruçarem-se dos tanques
Para vêr a sua imagem;

Quando ao longe se confunde,
Na solitaria alameda,
O ranger das folhas mortas
Ao dos vestidos de sêda;

Que magoa então vem colher-te
N'aquellas ruidosas salas
E as converte em mudos ermos,
E te obriga a abandonal-as?

Porque então, pallida e triste,
Desces a fulgida escada
D'aureas jarras e tapetes
De cima abaixo adornada?

Porque então fitas a lua
E os teus suspiros lhe mandas,
Como ella manda os seus raios
Ás luminosas varandas?

Porque deixas que a tristeza
Teus passos ligeiros marque
Pela relva humedecida
Das velhas sendas do parque?

Porque te sentas sósinha
Com teu pensamento vago,
N'aquelle banco de pedra
Que está na beira do lago?

Porque fechas pouco e pouco
As palpebras transparentes,
E te esqueces pensativa
D'aquellas margens virentes —

E do horizonte, onde avulta
Ao longe uma serra enorme,
Sobre a qual a triste lua
Ou scisma tambem... ou dorme?

Porque te esqueces das ruas
Que mal descobres na sombra,
Tendo por tecto os olmeiros,
As folhagens por alfombra?

E das arvores da selva
Que, sobre o lago pendidas,
Outras arvores desenham
Nas aguas adormecidas?

Porque te esqueces das aves
Que de ti nunca se esquecem?
Das aragens que te beijam?
Das rosas que te estremecem?

E das moitas perfumadas,
Onde vão, de quando em quando,
Da noite as brisas gemendo,
Os rouxinoes suspirando?

Porque te esqueces da valsa
E dos largos corredores,
Onde, ao passar, teu vestido
Tombava as jarras das flôres?

Porque te esqueces da sala
Onde as danças te sorriam,
Onde os magicos espelhos
Tua sombra reflectiam?

E da orchestra a que entregavas
Teu coração innocente,
Como uma folha de rosa
Levada pela torrente?

Ai! que mundos, sepultados
Por nós em triste abandono,
Te descobre a phantasia
No teu apparente somno!

São primeiro outras paragens,
N'aquellas côres banhadas
Que a gente, cerrando os olhos,
Vê nas sombras estrelladas!

São outros ceus, e outros montes
D'infinita luz cobertos:
São valles onde chegamos
Por mil caminhos desertos:

São lagos mais transparentes,
São arvores mais espêssas,
Debruçadas em silencio
Como outras tantas cabeças.

São novos rios, mais claros,
Reflectindo os floreos arcos
Sob os quaes treme nas aguas
A sombra inquieta dos barcos,

Que, ao som dos cadentes remos,
Em noite saudosa e bella,
Á luz da lua perpassam
Tendo na prôa uma estrella.

São nayades d'alabastro
De Paros roubado aos montes
E em cujos labios de pedra
Ressaltam, borbulham fontes;

São, de mais profundas selvas
Em mais espaçosas ruas,
Recintos de folhas verdes
Cobertos de estatuas nuas.

São novas salas, mais amplas,
Cingidas de novas galas,
Com mil porticos doirados
Abrindo sobre outras salas.

Musicas são, que não sahem
Dos sonoros instrumentos,
Onde se estorcem convulsas,
Como nas tubas os ventos,

Mas que se estendem em jorros
De delirante harmonia
Por invisiveis espaços
Onde a noite é como o dia:

São repuxos de mil côres,
Gyrando como serpentes
No ar, e depois espargidos
Em conchas mais transparentes.

São jardins vistos ao longe,
Por luminosas arcadas,
Como as paisagens que existem
Nos velhos livros pintadas.

Depois inda, em vôo immenso,
Os sonhos em que te absorves,
Elevam-te a phantasia
Á luz, ao seio dos orbes!

E são infinitos plainos
Que Deus d'estrellas povôa,
Onde o espirito liberto
Canta e brilha, adora e vôa!

São mundos, que revolteam
N'aquelles vacuos profundos,
E atravez dos quaes a gente
Inda descobre outros mundos!

São pontos de luz ao longe,
Ao perto abysmos de fogo;
O olhar, que os fita um momento,
Cega, aniquila-se logo.

São vagas d'um mar ignoto
Das quaes não morre nenhuma,
Sem espargir nos espaços
Mil estrellas por espuma.

Ai! virgem dos sonhos loucos,
Virgem, não subas tam alto!
Accorda. Os eccos do monte
Despertam em sobresalto.

Accorda. A orchestra de novo
Chama dos bailes a filha...
Já se alastra o chão de flôres
Aos pés da extrema quadrilha.

Compõe á pressa os vestidos,
As tranças compõe á pressa;
O enfeite de madresilvas
Cinge de novo á cabeça.

Vae, corre: o delirio acaba!
Corre ao salão que te espera;
Outra vez empresta ao baile
O fulgor da primavera.

D'aqui a instantes, na sombra,
O palacio estará mudo,
Os candelabros extinctos,
Desfeito, apagado tudo.

Vae, corre. A luz nova e clara
Do alvor da aurora não tarda;
Do teu leito á cabeceira
Chora o teu anjo da guarda.

Ao baile, ás festas, á dança,
Volta e volta sem demora.
Quando entrares no palacio
Ha de entrar nos ceus a aurora.

O sonho que tu sonhavas
Era impossivel. Murmura
N'esse vôo imaginario
O presagio da loucura.

Não queiras entrar na sala
Co'as tranças soltas ao vento,
Baço o olhar, roixos os labios,
Sem voz, sem entendimento.

Deixa aos poetas o fogo
D'esse delirio incessante.
Nós, loucos, vivemos d'isso,
Por esse mundo brilhante,

E lá creamos ás vezes,
Com arrojos inauditos,
As imagens que povoam
Nossos ermos infinitos.

Somos nós que precisamos
D'esses mundos, evocados
Pelo *fiat* assombroso
Dos prophetas inspirados.

Somos nós em cujas frontes
Todo esse fogo rebenta,
Que parece sacudido
Dos fachos d'uma tormenta!

Foge, pois, d'este delirio
Em que teu animo abrazas;
Foge de vôos tão altos
E deixa-os a quem tem azas.

Não azas de archanjo triste,
Como as que vejo em teus hombros,
Mas d'aguia, que nos levantam
Ao meio de taes assombros!

Para ti a luz do baile,
Tem mais encanto, é mais bella:
Para nós todos os lustres
Não valem mesmo uma estrella.

Volta, pois, ao baile, ás festas,
A' luz, ás valsas, ás flores,
E deixa os sonhos ignotos
Aos curvados scismadores!

Depois, se um de nós, á noite,
Passar por deserta rua,
Co'as roupas em desalinho,
Co'a fronte pallida e nua,

Tu, se então voltares triste
Do seio inquieto do baile,
Esconde o bello sorriso
Nas alvas prégas do chaile:

E, lembrando-te dos mundos
Que imagináras ha pouco,
Murmura comtigo mesma:
« Pobre louco, ai! pobre louco! »

Porto, 15 d'agosto de 1864.

VI.

A UMA MULHER.

VICTOR HUGO. — FOLHAS D'OUTONO. —

Mulher, se eu fosse rei, daria os meus estados,
Daria as vastas naus que mal cabem no mar,
O carro, o sceptro, a c'rôa, os banhos perfumados,
E os povos que a meus pés mal cabem ajoelhados,
Só por um teu olhar!

Se fosse Deus, trocára os córos vagabundos
Dos anjos infernaes, das phalanges do ceu,
E do profundo abysmo os ambitos profundos,
A eternidade, o espaço, o mar, a terra, os mundos,
Só por um beijo teu!

Porto, 2 de março de 1859.

VII.

HA DEZ ANNOS.

— Do passado co'as lembranças
Inda est'alma se commove: —
Tinhas seis annos: eu nove...
Eramos duas creanças.

Eramos duas creanças,
Louras, risonhas, inquietas;
Tu atraz das borboletas,
E eu atraz das esperanças...

Nas velhas ruas da quinta
Que brincar! fazia assombro!
Eu co'a mão sobre o teu hombro,
Tu co'a mão na minha cinta,

Corriamos o arvoredo,
D'onde as aves espantadas
Ao som das nossas risadas
Fugiam cheias de mêdo.

Um pintor faria um quadro
D'immensa melancolia,
Se nos visse, em fins do dia,
Sentados na cruz do adro.

Hoje, essa historia define-a
Um cypreste... por memoria!
Nós tivemos uma historia
Como a de Paulo e Virginia.

Porto, 18 d'outubro de 1863.

VIII.

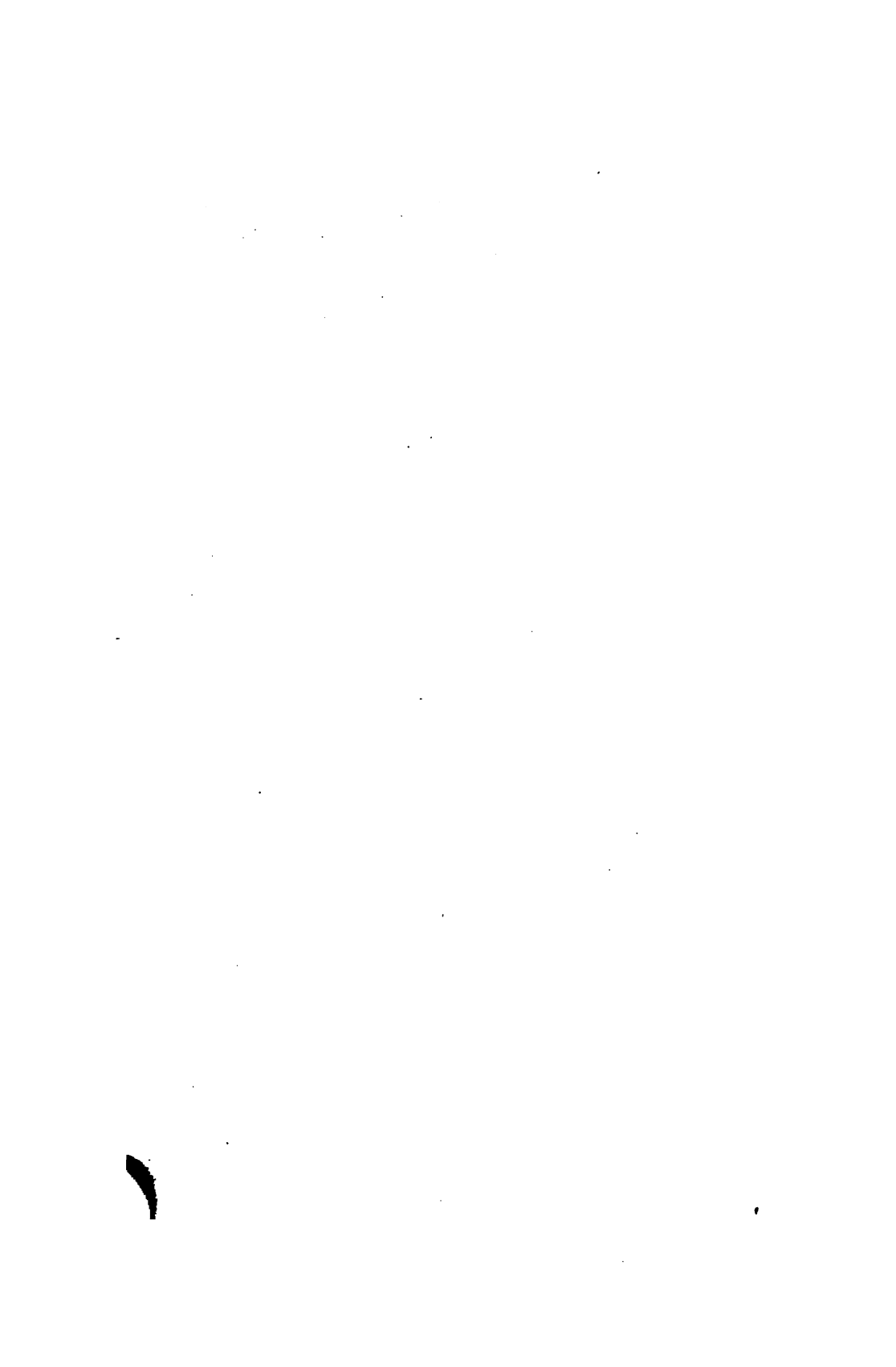
AURORA.

Abre a tua janella ás esperanças minhas,
Aos aromas da balça, á voz das andorinhas,
E ás brisas da alvorada, e á luz do novo sol!
Não ouves que te espera o mesmo rouxinol
Que sempre de manhã, no fim da tarde e á noite
Busca no teu jardim um ramo onde se acoite
Para dizer-te — Vem! — para chamar por ti?
Não tardes a escutal-o: é tudo festa ali!
Tu deves encontrar nos choupos do caminho
Uma alma em cada som, mil sons em cada ninho!
Espelha a fonte o azul da abobada dos ceus:
Tu'alma espelhe o amor — esse outro azul que Deus
Occulta dentro em nós como uma cousa santa.
O orvalho da manhã scintilla sobre a planta;

Ha bençãos pelo espaço, as bençãos do Senhor
Que descem para a terra em canticos d'amor.
O ceu é bem mais claro, a brisa é bem mais fresca:
Ao longe, no horisonte, uma barca de pesca
Principia a mostrar-se entre as brumas do ar,
E, ao vento que desgrenha as cans do velho mar,
As vélas já soltou como se fossem azas.
Refulge em tudo o sol, nos campos e nas casas
Que mal se podem vêr por entre os pinheiraes.
Vem, não tardes assim! Vem, não esperes mais!
Amar custa bem pouco, ao dôce murmurio
Das arvores em flôr, que estendem sobre o rio
Como dispersa trança os verdes ramos seus.
Nós fomos sempre irmãos dos passaros dos ceus,
E, ao rir da nova luz, sempre aos olmedos vamos
Sósinhos esperar que saha d'entre os ramos
Aquelle bando immenso, aligero, veloz,
Que, por fallar d'amor, encontra um ecco em nós!
Não sejas descuidada; abre a tua janella!
Já se extinguiu no espaço a matutina estrella,
E a estrella do teu quarto, a lampada, que tem
Doirado os sonhos teus, extingue-se tambem.
Não sejas, pois, assim. Eu quero vêr-te o rosto
Suave como o dia ás horas do sol posto;
Eu quero vêr na sombra a luz dos olhos teus
Vivos como este sol, azues como estes ceus,
E o riso que te alegra a face desmaiada...
Eu quero vêr-te, emfim, ó minha dôce amada!
Não sejas, pois, esquiva. Accorda co'a manhã:
Já toda a natureza espera a sua irmã,
E eu, que te amo na sombra, igual ao pó da rua
Que na esteira solar explendido fluctua,
Espero o teu fulgor para brilhar tambem,
Como o filhinho espera os abraços da mãe,
E as selvas a andorinha, e a flôr da ameno prado,
O abril, florido, esbelto e dôce namorado!

Ai! mostra-me o teu rosto e fulja o teu olhar!
Abre a tua janella — o veu do teu altar —

Solte-se a tua voz, o teu riso appareça,
E vem doirar ao sol a fulgida cabeça!
Verás, então, verás como rescende o abril
Em roda do teu corpo explendido e gentil:
Verás como a floresta, em arco triumphal
Sobre ti convertendo o brilho matinal,
Co'a susurrante voz, co'a tremula folhagem,
Ha de, em bellas canções, saudar-te na passagem!
Como serás então cercada pelo amor
Dos lagos e do ceu, dos bosques e da flôr!
Como por toda a parte as ondas da poesia
Aos pés hão de atirar-te a espuma da harmonia,
E como então minh'alma, ao som dos passos teus,
Para scismar em ti esquece o azul dos ceus!

S. João da Foz, 2 d'abril de 1864.

IX.

CANÇÃO.

Rosas brancas da campina,
Astros d'um ceu todo azul,
Perfumes vagos, saudosos,
Das larangeiras do sul!

Vós todos sobre nós ambos
Vossos dons vertei a flux:
Chova a fragrancia das rosas!
Chova dos astros a luz!

Chova tudo o que em vós nasce!
E de tu'alma, inda em flôr,
Sobre minh'alma, ó donzella,
Chovam torrentes d'amor!

Porto, 5 de janeiro de 1860.

X.

POST TENEBRAS.

(*AO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA*).

« A vida é o rastear do verme que procura
A chrisalida immensa onde o sepulchro está,
E que, se nas visões da sua mente obscura
Uma aurora entreviu, caminha para lá:

Caminha, e dando ao pó, co'a sombra que projecta,
Uma ideia fatal das sombras do porvir,
Pede, julgando assim a existencia completa,
Rasão, para entender; azas, para subir!

Não vê que, ao penetrar nas grutas do mysterio,
Do facho mais radioso o tremulo clarão
Finando-se de todo, ao vasto cemiterio
Por lhe ter dado a luz, redobra a escuridão.

Não deixa pela estrada um unico vestigio
Que o lembre aos que hão de vir, exceptuando o mal,
E crê que tudo é gloria, e espera que um prodigio
Lhe brade ao coração: — Fadaram-te immortal! —

Nem sabe que a sorrir do ardor que o enthusiasma,
Dos sonhos atravez — fatal desillusão —
A infatigavel morte — o livido phantasma —
Lhe prega uma por uma as taboas do caixão!

Como no mar do norte uma explendida ilha,
Que vê de longe o nauta ás vezes despontar,
Se elle a procura ancioso ante a enganada quilha
Foge, e apenas lhe deixa as solidões do mar,

Assim d'uma esperança ás vezes illudido
O homem se encaminha ao mundo que sonhou,
E o mundo, onde está elle? O oasis promettido?
A espuma interrogae: foi ella que o levou.

Não póde terminar dos corações a infancia:
Nada se mostra bem nas sombras ou na luz!
Ambas oscillam sempre, e tam pouca distancia
Da luz ás sombras vae, que estão na mesma cruz!

Ó crepusculo immenso! Antes da aurora estamos
Ou já findou a tarde, e a noite já desceu?
As aves do porvir que esperam n'estes ramos?
Devem adormecer ou voar para o ceu?

A duvida recresce a cada passo do homem
Como a sombra do olmedo ao resvalar o sol;
N'um invisivel manto o coração nos somem...
Será véo de noivado ou funebre lençol?

Uma alma, que procure a verdade radiante
Imita a ondulação do incenso pelo altar:
Ella nem sempre tem por onde se levante,
Elle nem sempre tem por onde suba ao ar.

Se um esquife transpõe d'alguma egreja a porta,
O verme que lá vae parece inda exultar,
E vê-se inda sorrir aquella face morta
Como se a illuminasse um raio do luar;

Mas ha n'este sorriso a contracção dos labios
Que a entrar assim no abysmo a blasphemia obrigou,
Ou a serena luz d'uma outra vida, ó sabios?...
Nem ao menos um ecco a pergunta encontrou!

Sempre na estrada a pó! Sempre nos ceus a bruma!
Quem um dia á certeza imaginou chegar,
Viu-a logo fugir como um floco d'espuma
Do concavo da mão que o levantou do mar.

Debalde o caminheiro ao limpido horisonte
Vae alongando o olhar — mudo investigador: —
Se ás vezes desce um raio a illuminar-lhe a fronte,
E' o mesmo que illumina a pedra, o musgo, a flôr.

E a pedra, o musgo, a flôr, as estrophes sagradas
Da iliada do Eterno, essas inda são mais;
Sem vida para a dôr, frias, inanimadas,
Não soffrem como nós, os reprobos fataes!

Nem mesmo quando, aberto o mundo dos assombros,
No livro dos teus sóes nós tentassemos lêr,
O' Deus, nem mesmo assim, com azas n'estes hombros,
Transpondo o vasto azul, podéramos saber?

Nem mesmo quando nós, pelo abysmo profundo,
— Aguias da immensidão — ousassemos voar,
E vissemos em baixo a figura do mundo
Como gigante mó n'um continuo rodar:

*

Nem mesmo então, Senhor, d'esse intimo segredo
Com nossa fragil mão rasgáramos os véos?
Pois as aves dos ceus procuram o arvoredo,
E não podemos nós procurar esses ceus?!

Não temos de passar do verme que se arrasta,
Qual prisioneiro vil, no lodo d'um paul?
Para encarar comtigo o ser homem não basta?
E' preciso ser aguia, aguia do teu azul?»

Alguem fallara assim. No entanto, um caminheiro,
Um phantasma, uma sombra, um atomo do pó,
Eu, que na multidão fui sempre o derradeiro
A duvidar do bem mesmo um instante só,

Ouvi, parei, tremi. Depois, lançando ao vento
Uma consolação a quem fallara assim,
Disse em quanto o Senhor no vasto firmamento
Espalhava, em resposta, as estrellas sem fim:

— Não temas que te esmague o pêso da materia,
Tu que pranteas tanto, escravo pela dôr;
Tenta chegar um dia a receber a feria:
Não te apoies ao mal. Sê bom trabalhador!

Quizeste em vã loucura, alma inda á terra prêsa,
Vês tudo que o Senhor te ha de mostrar depois?
E tinhas tu no olhar a precisa firmeza
Para encarar sem mêdo a luz do tantos sóes?

Não sejas impaciente! E' bom que suspendamos
Um pouco a nossa empreza e Deus assim o quiz!
Se á clara luz dos ceus se espanejam os ramos
Que importa a quem os vê que s'esconda a raiz?

Pois não te inspira nada um ceu cheio d'estrellas,
Um oceano d'espuma, um campo de verdor?
Pois queres igualar-te ás folhas amarellas
Que voam pelo ar dos ventos ao sabor?

Tu enroscaste ao peito um aspero cilicio
E não te apraz soffrer as dôres da afflicção?
Mas inda a tempo estás —junto do precipicio
Brota sempre algum ramo onde se apoie a mão.

Quem por este deserto a divagar se afoite
Verá, inda que Deus um astro lhe não dê,
Como a espuma do mar branca por entre a noite,
Branca por entre a dôr irradiar-lhe a fé.

Dizes que tudo é vão, philosophia cega!
Por descermos á terra involtos n'um lençol?
Mas quando o ouro está puro aos ventos não s'entrega
A cinza que ficou no fundo do crysol?

Como alguem que arrojasse uma pedra nas agoas
Para saber de longe a altura que ellas tem,
Tu, nas ondas sem fim das trevas e das magoas,
Lançaste o coração para as medir tambem!

Ai! salva-o, que perdel-o, é nos mares da vida
A bussola perder, é perder o timão:
Não vae ninguem sem elle á terra promettida...
Póde perder-se tudo, excepto o coração.

Não digas: Eu pensei, devo saber, portanto.
Pensar não basta ainda; é preciso esperar.
O cysne interior só desprende o seu canto
Quando a morte lhe diz que é tempo de voar.

Como um pobre romeiro, antes da madrugada,
Para resar um pouco e alegre proseguir,
Sentado no limiar d'uma egreja fechada,
Fica esperando alguem que venha a porta abrir,

Tu sentado tambem á porta do mysterio,
Espera um pouco mais que Deus te faça entrar.
Por uma fenda olhaste e viste um cemiterio?
Foi que o pintou alguem nos véos d'aquelle altar!

Que apostolo do bem sahe intacto da luta?
Deus sempre entrelaçou o espinho no laurel...
Socrates o brindava exgotando a cicuta:
Sorria-lhe Jesus quando bebia o fel!

Tu dizes que não crês n'uma existencia nova,
Por não a presentir dentro do seio teu.
Nem sempre a agoa do ceu, cahindo n'uma cova,
Azul como elle está póde mostrar o ceu...

Deve enlaçar-se á crença aquelle que se apresta
A deixar d'este mundo as horridas prisões,
E adornar-se d'amor como, em dias de festa,
Se adorna a cathedral de lumes e festões.

A entrada do sepulchro — a mysteriosa entrada
Que, sobre a noite aberta, ao dia nos conduz,
Torna-se para os bons uma brilhante arcada,
E veste-se d'esp'rança, e cobre-se de luz!

Por tanto espera um pouco, espera... espera... espera!
Na ceia de Jesus reservam-te um logar;
Astros d'um ceu azul, flôres da primavera,
Tudo verás surgir! tudo verás brilhar!

Eu tenho achado em tudo um natural instincto
De se escapar á noite onde vivido tem!
D'erguer-se, de florir, de procurar o plinto
Onde assentar um dia a columna do bem!

Querias vêr a luz? Inda é cedo... descança!
Não tarda que se eleve o fulgido arrebol:
Toda a duvida é nada ao pé d'uma esperança!
Toda a sombra não vale um reflexo do sol!

Porto, 15 de setembro de 1864.

XI.

FLORES SOBRE UM TUMULO.

Roseira de brancas flôres
Que pendes sobre esta lousa,
Deixa cahir teus perfumes
Sobre quem n'ella repousa.

Flôr mais pura que as estrellas
Era essa virgem querida,
Que veio pedir-te a sombra
Na primavera da vida.

Tive-lhe amor desde a infancia
E sei que dôce harmonia
Entre esse archanjo formoso
E o mundo todo existia.

Mas ai! se a luz das estrellas
Ainda os espaços corta,
Se a terra floresce ainda,
Ella — ai de mim! — ella é morta.

Sobre uma flôr chovam flôres!
Se n'este pobre moimento
Ninguem vem desfolhar goivos
Cubra-o de rosas o vento:

E a virgem que n'estes ermos
Passar da lua aos fulgores,
Fique sentada sobre elle,
A scismar nos seus amores.

Porto, 2 de setembro de 1859.

XII.

NO JARDIM.

Tu hontem no jardim mostravas-te mais franca,
Já sem a timidez que d'ordinario tens,
E, para a viração que beijava as cecens,
A aba da tua *talma* era uma aza branca.

Dava-te a natureza um mysterioso alento;
E o teu vestido azul, se o reflectia o lago,
Fazia-me esquecer d'esse outro azul mais vago,
Que involve lá por cima o curvo firmamento.

A luz do pôr do sol tornava-te vermelha,
Se no mosaico em flôr que expõe no chão o abril,
Corrias para dar-te o prazer infantil
D'ir puxar pela capa á tua irmã mais velha.

Depois, já fatigada, e rindo de ti mesma,
Tu vinhas descançar á sombra d'um arbusto,
D'onde, toda chorosa e tremula de susto
Desataste a correr, fugindo d'uma lesma.

Via-te eu d'um recanto onde estava, sósinho,
Absorto a contemplar o meio occulto sol
Por entre o fumo azul d'um charuto hespanhol,
E as arvores em flôr do proximo caminho.

Então fui procurar-te, a rir do estranho caso,
Por te vêr já contente e livre de receio
A' varanda de pedra, onde ás vezes eu leio
Algum triste romance, á luz triste do occaso.

— Que fazes? te disse eu: tu disseste-me: « Eu brinco,
Entretenho-me ou penso... Agora estou a vêr
O ceu, que me parece uma fornalha a arder,
E o mar que me parece um terraço de zinco... »

Veio-me isto lembrar que um dia, entre umas flôres
Que tinhas no teu quarto em cima d'uma meza,
Teu irmão descobriu, contente co'a surpreza,
Uma bella edição das — VOZES INTERIORES. —

E eu, pasmado, exclamei: = Podesses tu sabel-o,
O' Victor Hugo, ó Deus da nova creação!
E' a flôr do talento a sahir do embryão,
E o prenuncio da ideia, e o instincto do bello! —

E tu coraste muito, e eu não sei se te diga
Que tambem me senti algum tanto corado,
Quando te ouvi dizer, n'um tom envergonhado:
« Se contas isto a alguem, não sou mais tua amiga. »

O' mysterios sem fim! ó vastos oceanos
Onde a gente se perde em mil cogitações!
Pois quem podia crêr que d'entre as illusões
E as esp'ranças em flôr dos teus dezeseis annos,

Tu subiras tão cedo ás alturas supremas
Da escala da mulher, sendo inda uma creança!
Que tam cedo ao piano, aos bordados, e á dança
Preferiras sem custo os mais bellos poemas?

E o que mais faz pasmar é que tu não és triste,
E que sempre gostaste um pouco de brincar,
E que és muito travessa, e que todo o teu ar
Revela uma alegria á qual não se resiste.

Porto, 4 de junho de 1864.

XIII.

AMOR.

Olha estas velhas arvores frondosas
Que enchem de sombra a solitaria rua,
E esse chão de verduras, e aquellas rosas
Que dos muros se prendem curiosas
Para verem passar a imagem tua.

Não te diz tudo amor? Ouves? Suspende!
Lá derramam as aves pela selva
As dôces notas que tu'alma entende:
Vês? Mais pallido um raio a lua estende
Para beijar-te os pés na escura relva.

Quando sabem que vens, tudo prepara
Recepção festival, como se fosse
Cousa do ceu que por aqui passara;
Então a luz dos astros é mais clara,
Das florinhas o halito mais dôce.

Gorgea o rouxinol já de mais perto,
Gemem as auras melodioso idylio,
Em tudo ha um som de canticos incerto,
E do livro das arvores aberto
Chovem rimas d'Horacio e de Virgilio.

Eu pela tua mão, calcando a alfombra
Do verde musgo, absorto em sonhos vagos,
Scismo no teu amor que est'alma assombra,
E julgo que nos ceus por entre a sombra
Nos está rindo a estrella dos Reis Magos.

E' que, se a natureza, que te admira,
O musgo e o cedro, as rosas e o perfume,
Formam, para cantar-te, ignota lyra,
Nos seios de minh'alma outra suspira
Que mais poesia e mais amor resume.

Porto, 2 de maio de 1863.

XIV.

PHANTASMAS.

Quando ás horas caladas da noite
Buscam outros o seio das festas,
Eu nas ruas das grandes florestas
Vou scismar em profunda soidão.
E nos sonhos que est'alma adormentam
Vejo aquellas que ha muito estão mortas,
— D'outro mundo entreabertas as portas —
Resurgirem da lua ao clarão.

E entre os ramos da obscura alameda,
Ouço, ao longe, em paragens ignotas,
As trementes, dulcissimas notas
Que ellas soltam na aragem do sul;
E conheço as donzellas d'outr'ora,
— Largo côro d'archanjos celestes —
No tremer luminoso das vestes
Que se perdem na abobada azul!

Porto, 21 d'abril de 1863.

XV.

AO VÊR-TE.

Quando tu suspiras,
Eu penso escutar
Invisiveis lyras
A tremer no ar,
Ou, por entre as moitas
D'agreste caminho,
Dentro d'algum ninho
Aves a cantar.

Os teus olhos, filha,
Tem a mesma luz,
Que nos astros brilha,
Que nos ceus reluz,
Dôce claridade
De que a lua banha
Valles e montanha,
Mausoleus e cruz.

*

Voam-te co'as tranças
Soltas, ao desdem,
As tuas esp'ranças...
E as minhas tambem!
Voam-te co'as tranças
As longas roupagens
Como as das imagens
Que nos sonhos vem!

És como as figuras
Que um cinzel real
Grava nas molduras
D'uma cathedral;
És como as estatuas
Que apparecem nuas
Nas desertas ruas
D'um jardim feudal.

Todo o paraiso
Se abre para mim
Quando o teu sorriso
Me apparece emfim;
Quando, nos meus sonhos,
Sob a lua baça
Vejo alguem que passa
Murmurando assim:

— « Porque a fronte pendes
Triste scismador,
Sobre o mar, que entendes,
A ouvir-lhe o clamor,
Cujas longas vozes,
Quando a terra dorme,
Como orchestra enorme
Se erguem ao Senhor?

D'esse livro muda
Para os olhos meus:
Em minh'alma estuda,
Lá verás os ceus!
Lá terás o fogo
Que inunda as alturas....
Solta as azas puras!
Vem comigo a Deus!» —

E depois, se accordo,
Se, abraçado a ti,
Inda me recordo
Do que em sonhos vi,
Sinto que minh'alma
Toma um brilho mago
Como o azul do lago
Se a manhã sorri!

Porto, 3 d'outubro de 1862.

XVI.

Á LUZ D'UMA FORJA.

Eu vinha caminhando a passos lentos,
Absorto em mil visões, triste, a sonhar,
Ouvindo os ais dos lastimosos ventos
Que traziam de longe a voz do mar,

Quando, n'uns pobres restos de muralha
Onde viceja a madresilva em flôr,
Vi tremer ao clarão d'uma fornalha
A sombra de curvado forjador.

E escutei uma voz que me dizia:
— « Vae trabalhar, vae trabalhar tambem.
Prefere á luz serena da poesia
A luz da forja que prepara o bem:

Não tens em tudo uma officina aberta?
Trabalha, pois, e ás horas de dormir,
Verás tambem a tua fórma incerta
Nos clarões immortaes do teu porvir! » —

Porto, 24 d'abril de 1864.

XVII.

AO PARTIR.

Não mais, não mais scismaremos
Em nossos castos amores,
Ao som pausado dos remos,
Ao canto dos remadores:

Não mais no rio, onde treme
A larga esteira da lua,
Passará o estreito leme
Da nossa esbelta falúa.

Não mais, debaixo da ponte,
Sob algum arco mourisco,
Verêmos pelo horisonte
Do sol resvalar o disco.

Não mais, fitando as estrellas,
Que a luz nas agoas espargem,
Iremos sonhar com ellas
Entre os salgueiros da margem.

Ai! que magoa sobreveio
A'quella nossa alegria?
Quem nos arrancou do seio
Tanto prazer n'um só dia?

Mas lamentar-nos que importa
Se vamos partir em breve,
Se já nos alveja á porta
Do nosso dezembro a neve?

Adeus, rio, adeus, salgueiros,
Que suspiraveis comigo,
Dos nossos dias primeiros,
Primeiro, saudoso abrigo!

Adeus, serra arida e nua,
Cujo arruinado convento,
Em noites de clara lua,
Surge n'um ceu alvacento!

Adeus! Comvosco nos fica
Da vida a mais bella idade,
De tantas memorias rica,
Rica de tanta saudade!

Queira Deus que o mesmo affecto
Junte em breve outros amantes
No mesmo thalamo inquieto
Que nós buscavamos d'antes;

E que outra vez a corrente
Banhada no alvor da lua
Lhes baloice ternamente
A descuidada falúa...

S.ta Eulalia, 19 d'outubro de 1864.

XVIII.

A ERNESTO PINTO D'ALMEIDA.

A vasta inspiração dos homens como tu,
O' Ernesto, é sagrada; é como o seio nú
Das mães, onde pullula a seiva da existencia.
Lá bebe-se a instrucção mais do que na sciencia;
Ali acha-se Deus mais do que sobre o altar!
E como a gente diz que a inspiração é um mar,
E como em todo o mar ha perolas de preço,
N'ella encontra-se o bem, e o amor, e o progresso,
E tudo quanto é nobre, e santo, e justo, e bom!
Ha muito quem conheça o ouro pelo som,
Pois todos os metaes produzem sons diversos...
Eu conheço tambem tu'alma pelos versos.

Sei que és grave, e comtudo o austero meditar
Se permitte o soffrer, não prohibe o cantar!
Tambem ao fim do dia os olmeiros são graves,
E sentem pela coma um redemoinho d'aves
Que parece banhar-lh'a em hymnos festivaes!
Tu és um coração! — ninguem deseja mais. —
E quando ao lado teu da sombra eu te contemplo,
Vejo em ti um altar...
A tua casa é o templo!

A tua casa! Um dia abençoou-a Deus,
E quem deixa cahir os astros pelos ceus,
Quem deu ao campo a flôr e cobre as ruinas d'hera,
Encheu-a d'affeições, e luz, e primavera!

Se em noites de dezembro, ao pé do teu fogão
Te sentas a scismar; se em noites de verão
Recebes á janella os beijos da frescura;
Tu que tens inda n'alma a essencia da candura,
Ai! dize-me, ó poeta, o mundo interior
Não se abre para ti em canticos d'amor?

Tu vês, pouco distante, em grupo, uma familia:
Tu vês tuas irmãs — Elisa ao pé de Emilia —
Duas almas iguaes em dous corpos irmãos
Que parecem andar unidos pelas mãos;
Tu vês da mais pequena os oito abris risonhos
Povoados d'illusões, de esp'ranças e de sonhos;
Tu vês-lhe o longo olhar — reverbero do teu —
Dando ao tecto da sala apparencias d'um ceu,
E aquelle ar infantil e comtudo já serio,
Vaga concentração, que involve no mysterio
Muitas faces assim, onde eu costumo vêr
Na creança presente a futura mulher;
Tu vês de teus irmãos na fronte intelligente,
Como a luz atravez d'um vaso transparente,

Su'alma, e aquella pura e sagrada affeição
Que eu sei abençoar, por ser tambem irmão!
Tu vês de tua mãe no olhar sereno e puro
Os primeiros clarões do teu vasto futuro;
Tu vês-lhe no sorriso o orgulho que ella tem,
Se alguem falla de ti, de ser a tua mãe,
De ser quem te embalou na ondulação do berço,
Quem primeiro te abriu as portas do universo,
E quem te disse: « — A gloria espera: ó filho, vae!
Mas vae sem te esquecer d'aquella a quem teu pae
O cuidado legou de te roubar aos p'rigos... — »

Tu vês mais perto ainda um circulo d'amigos,
— Lyras de que o futuro ha de extrahir um som, —
Agrupados ali como n'um Pantheon.
Alexandre [1], o que vê na linha do horisonte
A luz que ha de dourar a mais humilde fronte
E que adora essa luz como os indios o sol.
Dias [2], o scismador, alma de rouxinol,
Que se anda a lastimar por esta soledade,
Abrindo em cada peito um ecco de saudade,
Casimiro d'Abreu nascido em Portugal.
Miguel Angelo [3], o artista, a cabeça immortal,
Onde está fermentando um futuro mais rico...
O homem que levantou o cadaver de Eurico
Para o dar no theatro ás grandes ovações,
Que cercam d'ordinario os grandes corações.
Custodio [4], alguem que sonha e pensa todo o dia
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lyrio do val
Aos raios do luar, aos raios do ideal;

---

1 Alexandre da Conceição, auctor das *Alvoradas*.

2 José Dias d'Oliveira, auctor da *Lyra intima*.

3 Miguel Angelo Pereira, compositor do *Eurico*.

4 Custodio José Duarte.

Que busca a inspiração no longinquo e no vago,
Que toma quasi sempre a attitude d'um mago
Perguntando o caminho ás estrellas do ceu,
E tem para cantar um modo todo seu.

Tu vês isto, ó poeta, e havias de calar-te?
Havias de viver n'um dos templos da Arte
Sem lhe prestar tambem a tua adoração?

Quem duvida de ti, não crê na inspiração!

Eu quando estou ahi, eu, alma que procuro
Tambem alguma luz, tambem algum futuro,
E o bocado do amor que toda a gente tem,
Eu, basta-me pensar em tua boa mãe,
Para vêr que em minh'alma a luz não se definha...

Pensando em tua mãe, eu lembro-me da minha.

Porto, 21 de Maio de 1865.

XIX.

MUDANÇAS.

A purpura do occaso
E as arvores da selva
Mosqueam, ao sol posto,
De sombra e luz a relva.
Assim o gôso e a magoa
Que em ti sempre apparece
Agora me illumina,
Agora me escurece.

Ás vezes penso eu vêr-te,
Banhada em luz estranha,
Ás horas do silencio,
Nos cimos da montanha;

Os veus do teu cabello
Trazel-os desprendidos,
E como em luz involtos
Os tremulos vestidos.
Ás vezes n'uma egreja
Teu vulto se levanta,
Como, atravez do incenso,
A imagem d'uma santa.
Então cingem-te a fronte
Do empyreo as rosas bellas
E o manto que te envolve
Recamam-n'o as estrellas
Ali, sobre a montanha,
Tristezas acalentas
E o brilho d'uma lagrima
Nos olhos apresentas;
Aqui, na egreja obscura,
Involve-te a alegria...
Uma expressão de jubilo
Nas faces te irradia!

Vens tu, formosa imagem,
Dos mundos em que eu scismo,
Ou sahes dos fundos antros
De pavoroso abysmo?

Em noites d'alva lua
Do ceu te precipitas,
Descendo como os astros
Das plagas infinitas,
E ou cortas a neblina
D'um azulado monte
— Phantasma que se eleva
No pallido horisonte —
Ou vagas silenciosa
No azul do espaço aerio
Igual ás virgens d'Ossian,
Involtas no mysterio;

E, em noites procellosas,
Nas serras pittorescas,
Que imitam com seus vultos
Ossadas gigantescas,
A's vezes te apresentas
Tomando as fórmas varias
Que a noite empresta sempre
A's nuvens solitarias!

E, quando os ventos fremem
Nas rugidoras mattas,
Quebrando em longos fios
A espuma das cascatas,
Como um leão hirsuto
Que, sobre o monte erguido,
Mandasse aos fundos valles
Um tremulo rugido,
Não ha quem te não veja,
Sublime, pavorosa,
Erguendo nos abysmos
A imagem mysteriosa!
Mas sempre uma tristeza,
Mas sempre uma alegria,
Nos olhos te prantea,
Nos labios te irradia.

E és bella nas mudanças
Do teu sublime aspecto!
O mar tambem ás vezes
E' bravo, ás vezes quieto.
O mar tambem ás vezes
Rebrame co'a tormenta,
E ás vezes um espelho
Nas agoas apparenta...
E eu amo essas mudanças,
Que as flôres da poesia
Abrem-se agora á noite,
Abrem-se logo ao dia.

E' bello o frio inverno,
De gêlos coroado,
Quando a torrente, ao longe,
Tem mais sonoro brado;
E é bella a florea quadra,
Quando a sorrir começa,
Com lyrios no regaço,
Com rosas na cabeça!

Por isso, ha longo tempo,
Minh'alma te procura
A' luz do sol explendido
Ou d'entre a noite escura;
Que tu, se agora inflammas
O fogo das procellas,
Tens logo o dôce brilho
Das limpidas estrellas!

Ai! sobe-te á montanha...
A lua já vae alta:
Nos luminosos cimos,
Só tua imagem falta.
Na magestosa egreja,
Levanta-te, perpassa,
Imprime a sombra tua
Na gothica vidraça!
Recorda-nos, do monte
Nas floridas paragens,
Do tempo dos druidas,
As candidas imagens!
Confunde-te, na egreja,
A' sombra dos altares,
Co'os anjos, esculpidos
Nos doricos pilares!
Mas sempre uma tristeza,
Mas sempre uma alegria,
Nos olhos te prantee,
Nos labios te sorria!

Se, ás vezes, te levantas,
E imprimes os teus rastros
Na abobada serena
Coberta pelos astros;
Se ás vezes te despenhas,
E deixas os indicios
Da queda luminosa
Nos grandes precipicios;
Visão, onde te escondes?
Archanjo, onde te elevas?
Ai! quer te refugies
No abysmo, em fundas trevas,
Quer vôes nos espaços
Em que minh'alma scisma,
Tu és como os diamantes
Olhados por um prisma.

Porto, 2 de julho de 1862.

XX.

RAIO DE SOL, RAIO D'AMOR.

VICTOR HUGO — CANTOS DO CREPUSCULO. —

Oh! não insulteis nunca uã mulher perdida...
Quem sabe a que infortunio a pobre alma cedeu?
Quem sabe quanto tempo a infeliz combateu
Contra a fome, no inverno, até que foi vencida?
Se o vento da desgraça a virtude lhe abala,
Qual de nós não viu inda uma pobre mulher,
Com suas debeis mãos, querendo-se suster
A' borda d'esse abysmo, onde vão despenhal-a,

Como á beira d'um ramo, em profunda alameda,
Uma gôta de chuva, onde o sol vem brilhar,
Se o tronco oscilla e treme, a tremer, a oscillar,
Perla antes de cahir, lixo depois da queda?
Ricos, a culpa é nossa: é do vosso dinheiro!
Inda essa gôta em si tem agoa pura só,
Mas, para que outra vez ella saia do pó,
E volva á limpidez do seu brilho primeiro,
— E' como tudo volve ao primeiro explendor —
Basta um raio de sol! basta um raio d'amor!

Porto, 4 de janeiro de 1864.

XXI.

MORTA!

As rosas da tua infancia
Murcharam-se bem depressa;
Bem cedo a tua cabeça
No ataúde se escondeu!
Deram-te o frio sudario
Em vez do manto dos noivos;
Deram-te da morte os goivos
Pelas rosas do hymeneu.

Tinhas quinze annos — a idade
Em que do ninho acordamos,
Se da noss'arvore os ramos
Estão cobertos de sol...
Quinze annos — abril e flôres! —
Aurora d'um dia lindo!
Quinze annos! — e eis-te dormindo
Nas pregas do teu lençol!

Quando ha pouco te sentavas,
Tu, e as tuas companheiras,
Debaixo das carvalheiras,
Do valle na relva em flôr,
Ou quando, á beira do lago,
Todas alegres creanças,
C'roaveis com vossas danças
Dos outeiros o verdor;

E, se alguem vos espreitava,
Medrosas e envergonhadas,
Ieis fugindo ás risadas
Como, buscando os casaes,
Um longo enxame de pombas,
Que o mais leve ruido espanta,
De repente se levanta
D'algum salgueiro do caes —

Quem diria que tão cedo
Morta estarias, ai! morta!
Já sem côr, sem luz, absorta
N'um somno que não tem fim!
Que tão cedo a luz fugira
D'esses teus olhos serenos?
— Ai! tu duraste bem menos
Que as flôres do teu jardim! —

Eras tão pura e tão bella
Com teu continuo sorriso!
Os anjos do paraiso
Não têm de certo mais luz!
E hoje morta, inerme, fria
Como a estatua que te chora,
Repousas, dormes agora
Debaixo da eterna cruz!

Repousas, dormes, e tudo
Foi seguindo o seu caminho...
Abraça-se á flôr o espinho,
Junto á luz as trevas são:
Inda o ceu d'azul se veste,
Inda abril a terra esmalta...
Tu... morreste, e nada falta
A' brilhante creação!

Não! Mas falta muita cousa
Em teu ninho, ave fugida!
Falta o prazer, falta a vida
De teu lar em derredor:
Já não doura aquelles muros
O sorriso do costume...
— Ai! tambem foge o perfume
Quando cahe, myrrada, a flôr! —

E eu por mim na sombra espessa
Do tumulo em que descanças
Deixei cahir as esp'ranças
Que me soubeste inspirar,
E hoje, naufrago sem rumo,
Só vejo na praia, erguida,
A cruz da tua jazida
Por entre as ondas do mar!

Porto, 5 de julho de 1859.

XXII.

DIANTE D'UM CRUCIFIXO.

Christo pallido e morto, os Lazaros esperam!
Abre de novo ao sol os olhos já sem luz...
Sólda as f'ridas sem fim que as lanças te fizeram,
Desprende as hirtas mãos dos braços d'essa cruz.

Que fazes tu dormindo, ó redemptor sombrio,
Mal envolvido, assim, nas pregas d'um lençol?
Estás sempre tão baço! Estás sempre tão frio!
De que te servem, pois, tantos raios do sol?

Acorda, ó Christo, acorda! A humanidade immensa
Na sombra andou perdida em procura de ti,
Até que aos ramos nús das arvores da crença
Veio a folhagem nova, onde a esperança ri.

Quando tu, ermo e só, pelo mundo passaste,
A semente do bem cahiu da tua mão;
Cahiu, e a nossos pés, do arbusto que plantaste,
O vento espalha agora os fructos pelo chão:

E tudo vae seguindo o mysterioso rumo,
A' formidavel luz de mil innovações,
Ao ruido dos comboys, que entre nuvens de fumo
Conduzem o progresso atravez das nações.

Refulge a ideia em tudo! Os templos do trabalho
Enchem-se de clarões, de vozes, de rumor,
E da quente bigorna, onde resoa o malho,
Sahem constellações de vivido fulgor!

O patibulo cahe! Levanta-se a justiça;
E, atravez do sendal, percebe a nova luz!
O pobre é já melhor: não o morde a cubiça,
Veste-lhe o seio a fé, se inda tem os pés nús.

As creanças sem pae... Santa e bemdita esmola!
Esses orphãos do mundo, esses anjos de Deus,
Acham emfim aberto o sacrario da eschola,
O ninho onde o futuro ensaia os vôos seus!

E a fronte magestosa, a fronte que os espinhos
Toda occultam em si como a tua, Senhor,
Como um ramo que verga ao pêso dos seus ninhos,
Das ideias ao pêso inclina o scismador.

Mas inda assim, acorda! Ha muito quem duvide,
Quem julgue ter o fim onde o principio tem,
Quem veja á sua porta emurchecer a vide,
Quem diga, vendo o pó: «Eis o que eu sou tambem!»

São esses, pois, ó Christo, os Lazaros que esperam.
Esses em cujos ceus a aurora não sorri,
E a quem tu, devassando a noite a que desceram,
Tens de bradar bem alto: « O' Lazaros, surgi! »

Vem dar-lhes uma esp'rança. O abysmo é tenebroso,
E a sombra envolve tudo áquelle que desceu...
Só tu pódes erguer o véo mysterioso:
Vem, pois, erguel-o, ó Christo, e mostra-lhes o ceu!

Porto, 8 d'outubro de 1860.

XXIII.

A ADOLPHO AUGUSTO RODRIGUES.

E' triste em plena aurora, á luz do quadro
Mais risonho da vida, ebrio d'amores,
Dos annos na verdura,
Descer sósinho ás solidões d'um adro,
E, como um vaso d'esquecidas flôres,
Rolar na sepultura.

E' triste ao que sonhou, e teve esp'ranças,
E andou nas illusões, continuo absorto,
Que a mocidade encerra;
Levado da existencia em ondas mansas,
Ir-se de praia em praia, e achar no porto...
Sete palmos de terra!

Ser moço! Erguer o olhar ao firmamento!
Vêr do horisonte seu na escura linha
Um clarão inda vago,
E morrer, como a flôr que esfolha o vento...
E passar, como a sombra da andorinha
Sobre o crystal d'um lago!

Que precoce infortunio! Ai! pobre amigo!
Tu como a flôr, como a andorinha foste,
E és hoje uma lembrança:
E's um nome — epitaphio d'um jazigo. —
E já nem resta mesmo onde se encoste
A derradeira esp'rança!

Aurora que irradiou em ceus serenos,
Foi-te a vida a harmonia d'uma endeixa
E uma nuvem sem mancha!
Passou... e atraz de si nem resta ao menos
A ardentía fugaz que ás ondas deixa
A quilha d'uma lancha.

Passou... Dormes agora em fundo somno!
Cobriram-te da noite as sombras densas
Do espaço as mil espheras!
Se voltasses que vias? No abandono
Mortas as illusões, mortas as crenças,
Mortas as primaveras!

E tua mãe? Silencio ante esse vulto
Ajoelhado no pó d'um cemiterio,
Co'os olhos já sem brilho,
Similhante a um cadaver insepulto,
Que ao coveiro esqueceu, no chão funerio,
Junto á campa do filho.

Silencio ante a mulher que um filho perde!
Cada pranto dos mais, cada conforto,
A magoa lhe renova.
— Ramo que viu cahir o fructo verde,
O coração da mãe e o filho morto
Descem á mesma cova!

Teus irmãos?! Que saudade immensa opprime
Aquelles cuja infancia á tua unida
Correu, serena e pura!
Que impenetravel dôr! Que dôr sublime!
— Eu sei, eu sei o quanto doe na vida
Tamanha desventura. —

Brincar juntos na infancia! A' mocidade
Unidos appar'cer, co'as mesmas flôres
Engrinaldando as frontes!
Fitar, sorrindo, a mesma claridade
No mesmo sol, e os mesmos resplendores
Nos mesmos horisontes!

Depois, na aspiração dos verdes annos,
Subir, n'um vôo igual para os espaços,
Do amor fraterno ao cumulo:
E depois inda, á voz dos desenganos,
Sentir um pobre irmão d'entre seus braços
Resvalar para o tumulo!

Que magoa para nós, quando, curvados
Então sobre o ataúde, inda o chamamos,
Vêl-o a final sem vida!
Ave que junto a nós voou nos prados,
Que procurou comnosco os mesmos ramos,
E que lá vae... fugida!

Mas — quem sabe? Talvez inda outra fronte,
Vergando sob a dôr, se incline agora
Na tua sepultura:
Talvez se te apagasse no horisonte,
Ao primeiro fulgor da eterna aurora,
Mais uma estrella pura;

A estrella dos amores, alva e linda...
A unica talvez que a vida alegra
E á noss'alma responde;
Que na sombra mais vasta explende ainda,
Mas que, ao passar da morte a nuvem negra,
Para sempre se esconde...

Tudo! E não basta mais que um breve instante
Para tudo acabar? — Fatal mysterio
No tumulo encoberto... —
Que importa o sonho d'um porvir brilhante?
— Ai! o porvir é longe: o cemiterio,
Esse fica mais perto... —

Adeus! Outros, á volta do ataúde,
Te disseram o adeus da despedida
Em magestoso templo;
Eu não! Eras na flôr da juventude,
E eu sinto estranha dôr, quando sem vida
Um mancebo contemplo!

Venho, pois, sobre a campa silenciosa
Dizer-te o extremo adeus — o adeus do amigo
Nos momentos solemnes.
Talvez me escutes inda a voz saudosa:
D'entre as pavidas sombras do jazigo
Talvez inda me acenes...

Adeus! Cedo estes ais verás dispersos...
Nem minha triste voz aqui se estende,
Nem perturba teu somno;
E, se eu te vim deixar piedosos versos,
São meus versos as folhas, que desprende
Das arvores o outono.

Porto, 1864.

XXIV.

A INFANCIA.

— VICTOR HUGO — CONTEMPLAÇÕES.

O menino cantava: a mãe no leito
A ingenua fronte reclinava triste:
Sobre ella as azas estendia a morte
E eu ouvia esse canto e esses lamentos.

Tinha apenas cinco annos o innocente
E, junto da janella, os seus brinquedos
D'um festivo rumor o quarto enchiam:

E a mãe — pobre mulher! — ao pé do filho,
Que as rosas infantis ia colhendo,
Vertia a furto silencioso pranto.

Depois foi repousar nas frias lagens
Do solitario claustro, e o pobre infante
Seus cantos festivaes ergueu mais alto...

Ai! a dôr é um fructo:
— A Providencia
Não o deixa crescer n'aquelles ramos
Que o pêso d'elle derrubar podéra.

Porto, 13 d'agosto de 1859.

XXV.

VIAJAR... SONHANDO.

(AO MEU AMIGO J. DIAS D'OLIVEIRA.)

Mil viagens ás terras do occidente
Faço-as eu, quando o sol roxea os mares,
E, occultando metade ao globo ardente,
Me traz á ideia a cupula explendente
D'alta mesquita recortando os ares.

E' lá que os sonhos meus, flôres d'um dia,
Abrem o calix, em fulgor submersos:
E' lá que vae nascendo esta poesia
Que tanta luz dentro em minh'alma cria,
Tanta illusão que vos traduzo em versos.

Legoas e legoas percorrendo em horas,
Quadros sem fim com meu olhar descubro,
E, ao brilho inquieto d'immortaes auroras,
Encontro mil visões encantadoras
Onde o sol vae descendo, enorme e rubro.

I.

Urna christã do altar de Deus roubada,
A Grecia eu vejo, em ruinas denegridas,
Lá onde o alfange derrubou a espada,
Onde vêmos a cruz despedaçada
Sob o galope dos corceis numidas.

Jazem por terra ali as artes santas,
O templo do Senhor dorme em socego,
Crescem por seus degraos bravias plantas,
E, á luz do ceu, por entre ruinas tantas,
Avulta, informe ruina, o povo grego.

A egreja transformou-se na mesquita!
Transformaram-se os elmos em turbantes!
Hoje qualquer sultana favorita
Aos pés do seu corcel, que o freio irrita,
Levanta o pó de mil heroes gigantes!

E ei-las, Chio, a da florida videira
Que os pampanos estende sobre os mares;
Corintho, das mais bellas a primeira;
Hydra, em cujos castellos a bandeira
Do tigre musulmano insulta os ares!

Além... mas quantas mais! Póde a Turquia
Reinar sobre tamanho vilipendio!
Inda a cinza do chão não está fria,
Inda os sangrentos lagos alumia,
D'espaço a espaço, a torva luz do incendio!

Mas não, ó Grecia, não! Das novas eras
O sol já para ti rasgou a bruma,
Quando do turco infame as cem galeras
Rebentaram, quaes subitas crateras,
Cobrindo ao mar azul de lava a espuma.

Longo tempo dormiste em fundo somno
Co'o alfange d'um vizir sobre teu collo,
Mas sahes emfim do lobrego abandono,
E os restos vis do espedaçado throno
Encontral-os aos pés, juncando o solo...

Foi um dia, um só dia de batalha,
E outra vez o teu peito ao ar respira,
E, á luz d'um novo sol, que em ti s'espalha,
Byron exulta, e a gelida mortalha
Sacode em vão para empunhar a lyra!

Mas lá diviso, ó Grecia, outra paisagem
Em cujos seios embrenhar-me quero:
Vae, pois, deixando a antiga vassallagem,
E, lembrando o passado, evoca a imagem
Dos teus filhos, cantados por Homero.

II.

Ei-la, a Stambul, e as cômas ondulantes
Dos seus jardins, em floridas arcadas
Encobrindo os marmoreos elephantes,
E o bello toldo azul dos seus mirantes,
Que são talvez habitações de fadas:

Ei-la, a noiva do harem, que se retrata
Do seu golpho nas agoas indolentes,
Que, ao desmaiar do dia, os véos desata,
E ao crescente das noites, côr de prata,
Mostra sempre, côr d'ouro, os seus crescentes.

Vêde-a, como é gentil! Como, entre flôres,
No seu leito oriental dorme serena!
Como em vasos cercados d'explendores,
Só para embalsamar os seus amores,
Queima o beijoim, os nardos, e a verbena!

Eu ouço-a, que, a dormir, canta e suspira
Trovas pagans mais lubricas do que ella;
Trovas cheias do amor de quem delira,
E que sahem talvez da ignota lyra
D'uma escrava que fita alguma estrella!

III.

O Egypto, o Egypto! Os fervidos sahâras
Onde o sol faz da areia um mar de chammas!
A ondulação das luminosas searas!
O Nilo, que atravez das ondas claras
Mostra, á noite, as explendidas escamas!

E' elle, o Egypto! Eu vejo os horisontes
Onde Bounaberdi [1] mudo passára;
Onde, como disformes masthodontes,
Se erguem ainda os gigantescos montes
Que o gigante da Europa aos seus mostrára!

Ei-las, as solidões onde, a intervallos,
Os arabes, passando a toda a brida,
Pendidos sobre os rapidos cavallos,
Julgam vêr inda os francos a assustal-os
Co'a voz dos seus canhões, depois da lida!

Adiante! adiante! a luz do sol desmaia,
E inda outros mundos percorrer me falta!
Vamos, pois, a transpôr a ignota raia
Dos sonhos meus, que na deserta praia
Já o brilho extremo a extrema penha esmalta!

---

1 Le nom de Buonaparte, dans les traditions arabes, est devenu Bounaberdi.
VICTOR HUGO, *notas ás Orientaes*.

IV.

Lá vae surgir Babel!... Mas desce a noite...
Depressa, ó musa!... em vão!... tudo se apaga!...
A andorinha procura onde se acoite,
E já dos ventos o disforme açoite,
Rugindo pelos ceus, desgrenha a vaga.

Teus sonhos orientaes, pobre poeta,
Perderam na amplidão seu largo rumo,
Volta ao descanço a phantasia inquieta,
E a visão, que chegado havia á meta,
Desfaz-se pelo espaço e morre... em fumo...

S. João da Foz, 5 d'agosto de 1863.

XXVI.

A UM ARTISTA.

A musica — estrophe santa
Do poema universal —
O coração nos levanta
A's regiões do ideal,
Co'as notas, intelligiveis
Só aos espiritos bons,
Dos rouxinóes invisiveis
Que nós chamamos os sons.

E o genio adora essas aves
Que vão pelo espaço além,
Ora languidas, suaves,
Como as canções d'ũa mãe;
Ora rapidas, ardentes,
Cheias d'estranho rumor,
Como a espuma das torrentes,
Com seu horrido fragor,
Galgando os despenhadeiros;
Como a voz dos vendavaes
Pelas ramas dos salgueiros
A quebrar-se em longos ais!

A multidão, que se agrupa
A escutar-te essa linguagem,
Pensa que, sobre a garupa
D'algum cavallo selvagem,
Vae comtigo, e que, no espaço,
Em galope desigual,
Mostrando-lhe vaes um traço,
Como o teu genic, immortal...
Ou pensa estar meditando,
E ouvir sobre ella a harmonia,
O suspirar meigo e brando
Das ondas, nos fins do dia;
Ou a voz triste do vento
Nas folhas dos laranjaes,
Ou das rolas o lamento,
A' noite, pelos pinhaes!

Porto, 13 de março de 1864.

XXVII.

PROGRESSO... [1]

— Caminhar! Caminhar! — Era, d'instante a instante,
A voz que se escutava onde o Judeu Errante
Ia, espurio fatal, do seu destino empoz...
— Caminhar! Caminhar! — é inda a mesma voz
Que a seguir para a luz, e a embrenhar-se na aurora
Incita a humanidade, — o Ashavérus d'agora;

---

(1) Estes versos foram expressamente escriptos para serem recitados pelo actor Taborda, no theatho de S. João, em espectaculo de gála, no dia em que se inaugurou no Palacio do Crystal a exposição iuternacional do Porto.

Do tempo que passou a ignorancia era o deus;
Debalde alguem lutava: os horridos Anteos
Do crime, iam buscar na queda alentos novos;
Era o vil despotismo o Cáucaso dos povos
E era abutre a ambição dos reis. Torvo e fatal,
Negrejava um Philippe em cada Escurial,
E, como em tudo havia um involucro falso,
Patibulo era o throno e throno o cadafalso!
Nas sombras d'essa Historia inda a espaços se vê
O vermelho clarão d'algum auto da fé,
E nas fundas prisões, onde os santos nasciam,
Se o potro interrogava, os ossos respondiam!
Hoje, não! Hoje o sol do amor, da paz, do bem,
A terra fecundou como um seio de mãe.
Hoje a fórma do Mal, Satan, o anjo cahido,
O expulso, o condemnado, o errante, o foragido,
Perde o mundo depois de ter perdido os ceus,
E só póde esconder-se á cholera de Deus
Onde é preciso ainda o crime, o horror, a astucia,
D'um polo nos confins, entre os gêlos da Russia!
Hoje o Progresso é tudo! Um seculo immortal
Passa, á luz que lhe envia a púdica vestal
Do povo, a liberdade, a irmã gemea da vida!
Nas solidões do espaço uma voz foi ouvida...
— Caminhar!... Caminhar!...—dizia aquella voz!...
Se todo o mundo a ouviu, tambem a ouvimos nós,
Tambem! E ei-lo que surge, o bravo do Occidente,
O soldado da Cruz, impavido e valente!
Ei-lo altivo despindo o arnez, para vestir
A blusa do trabalho, a estola do porvir!
Ha muito para elle a cóta era um sudario...
Já guerreiro não é: já o vêdes operario!
Já lhe roxea a forja o vulto! Do thear
Já nas lides conjuga o verbo trabalhar!
Na praça onde se erguia a forca, ao novo alento,
Ou rebenta um theatro, ou surge um monumento!
Inda que velho e exhausto, o bom trabalhador
Não pára, não descança. Extranham-lhe o vigor,
Mas não sabem talvez que brota d'uma ideia!

E' que tambem aqui se escreve uma epopêa,
A epopêa da industria! E' que tambem aqui
Se prepara uma festa, e a festa é para ti,
O' povo, ó grande heroe, ó Deus da liberdade!
E' que a Europa bateu ás portas da cidade,
Onde tu, meu irmão, tens um solio real...
E ella, a cidade eterna, a mãe de Portugal,
Sempre a todos abriu, excepto á tyrannia!
E' que tambem aqui refulge o claro dia
Que ás mais nações da terra envia o novo sol,
Dia, que era inda ha pouco um pallido arrebol,
Mas que já hoje é luz immensa e deslumbrante!
E' que, n'estes confins, tambem, d'instante a instante,
Confundida no som dos ventos e do mar,
Se escuta aquella voz: — Caminhar!... Caminhar!...

Porto, 18 de setembro de 1865.

XXVIII.

A MIGUEL ANGELO PEREIRA.

Dante soube moldar na estrophe a santa ideia;
Phidias gravou-a em bronze e á pedra a transmittiu;
Raphael, com a luz que as almas incendeia,
Dando-lhe uma existencia, a tela coloriu.

Tu, como elles tambem, de gloria coroado,
Ouves cantar-te em roda uns espiritos bons,
E, ao sol da Arte sublime, ó sublime inspirado,
Tu dás á ideia a fórma invisivel dos sons!

*

XXIX.

A AFRICANA.

Vi-a passar, meia nua,
No dorso d'um elephante:
Doirava-lhe o alvor da lua
A lua do seu turbante.

A sua cohorte a seguia
A' volta, em duas phalanges,
E ao luar resplandecia
Como ũa selva d'alfanges!

Cercavam-n'a de respeito,
E a africana ia chorando,
E no escuro de seu peito
Viam-se as pedras brilhando.

A batalha era já finda,
E, á luz extrema do dia,
A pobre aguardava ainda
Quem para sempre dormia:

Todo o exercito vencido
Ao longe as planicies junca;
E o seu arabe querido
Não voltou, nem volta nunca!

Ai! africana, africana!
Se um europeu te adorasse,
E, na tua caravana,
Esses desertos cruzasse —

Não mais de pranto orvalháras,
D'esse teu pranto tão puro,
O collar de pedras claras
Que treme em teu peito escuro!...

Porto, 16 d'outubro de 1864.

XXX.

OSCILLAÇÕES.

I.

Conversemos um pouco:

A humanidade
Treme, ao sopro sem fim da eternidade,
Como, aos ventos do sul,
Na campina ondeando, a vasta messe,
Quando, ao beijo da sombra, empallidece
O firmamento azul.

Para ella, curvada e entregue aos sonhos,
Os tumulos são carceres medonhos,
Medonhas solidões,
E, da tarde entre os canticos suaves,
Ouve o surdo rumor de muitas chaves,
Abrindo essas prisões.

Que importa que os rochedos do Calvario
Vissem um dia o Christo solitario,
Núa a fronte, os pés nús,
Frio, e morto, e cuspido dos escravos,
Como um vil impostor, pregado a cravos
Nos braços d'uma cruz?

Em vão, mesmo entre nós, agora alvejam
— C'rôa de luz que muitos reis invejam —
As cans de José Droz...
Dos apostolos santos da verdade,
Hontem ou hoje — pouco importa a idade —
E' sempre a mesma a voz.

A sombra é sempre a mesma!

O largo muro
Levantado entre os homens e o futuro,
Quem o póde transpôr?
Para encontrar a perola, escondida
No fundo d'este mar que chamam vida,
Não ha mergulhador!

II.

Nero, onde estás, imperador romano?
Onde está teu sorriso de tyranno
Affeito a dominar?
Do sepulchro outra vez, ó Nero, assoma,
E nos clarões da incendiada Roma
Alegra o torvo olhar!

Hoje, és nada. Os teus servos, sem piedade,
Deixaram-te, sombria magestade,
Abandonado e só,
E, nas campas, o vento do passado
Tuas cinzas reaes ha misturado
Dos escravos ao pó!

Da jaula que chamaram Santa Helena,
Vencedor d'Austerlitz, de Wagram, d'Iena,
Surge, ó Napoleão!
Os imperios de novo aos pés derruba!
Sacode altivo a desgrenhada juba,
Indomavel leão!...

Ai! nem a pedra d'um sepulchro estreito
Póde já levantar o braço affeito
A impôr ao mundo as leis,
E o mar, o largo mar que tudo assombra,
Rir parece d'escarneo á torva sombra
Do tyranno... dos reis!

Colombo, inda te espera o mar profundo...
Vae pedir outra vez um novo mundo
Aos paizes do sol! —
Das florestas ao ecco adormecido
Manda de novo o tremulo rugido
Do leão hespanhol!

Vaidade. O teu reinado terminou-se!
Eras homem: ceifou-te a negra fouce
Do negro cegador...
Desceste ao pó dos seculos. Agora
Já quasi a descoberta o nome ignora
Do seu descobridor!

Richelieu, não durmas. A theara
De ha muito a receber-te se prepara,
O' velho cardeal!
Quebra do escuro leito o frio somno,
E vem tomar o ambicionado throno
Da santa cathedral!

Mas... dorme. Escravisadas pela morte,
As duquezas gentis da velha côrte
Sumiram-se tambem;
La Valiere morreu; Luiz descança...
E, vendo a tua estatua, a nova França
Lhe sorri de desdem!

Vós, Camões, e Petrarcha, e Tasso, e Dante,
Tomae de novo a lyra. Avante! avante!
A gloria vos bemdiz!
Laura interroga ainda as soledades!
Nathercia e Leonor choram saudades!
Suspira Beatriz!

Ah! Nem valeis sequer os grãos d'areia
Que revolve o Simonn e que inundêa
        Dos desertos o sol!
Já servistes aos vermes de sustento!...
Só falta que do escuro esquecimento
        Vos envolva o lençol...

III.

Tudo é cinza!

                    Herculanum, derrubada,
Como as folhas das arvores da estrada,
        A' voz de Deus cahiu...
Morta Pompêa está: como um diluvio
De fogo, a lava ardente do Vesuvio
        Na chamma a consumiu.

IV.

Vamos, faça-se a luz!

                         Esta parcella
D'amor, que em nós está, que doira a estrella,
        Que enche d'azul os ceus,
E' reflexo infinito que em noss'alma
Projecta a immensa luz serena e calma
        Dos olhares de Deus?

Quem duvída?—O infinito em nós se entranha...
Este raio de sol, que as almas banha,
Não se apaga jámais!
Ou da eterna manhã no alegre mundo,
Ou da noite sem fim no horror profundo,
Todos são immortaes!

Pois aquelle que espera, e sonha, e pensa,
Só havia de ter a sombra immensa .
Por principio e por fim?
Pois Deus acaso ao justo mentiria
Quando lhe prometteu sental-o um dia
Ao celeste festim?

Então ha de ser nossa a escura sina
Do mineiro que explora a funda mina
Sem o ouro encontrar?
A immensa creação — livro infinito —
Pela mão do Senhor só foi escripto
Para nos enganar?

Vêde: O pavido instante da agonia
Aguarda um moribundo: em cada dia
Lhe foge uma illusão...
Emfim! De mais ũa alma resgatada
Pelo seio da abobada estrellada
Começa a elevação!

Em quanto no cadaver frio e inerme
Escreve, rei dos tumulos, o verme,
Um terrivel =JÁMAIS=!
Do firmamento os véos alguem desprega,
E cada novo espirito que chega
Muda n'um astro mais!

V.

Verdade isto será? — Fundo mysterio! —
Pois se é todo um sorriso o cemiterio,
E a morte encerra em si;
Se as arvores, pendidas sobre as covas,
Riem, movendo as suas folhas novas;
Se a cruz de pedra ri;

E' possivel, meu Deus, que tudo acabe
Nos seis palmos de terra onde mal cabe
Um funebre caixão?
Lá, onde um vil coveiro ao pó nos lança?
E ha de a gente encontrar a flôr da esp'rança
Aberta em podridão?

Quem sabe se na flôr, que treme ao vento,
Nos sorri nossa mãe, e se o lamento
Dos vastos pinheiraes,
Nos traz, quando alta noite o espaço corta,
A voz da morta irmã? da esposa morta
Os lastimosos ais?

Que perguntas sem fim? Ninguem responde!
Deus em que nuvem negra assim se esconde,
O' alma, que o não vês?
Que no seio de tudo em vão penetras?
Que até no azul dos ceus achas as letras
Da palavra = TALVEZ = !

Tudo o que Deus formou, tudo é mentira?
Pois tens mesmo em teu peito a nova lyra
E não lhe ouves os sons?
Pois não sentes que a luz em que te abrazas
Gotteja, sobre ti, das brancas azas
Dos espiritos bons?

VI.

Prisioneira infeliz do velho muro,
A flôr, abrindo ao sol o calix puro,
Em que fica a pensar?
E a penha, onde uma aguia ás vezes pousa,
Não pergunta de certo alguma cousa
Ao seio azul do mar?

Tudo interroga, e pensa, e inquire, e sonda!
A espuma, sob a qual se encurva a onda,
Lhe diz: «Onde vaes tu?
Que mão nos traz assim n'um giro insano,
Como ás vezes eu trago um corpo humano
Desfigurado e nú?»

As arvores perguntam: «Quem nos move?»
As folhas, sobre as quaes o orvalho chove,
Dizem: «Quem chora assim?»
E a vergontea, dos ceus ao sopro immenso
Parece murmurar: «Deixa-me... eu penso;
Que queres tu de mim?»

Por isso, quando á noite o vento geme,
E do cedro curvado a fronde treme
Ao pêso dos bulcões,
Quando o ceu, sobre nós, é triste e baço,
Tudo que então se escuta, enchendo o espaço,
'São interrogações!

VII.

Tu, que banhas de fogo o horror nocturno,
O' gigante do ar, quem és? — «Saturno
O condemnado eu sou:
Deu-me Deus por desterro a immensidade,
E, como punição, d'eternidade
Os antros me inundou!» —

E tu, que sempre, á noite, erma te elevas,
Quem és? — «Venus eu sou. Domino as trevas!
Sou flamula d'amor!
As almas de poeta em mim se offuscam,
E sempre, ao vir da sombra, aqui me buscam
Os olhos do pastor!» —

Vós todos que deixaes ardentes rastros
Nos vacuos lá de cima, ó grandes astros,
Que sopro vos conduz?
Jupiter, e Mercurio, e Marte, e Sirio,
E' cada qual de vós acaso um lyrio
Que esse jardim produz?

VIII.

Cingindo os ceus de esbranquiçada listra,
Por sobre a cathedral, rubra e sinistra,
A lua appareceu...
Dorme serena a terra; o mar descança;
Como um largo sorriso d'esperança,
Azul e claro é o ceu...

Então ao ceu profundo, á lua enorme,
A' terra que descança, ao mar que dorme,
Eu, triste scismador,
Pergunto inda uma vez se, como eu penso,
Tudo que ali se vê é o brilho immenso
Da face do Senhor!

Debalde então pergunto a que alto ninho
Vae, da campa atravez, este caminho,
Se a gente o quer seguir,
Para se vêr depois ave, ascendida
Do immortal ás regiões, á luz, á vida,
Aos seios do porvir!

Debalde então pergunto onde, em que boca,
Nasce o alento vital que, se nos toca,
Ao bafo animador,
D'isto, onde ũa alma vive encarcerada,
— Materia, e podridão, e cinza, e nada —
Faz surgir uma flôr...

Ninguem sabe dizer-m'o...

A immensidade,
Coberta d'immortal serenidade,
E' surda para mim.
Debalde ao negro abysmo atiro a sonda:
A' onda, que passou, segue-se a onda
Por este mar sem fim!

Porto, 27 de janeiro de 1863.

XXXI.

SOBRE UM LIVRO DE VICTOR HUGO.

Quando, á noite, o suor da minha fronte enxugo,
E aos livros vou pedir um instante de paz,
Não sei que extranho ardor, se leio Victor Hugo,
O auctor das = ORIENTAES = ao coração me traz.

Brilha uma nova luz n'aquelle novo estylo!
Ora, é Napoleão calcando o mundo aos pés,
Ora, manso a boiar sobre as agoas do Nilo,
Como um nevado cysne, o berço de Moysés:

*

Ás vezes mesmo eu chego a recuar de susto
Pensando que no livro, onde leio a estudar,
Uma aguia levanta o seu vôo robusto
Dos antros d'um volcão que vejo rebentar!

Porto, 4 de novembro de 1862.

XXXII.

VERSOS ESCRIPTOS N'UM DIA SANTIFICADO.

I.

O' Pan, ó desertor do velho Olympo,
Que dos bosques no centro andas fugido,
Não te assustem meus passos; não te assuste
A minha voz soturna.

Eu tambem quero
Furtar-me, como tu, a alheias vistas;
Tambem quero aspirar os mil perfumes
Que ás moitas do alecrim os ventos roubam.

O' Pan! da tua flauta o som mavioso
Chame outra vez, do lago á beira, as náyades;
Outra vez os teus satyros se mostrem,
De relance, atravez das folhas verdes;
Surjam de novo as timidas napeias,
Em chusma folgazã, das ermas grutas,
E tu vem conversar (não tenhas mêdo)
Vem conversar comigo, emquanto os padres
Erguem ao Deus, que desthronou teus deuses,
O sangue de Jesus no calix d'oiro
E o corpo seu nas hostias, recortadas
Por boçal sachristão; emquanto o povo,
Submisso adora, e timido venera,
Alguem que o bom d'um papa ergueu a santo
Por haver torturado impios herejes
Da santa inquisição nos santos potros,
Ou por lhes ter crestado as duras carnes
Nos seus autos da fé...

Tu, que já viste
Venus, a mãe do amor, piscar-te os olhos,
E chamar-te formoso, e namorar-te,
Como aquelle pagão do Victor Hugo
Diz na = LENDA DOS SECULOS = ; que foste
O D. Juan d'estas floreas soledades;
Tu, que deves ter inda a felpa orelha
Bem marcada dos dêdos monstruosos
Do semi-deus que te guindou ás nuvens,
Por andares, sem pejo, entre o arvoredo,
Espiando a natureza, emquanto a bella
Banhava, em claro rio, as lindas fórmas;
Tu, que apertaste a mão por muitas vezes
Ao famoso Vulcano — ao que trazia
Sempre na face a rubra côr das forjas,
Quando, a mancar, atravessava o mundo;
Tu, finalmente, ó Pan, que tens por tua
A lyra monstruosa, a informe lyra
D'onde sahe o murmurio do universo,

Que tens por teus os enredados bosques,
Onde, ao nascer da lua, a voz dos druidas
Entoava, na sombra, aquelles cantos
Que nos disse depois o auctor da *Norma;*
O' Pan, tu deves rir muito á vontade
Quando um homem de capa e de sotaina
Ebrio, e cantando umas canções obscenas,
Sahe d'um bordel, para subir, na egreja,
Os sagrados degraus do altar do Christo!

II.

Muito varia o tempo!

O sacerdote
Era, a principio, o morador dos ermos;
O que lia nos ceus como n'um livro;
O vulto que os leões viam com pasmo
Atravessar os luminosos cimos
Ao clarão dos crepusculos; a sombra
Que, por fitar a luz, se confundira
N'essa luz; o propheta, o solitario!
Era-lhe templo o ceu azul, e os astros,
Os vigias da noite, eram-lhe cirios;
Altar, a rocha tosca; orgão sonoro,
O mar, o grande mar cheio d'espuma.
Fallava a sós com Deus; tinha por leito
As relvas da caverna, e sempre á noite
Algum fero animal vinha oscular-lhe
Os pés que f'rira, ao caminhar nas urzes,

Durante o dia inteiro; em cada monte
Achava uma tribuna ás santas prédicas.

Depois, o sacerdote, inda selvagem,
Baixou das solidões, e, entre as batalhas,
No pedestal da cruz gravou com ferro
A divisa fatal: = OU CRÊS, OU MORRES = ;
Ora, do sangue em que manchára as vestes,
Nasceu a corrupção.

Depois, mais tarde,
Veio o convento, e a paz com elle ao mundo.
Levantaram-se as artes: a pintura
Suspendeu das marmoreas sachristias
Os famosos paineis dos grandes mestres.
Das cathedraes nas rendilhadas grimpas
A architectura ergueu a fronte aos astros...
Depois... depois... os barrigudos frades,
Ao monotono som das resas santas,
Enterravam as santas iguarias
No tambem santo estomago. A sineta
Chamando ao refeitorio aquellas almas
Enchia a terra d'harmonia e bençãos.
Os abbades passavam pelo mundo
Como uns anjos de Deus, roubando ao povo
As filhas e o dinheiro; e o povo, extatico,
Ouvia, sob um pulpito, as historias
Em que o diabo apparecia sempre
Nas fornalhas do inferno, a arder em braza,
E, d'ouvil-as, benzia-se tremendo.

Depois, á rubra luz de mil fogueiras,
O ministro de Deus passou na terra
Magro pelos jejuns, e occulta a face
No sagrado capuz... da hypocrisia.
Então, sob as abobadas do claustro,

Quantos gritos de dôr mal soffocados!
Dos carceres no horror, quantos cadaveres
Iam dizer ao tumulo o segredo
Que não dissera o esmigalhar dos ossos
Ao potro, ás cordas, ao martello e aos cravos!
Quantos filhos sem pae! Quantas esposas
Pedindo ás cinzas o roubado amparo!
Quantas virgens, da noite entre o mysterio,
Prostituidas no leito sacrosanto
D'aquelles bons apostolos do Christo!

Hoje o padre é o truão da divindade...

III.

Eu estou vendo ao longe, ao longe, em sonhos,
A meretriz dos Cesares vendida
A's devassas paixões da santa curia!
Os vermelhos cardeaes, tropegos inda
Pela embriaguez do vinho e da volupia,
Lançam do Vaticano aos quatro ventos
A veneranda Encyclica do papa.
No entanto, ouvindo os eccos rumorosos
Das orgias sem fim que vão lá dentro,
Alguem, que houvesse adormecido, á noite,
Junto áquelle logar, diria ao mundo
Que adormecêra ás condemnadas portas
D'alguma casa da Suburra antiga.

IV.

Eu passei uma noite ao pé d'um adro,
A meditar na rude intolerancia
Dos antigos christãos, que aos outros povos,
Por meio do terror, a crença impunham,
Quando vi, sob a cupula celeste,
O crescente das noites meio occulto
Por uma cruz de pedra. Esse crescente
Cingia a fronte scismadora e triste
Do pallido Mahomet: na cruz pregado
Estava o Christo... e os dois rivaes sorriam.
E os perfumes do valle, os ais da selva,
Da convulsa torrente o agudo estrépito,
As aves a cantar pelos salgueiros,
E as estrellas do ceu, tudo saudava
O hymeneu dos dois symbolos.

No espaço
A Alliança abria as azas luminosas!

Em quanto os meus joelhos se dobravam,
E os labios meus se abriam n'uma prece,
A' vista do espectaculo sublime,
Os ministros de Deus, lembrando a custo
Dos prégados sermões as sans doutrinas,
Cobertos pela noite iam manchar-se
Dos alcouces no leito ou nas tabernas...

V.

O' Pan, desmaia a luz nos ceus longinquos;
Inclina um pouco o ouvido: aquellas notas
Que vem, na ondulação do vento, a espaços,
São as notas d'um sino; os camponezes
Descobrem-se ao passar d'essa harmonia.
E' tempo de partir; tu para os ermos
Onde gostas d'andar, sósinho, ás noites,
Contando os astros atravez das folhas,
Ou dos lagos á flôr, e aos sons da flauta
Prendendo o ouvido attento das florestas;
Eu, para o quarto obscuro, onde me aguardam
Michelet e Renan, dous bons amigos.

Porto, 10 d'agosto de 1863.

XXXIII.

DEPOIS DA BATALHA.

— *VICTOR HUGO — LENDA DOS SECULOS.* —

Meu pae, aquelle heroe de tão amavel gesto,
Um dia, ao pôr do sol, d'um combate no resto,
Seguido d'um *housard,* que estremava entre os mais
Por seu gigante corpo e seus feitos leaes,
Percorria a cavallo o sitio da batalha,
Onde já, como negra, enlutada mortalha,
Sobre os mortos sem fim vinha a noite a cahir;
Eis que julgou na sombra um ai queixoso ouvir.

Era um pobre hespanhol da vencida brigada,
Que, de rastros no chão, junto ao muro da estrada,
Sem forças, alquebrado, e prestes a morrer,
Bradava: — « Por quem sois, trazei-me de beber! »
Commovido meu pae de scena tão extranha,
Dando ao seu camarada o frasco de campanha,
Disse-lhe: — « Toma lá: vae-lhe a sêde apagar. » —
De repente, no instante em que o fiel *housard*
Dava ao rude estrangeiro aquella santa esmola,
Este, lançando a mão á c'ronha da pistola,
Contra meu nobre pae, jurando, a disparou:
Tão certa a bala foi que o chapeu lhe levou,
E assustado o corcel quiz galgar a parede.
— «Inda assim, disse então meu pae, mata-lhe a sêde. »—

Porto, 6 de setembro de 1864.

XXXIV.

A AGUIA.

I.

A aguia vae, levando fito
O olhar ardente e feroz
N'esse outro olhar do infinito,
No sol, que nos céga a nós!

Lá, d'onde as nuvens a somem,
Encara a terra... e tremeu!
— Na terra passava um homem:
A aguia pairava no ceu. —

N'isto um pendão, solto ao vento,
Mal surgiu sobre Pariz,
Ameaçou n'um só momento
Wagram, Marengo, Austerlitz!

A aguia das nuvens o espreita;
Vê-lhe o medonho avançar;
Medita um pouco, e, direita,
Desce n'um vôo sem par!

E, nas campinas desertas
Onde assomava a legião,
Ficou, co'as azas abertas,
Firme n'aquelle pendão.

Desde então, entre a matança,
Sempre esse espectro fatal,
Foi, na vanguarda da França,
Sobre o estandarte imp'rial!

Porém, voando entre as brazas
D'uma fogueira, em Moscou,
Quando ia a erguer-se nas azas
Na chamma as azas crestou...

II.

Santa-Helena, envolta em bruma,
Era um rochedo do mar,
Todo coberto d'espuma,
Gigante, nu, secular!

Foi ali, quasi sem vida,
Que ella pousou outra vez,
Céga, prostrada, abatida,
Aos pés do carrasco inglez!

O mundo entoava um hymno
De resgate, olhando os ceus...
Tudo bradava: — «E' o Destino!» —
Houve alguem que disse: — «E' Deus!» —

Porto, 13 de junho de 1863.

XXXV.

VOZES LONGINQUAS.

O MAR:

Vem! As ondas, á noite, andam cheias
De perfumes e sons e luar;
Vem! A' noite, as formosas sereias
Vogam sempre na tona do mar.

Vem! Dos astros, no azul embutidos
Mil scentelhas o mar reproduz,
E na praia, em cadentes gemidos,
Brando esparge uns diademas de luz.
*

Vem! Teus pés, sobre as finas areias,
Quer a espuma em delirio beijar;
Vem! as ondas, á noite, andam cheias
De perfumes e sons e luar!

AS AVES:

Vem! Nós somos o bando sonoro,
Que anda sempre a cantar pelos ceus;
Vem! Nós somos o timido côro
Das orchestras formadas por Deus.

Vem! Nós sômos as tuas amigas,
Cuja voz, n'estas noites assim,
Misturada co'as tuas cantigas
Se dispersa em teu floreo jardim.

Vem! As aves, á noite, em cantando,
Dizem cousas que fazem scismar;
Vem! Nós somos o timido bando
Dos poetas que vivem no ar.

O JARDIM:

Vem! As rosas, á noite, são urnas
Que trasbordam d'aromas aos mil;
Embalsamam-se as vestes noturnas
Dos archanjos nas rosas d'abril!

Vem! Co'a fonte, ao rochedo escapada,
Manda a lua uns diamantes correr,
E da nayade, á concha abraçada
Faz a imagem nas agoas tremer.

Vem! O lago murmura um segredo
Ao veludo das margens em flor,
E no seio do escuro arvoredo,
Tudo é calmo e tranquillo em redor.

O VENTO:

Vem! Sou eu que ás frondentes magnolias
Abro a flor, quando passas aqui:
Eu que gemo nas harpas eolias
Quando as ouves gemer sobre ti.

Vem! Sou eu que as procellas frementes
Solto ás vezes nos mares do sul,
E te deixo estes lagos dormentes
Como espelhos de limpido azul.

Vem! Sou eu que te levo ás trindades
Os tres sons da ermidinha d'alem,
Quando o archanjo das tuas saudades
Leva a Deus tuas preces tambem.

O VALLE:

Vem! Nas franças do curvo salgueiro
Anda, á noite, o ribeiro a brincar,
E, na lympha do claro ribeiro,
A brincar anda a luz do luar.

Vem! Nos ceus destacados, os combros
Tem no cimo azulado arrebol;
São phantasmas que trazem aos hombros
Um comprido, alvacento lençol.

Vem! Da gruta as antigas napêas
Já deixaram a ignota soidão,
E no valle, em ruidosas choreas,
Passam ledas da lua ao clarão.

A FLORESTA:

Vem! A' noite, a floresta é mais calma
Quando os ares são calmos tambem:
Dizem mesmo que os cedros tem alma,
Que tem alma as folhagens... e tem!

Vem! No centro das moitas floridas
Solta o vento uns tristissimos ais,
E, a cantar, junto ás aras dos druidas,
Já se escutam de longe as vestaes.

Vem! Talvez inda um fauno appareça
Por julgar-te uma deusa pagan,
E, entre as folhas mettendo a cabeça,
Faça ouvir sua frauta o deus Pan.

O CYPRESTE D'UM TUMULO:

O' florestas, ó ondas, ó ventos,
Vossos tristes murmurios callae:
Natureza, os teus grandes lamentos
São baldados! — A triste não vae!...

Porto, 12 de dezermbro de 1863.

XXXVI.

A UM POETA,

EM RESPOSTA A UNS VERSOS.

Se eu posso erguer-me á luz? Satyrica pergunta!
Tu sabes que eu não tenho as azas do condor...
A ignota mão d'alguem meus vôos desconjunta
E faz-me baquear por falta de vigor.

Eu sou aguia dos ceus? As aguias, meu amigo,
Seu corpo erguem tambem á immensidade calma,
E eu, para est'alma erguer, á terra do jazigo
Hei de atirar primeiro o involucro d'est'alma!

Dizes que eu amo o dia? E' certo: os membros lassos
Precisam de sentir a quentura do sol;
Na sombra um não sei quê me impede os ermos passos,
Pareço tropeçar nas prégas d'um lençol!

E' certo: eu amo o dia! o dia da esperança;
O dia que me inunda a fronte d'explendores;
O dia que me aquece; o dia que me lança
Aos pés a luz, os sons, os balsamos, as flores!

Mas tu não és assim. O alento que te nutre
Jamais foste pedil-o ás auras d'este ceu,
E a duvida tu vês pairar, como um abutre,
Por cima do rochedo, ó triste Prometheo!

Como procura o mocho a abobada das torres,
Quando a nascente aurora alveja no horisonte,
Tu foges para a sombra, e a estrada que percorres,
Não tem uma capella, um'arvore, uma fonte!

Porquê, se és moço ainda e tens a tua parte
Da ceia universal na santa communhão?
Cahiste, bem o sei, mas podes levantar-te;
O archanjo da poesia estende-te ũa mão!

Mineiro, em vez d'abrir á rocha o duro seio,
Arrojas para longe o debil utensilio,
E, em vez de procurar o recondito veio,
Tomas, co'a fronte baixa, a direcção do exilio?

Porquê? Fundo mysterio! Aquelle que o talento
Marcou, no impulso audaz, com mysticos signaes;
Aquelle em cujo olhar refulge o entendimento;
Aquelle cuja voz tem eccos immortaes;

E' esse o que as paixões fascinam e desvairam,
E ao ler-lhe a sina má, phantasticas bohemias,
Lhe ensinam a escrever epigraphes de Byron
No cimo das canções juncadas de blasphemías!

Pois tu vagaste um dia á beira do oceano,
Viste as ondas azues quebrarem-se-te aos pés,
E vens junto de mim soltar um grito insano,
E dizes-me: —«Eu sou pó... e sou o que tu és...»—

Pois lêste o livro santo, o livro do infinito,
Revolto ou calmo e em paz, segundo sopra o vento,
E vens, curvado e só, e, como Adão, proscripto,
Bradar-me: — «Eu já não posso olhar o firmamento?»

O mar não te ensinou, ás horas do sol-posto,
O nome d'esse Deus que ousaste renegar?
No manto do atheismo escondes o teu rosto?
A' luz do eterno sol fechas o teu olhar?

Pois tens lá dentro n'alma a eterna intelligencia,
— Carvão que purifica os labios ao propheta —
E fórmas para ti a base da existencia
Do nada — ouca palavra aos olhos do poeta?

Inunda-te a alvorada e tens a esp'rança morta;
Não vês uma só flor estando em pleno abril;
E foste lêr assim, de Roma sobre a porta,
O distico do monge, o escuro «*umbra et nihil?*»

Engano! A tua voz, perdôa que t'o diga,
Mentiu-te ao coração lançando aos quatro ventos
O brado qne lhes dá, morrendo de fadiga,
Um pallido viajor nos ultimos momentos...

Tu dizes: «Eu que trago a fronte desmaiada,
Eu vi, do Eden no humbral, o archanjo ameaçador
Erguer na augusta mão a flammejante espada,
E fez-me aquillo susto, e fez-me aquillo horror!»

Que importa? E' resgatar co'a esp'rança indefinida
O crime! — A aza da esp'rança á patria nos eleva!
E' transpôr sem receio a porta prohibida
Levando pela mão a despenhada Eva!

Que importa? E' sacudir aos ventos da alvorada
Todo esse escuro pó, que as roupas te cobriu,
E os rastros imprimir na senda abençoada,
Que Deus, obreiro santo, àgora nos abriu.

Tu fallas-me da cruz? — A cruz que eu tenho visto
Não é como a que vês a rir da humanidade...
A minha inda lá tem pregado um Jesus Christo!
A minha inda me diz: «Perdão e Liberdade!»

Tu fallas-me da cruz? A cruz, sobre o Calvario,
Rasgando o espaço azul, obriga-me a ajoelhar
Nos braços, que ella estende, o livido sudario
A esp'rança a quem descreu parece aconselhar.

O nada, eis a doutrina, o culto que professa
Tu'alma, essa immortal presa por uma algema,
Ao rei da creação roubando da cabeça
A c'roa magestosa, o fulgido diadema!

O nada! Eu nem refuto... Eu olho esse teu nada,
E scismo na ascenção de tudo para o bem,
E ao vir do novo dia, ouço, da minha estrada,
As aves a cantar nos alamos d'álem!..

Não sei que mau destino as crenças te retarda,
Tu vaes rasgando os pés no matto e nos abrolhos,
E, mudo, atraz de ti, o teu anjo da guarda
Rasgando-os vae tambem co'as lagrimas nos olhos!

Tu passas desdenhoso em frente d'uma egreja,
E, emquanto lá por dentro a voz das orações
Na abobada sombria a espaços rumoreja,
Tu mandas-lhe, ao passar, dos impios as canções!

Quem foi que te rojou no pó dos desenganos,
Quebrando-lhe sem pena as azas inquietas,
Aquella aspiração das almas de vinte annos,
Aquella aspiração dos candidos poetas?

Não sejas o cantor das trevas e do abysmo!
Queremos entre nós teu puro coração,
E aguardam-te de ha muito as agoas do baptismo
Roubadas pelo Christo ao seio do Jordão.

Aguarda-te a esperança, a mãe dos scismadores,
E alegre, e festival, com seu amor sem termo,
Prepara no regaço um leito d'alvas flores
Ao filho que ha de vir cançado e quasi enfermo!

De novo ergue do pó a c'roa primitiva;
A meza do festim é cheia d'explendor,
E n'ella o calix teu, ó pallido conviva,
Já o tens a trasbordar de fervido licôr!

Soffreste? Isso que tem? Soffrer, para quem luta,
E' ganhar d'antemão a nossa eternidade!
Pois Socrates não viu raiar sobre a cicuta
Do seu eterno dia a eterna claridade?

Para mostrar, emfim, á humanidade escrava
O trilho, todo em flor, que leva á redempção,
Pithágoras passou... e o facho que empunhava
Cobriu d'enxofre a arder aquella augusta mão!

Que importa que tu vás no soffrimento immerso?
Pois ha de nos gravar a mão d'uma creança
Do tumulo no humbral o conhecido verso:
«Vós, os que entraes aqui, deixae lá fóra a esp'rança?!»

O Adão fez-se immortal! Nas ondas, nas estrellas,
Gravando o nome seu, já não póde ter fim;
Inda hoje pelo espaço a bôca das procellas
Brada com torvo accento o nome de Franklin!

Levanta-te do chão! Sacode a noite immensa
Que, igual a veo de morte, o seio te envolvia!
Transforma-te, e resurja apostolo da crença
Quem um dia a manchou co'a lama da ironia...

E' tempo de cravar nos fulgidos espaços
O olhar, vidro onde o sol as chammas reproduz! —
Da fé — muza dos bons — atira-te nos braços...
E então, verás então de que nos serve a luz!

— «De que nos serve a luz?» Pergunta-l'o devéras?
A luz que nos inspira? a luz que nos assombra?
Responde, ó triste Job de vinte primaveras!
Eu pergunto tambem: De que nos serve a sombra?

Porto, 18 d'agosto de 1865.

XXXVII.

N'ALDEIA.

Quando a forja do occidente,
Mais dourada e mais vermelha,
Tinge os cabeços do monte
E no bosque a luz espelha;

Quando o arvoredo do parque
O abrazado ceu recorta
E, por entre as folhas verdes,
Manda um raio á minha porta;

Quando as aves se recolhem,
E o seu enxame erradio
Sonóras voltas descreve
Sobre as arvores do rio;

Quando, no fundo dos valles
E na escarpa dos outeiros,
Um fumosinho alvacento
Se eleva d'entre os pinheiros;

Quando o rio, á luz do occaso,
Nas mansas agoas desenha
Aqui um pomar florido,
Lá mais abaixo uma azenha;

Quando as vidraças da egreja,
Que os ermos do azul retalha,
Semelham, vistas de longe,
Clarões d'immensa fornalha;

Quando, no extremo horisonte,
Da noite as nevoas sombrias
Vão cobrindo a pouco e pouco
As ceruleas serranias;

Quando apenas o gemido
D'um carro, que segue a estrada,
Quebra o profundo silencio
D'esta aldêa socegada;

Quando as timidas ceifeiras
Se vão recolhendo á pressa,
Em feixes d'herva ou de matto
Meia escondida a cabeça;

Quando o sol cresce, e roxea
Nos topos d'alta collina
Os negros arcos musgosos
D'um velho aqueducto em ruina;

Quando o pinhal escurece
E o prado se torna mudo;
Quando é tudo mais saudoso,
Quando mais placido é tudo;

N'ess'hora em que todos pensam
No passado e no futuro,
— Quadro immenso de poesia
Meio claro e meio escuro;—

Então saho, e pelos ermos
Vou scismar cousas em verso,
E, no campo ou na collina,
Formar pequeno universo;

Vou, e aqui, deixando em meio
Uma estrophe começada,
D'um lavrador meu amigo
Entro na pobre morada;

Affago as creanças louras
Que vem receber-me á porta;
Sento-me ao pé da lareira
Cujo brazido as conforta:

Fallo ao pae no casamento
Das filhas envergonhadas
Que tornam a sombra cumplice
Das escondidas risadas;

Ou converso alguns instantes
Com seu avô — homem rude —
Que tem a dobrada c'roa
Da velhice e da virtude.

Depois volto ao meu passeio,
E descanço mais acima
Sobre um penedo tombado...
Procurando alguma rima;

Depois, quem fôr pelo valle
E olhar o mais alto monte
Verá destacar-se um vulto
Na luz vaga do horisonte...

Sou eu que, fugindo á estrada,
Perdendo as casas de vista,
Deixando os ermos pinheiros
Cuja sombra nos contrista,

Vou, por caminhos desertos,
Aos cimos illuminados
D'onde o curvo firmamento
Se vê de todos os lados;

E ali, ouvindo a distancia
O torvo grito fremente
Do mar, que ruge e se alarga
Pelas orlas do occidente —

Fico a scismar longo tempo,
Em quanto o mais tudo dorme,
Até vêr por traz das serras
A ascenção da lua enorme.

Depois volto, reatando
Na confusa phantasia
Os rimados pensamentos,
Os versos d'aquelle dia;

E outra vez a sós me perco
Pelos caminhos escuros
Onde os rafeiros das quintas
Me vem ladrar sobre os muros;

Dóbro os angulos da estrada,
Cruzo o arvoredo sombrio,
Volvo ao sitio onde mais clara
A lua bate no rio;

Transponho, a passos incertos
Como as ideias que scismo,
Os pinheiros que nos servem
De ponte sobre um abysmo;

Paro a vêr, por entre os choupos,
O estrellado firmamento
Que nas agoas se reflete
Como em espelho alvacento;

Olho a espuma, que, bramindo,
Nas pedras resalta em bolhas,
E as grandes manchas da lua
Na relva por entre as folhas;

E assim, vagando sem rumo,
Entro em casa onde me espera
O somno que nos embala
Da vida na primavera.

Toda a noite, emquanto eu durmo,
Vélam as esp'ranças minhas,
E incumbo de me acordarem
As inquietas andorinhas.

S. Martinho de Barca, 14 de setembro de 1864.

XXXVIII.

FINS DA TARDE.

Do extremo anciar do dia nas horas melodiosas,
Lá quando em luz e em sombras se inundam as florestas,
Lá quando os sons e as brisas, os roixinoes e as rosas,
Dizem o adeus das tardes aos canticos e ás festas;

Então, d'estas campinas calcando a verde alfombra,
Eu deixo errar meus passos sem rumo e descuidados,
E ou vago nas planices, ou vou sentar-me á sombra
Dos bosques cujos cimos parecem abrazeados:

Ali, d'esses concertos ouvindo o alegre ruido,
De mil visões nublosas se vae povoando a mente,
E, as palpebras cerradas, meio dormente o ouvido,
A fronte inclino ao peso d'um somno transparente.

S. Martinho de Barca, outubro de 1864.

XXXIX.

A AUGUSTO MARQUES PINTO.

Não póde erguer-se á luz quem não tem azas!
Não póde vêr o sol quem na pupilla
Tem das sombras o véo!
Mas tu, no fogo immenso em que te abrazas,
Tu conheces o fogo da sybilla
Que manda erguer-te ao ceu!

Deus espelha-se em nós como n'um lago
A flôr, que se debruça á beira d'elle,
Ou a nuvem do ar...
E á noss'alma que é tudo o que ha de vago,,
Qual a cousa que Deus lhe não revele...
Se a póde revelar?

Uma arvore, que treme com seus ramos,
Com seus fructos, seus passaros, seus ninhos,
Na vasta solidão,
Para nós, que ao sol-posto a contemplamos,
Pensativos, á beira dos caminhos,
E' uma revelação.

E' uma revelação o mar que entôa
Seu cantico infinito, quando o banha
A aurora d'arrebol;
A pomba que da egreja aos cimos vôa!
A lua, quando sobe da montanha,
Ou, quando baixa, o sol!

E' uma revelação à vela cheia
Que se perde na linha do horisonte,
N'um fundo todo azul;
A onda a espreguiçar-se pela areia,
Ou a andorinha, atravessando o monte
Na direcção do sul...

E' uma revelação tudo o que assombra!
No templo augusto é o perfume o incenso,
E o thuribulo a flôr...
Deus revela-nos tudo: a luz e a sombra;
Todas as notas do concerto immenso
Erguido em seu louvor!

Tu aprendeste assim! Na voz do vento,
Das selvas no rumor, no ceu, na terra,
Nos canticos do mar,
E a tudo o que possue um vago accento,
A tudo o que no seio um canto encerra,
Foste um ecco roubar...

Artista! as nossas almas se compr'endem!
Tu procuras as rosas, eu o aroma;
E' quasi igual labôr:
Assim tambem dois raios que s'estendem
Do sol, um vae dourar do cedro a coma,
Outro o calix da flôr.

Por isso, quando ao sopro dos destinos
Surge um homem de pallido semblante,
C'roado de laureis,
Todos se curvam para ouvir-lhe os hymnos...
— Embora seja Palestrina ou Dante,
Ambos elles são reis! —

Porto, 9 de julho de 1863.

XL.

LAGRIMAS ...— DÚVIDAS.

Quando ás vezes nos teus olhos
Uma lagrima vacilla,
— Uma perola — que mágoa
Do coração t'a distilla?

E' uma saudade remota?
Uma angustia passageira?
Uma lembrança passada
Da tua patria primeira?

Anjo exilado na terra,
Vindo das paragens santas,
Os espinhos d'esta senda
Ferem-te as sagradas plantas?

Achas-te mal entre os homens?
Sentes comprimido o seio?
Turba-te o crystal do espirito
A sombra d'algum receio?

Porque sempre ao ceu levantas
Os olhos, que lá se abriram,
E que tanto o azul fitaram
Que d'azul se coloriram?

Parece que lá por cima,
Confundidos co'as estrellas,
Trazes os sonhos mais puros,
Juntos ás crenças mais bellas!

Porque? Soltando o teu vôo
N'aquelle explendido abysmo,
Buscas talvez o que eu busco?
Scismas talvez no que eu scismo?

E' tu'alma, que se estende
A' luz d'esse unico templo,
Onde ella contempla em tudo
O Deus que em tudo eu contemplo?

E' tu'alma que mergulha
N'um oceano de bellezas,
E seguil-a tu procuras,
E sentes as azas presas,

Como ave, que se pousara,
Sem conhecer inda o risco,
Nos ramos, que uma creança
Empeçonhara de visco?

E choras? Mas n'outro tempo
A tua canção saudosa
Banhava as almas sublimes
N'uma onda harmoniosa!

Choras, creança? E não sabes
(Tanto eu receio assustar-te)
Que a sombra do meu affecto
Te segue por toda a parte!

Choras?.. porquê? N'esses vôos
Que elevas no espaço aerio,
Pensas na queda medonha
Que nos manda ao cemiterio?

Vês certo o beijo da morte,
Quando te inflamma o desejo
De te ficares suspensa
Dos astros no eterno beijo?

Se é isso, então de teus prantos
Não quebres o ardente fio!
A terra é o grande sepulchro,
Todo o sepulchro é sombrio,

E tu, na estrada que segues,
Vaes, de momento em momento,
Mais perto da sepultura,
Mais longe do firmamento!

Que importa o mundo dos sonhos
Aberto na immensidade,
Se a cada passo que damos
Nos assalta a realidade?

Que importa? Os sonhos desfazem-se!
E a luz das almas mais bellas
Morre ao tocar n'esse mundo
Feito d'azul e d'estrellas!

Ha quem diga: — «O olho mais baço
Vê, quando rasga a penumbra,
Da noite que involve as campas
Nascer um sol que deslumbra!

Nada termina onde nasce!
A esp'rança que nos anima,
E', morto o corpo, a aza interna,
Que nos sustem lá por cima!» —

Eu tambem, quando outra idade
Dos ceus me entr'abria a porta
Co'a fé, bebida nos labios
De minha mãe... hoje morta;

Eu tambem dizia aos outros:
— «Crêde! esperae! tudo é vida!...» —
E eu mesmo aos pés descuidados
Tinha uma cova escondida!

Chora, pois! talvez mais cedo
De Deus um raio trespasse
O espesso véo, frio e lobrego,
Que tem de envolver-te a face!

Talvez, tomando essas perolas
Do teu rosto d'alabastro,
De cada lagrima tua
O Senhor desprenda um astro!

Chora, e deixa-me que eu sirva
D'urna ás lagrimas que choras!
Sejam teus prantos o orvalho
Das minhas negras auroras!

Porto, 15 de junho de 1865.

SEGUNDA PARTE

A MINHA MULHER

E

A MEUS FILHOS

I.

EM DEZEMBRO.

I.

O' neve, a fria mortalha
Que tu dás aos desgraçados
Não cobre quem se agasalha
Nos seus trens almofadados;

Nem põe medo aos venturosos,
Entre os festins deslumbrantes,
Entre os bailes rumorosos,
Nos *cafés*, nos *restaurantes*;

E, em quanto assim te derretes
Sobre as cabanas sombrias,
Tomam-te elles nos sorvetes,
Nas geladas iguarias,

E não tem frio a riqueza,
Ao bom calor que se exala
D'uma estufa bem accesa
Em bem tapetada sala!

O inverno os pobres consome,
E põe-lhes no lar vasio
D'um lado o espectro da fome,
Do outro o phantasma do frio...

Mas para os Crésus o inverno
Quasi se torna preciso;
Aquelles veem-no inferno,
Acham-no estes paraiso.

Então, buscando os prazeres,
As apregoadas conquistas,
Procura o rico as mulheres
Nos armazens das modistas,

No theatro ou no passeio,
De noite ou durante o dia,
Onde o chame algum recreio,
Onde um gozo lhe sorria.

D'um baile o salão dourado
Melhor no inverno realça:
O jogo é mais animado,
Tem mais vertigens a valsa:

Nem outra quadra descerra
Tanto do luxo o thesouro,
Isto aos felizes da terra
Que tem as mãos cheias d'ouro...

O resto, a parcella obscura
D'uns seres que não tem nome;
A infancia que se pendura
Aos magros seios da fome;

A virgem que, d'hora em hora,
Sente faltar-lhe a coragem,
Até que o vicio a namora,
Até que a some a voragem;

Os que dormem, descobertos,
Sem pão, sem roupa, sem fogo,
Pelos portaes sempre abertos
Das casas que habita o jogo;

O homem que a justiça leve
Por um roubo ao cadafalso;
Os que deixam sobre a neve
A marca d'um pé descalço;

Esses? Que importa a quem passa
Que assim os atire a sorte
Dos braços nús da desgraça
Aos braços hirtos da morte,

Se não fica uma lacuna
Onde o *bom tom* e a elegancia
Cobrem o deus da fortuna
De sons, de luz, de fragrancia?

II.

Ai! quantas vezes não basta
A joia de menos preço
Que entre as mais joias se engasta
D'algum custoso adereço,

Para dar roupa e mobilia,
Casa e pão, lume e agasalho,
A mais de que uma familia
Que vê faltar-lhe o trabalho?

Mas quando a fome e a cubiça
Lhe dão do crime a impiedade
E' que então brada: «Justiça!»
Quem não bradou: «Caridade!»

III.

Vêde aquella costureira:
Pura, honesta rapariga,
Trabalha a semana inteira,
Sente que a mata a fadiga,

E a existencia tão sombria
Ninguem ha que mais se affoite...
Começa ao romper do dia,
Não pára ao cahir da noite!

Nunca na vida que passa
Tem uma flor! tudo abrolhos!
Da candeia a luz escassa
Magoa-lhe os lindos olhos...

No leito onde ella descança
Falta o conforto preciso...
A' desgraçada creança
Poucos tem visto um sorriso;

Tortura-a sempre a miseria;
Nunca um alivio a consola;
E é tão curta a sua feria
Que mais parece ũa esmola...

Porfim, n'um dia funesto,
Falta-lhe obra: alguem a tenta...
Depois... vós sabeis o resto...
Depois a miseria augmenta,

E, então, cedendo aos revezes,
Como sahe ella da luta?
Cadaver, algumas vezes...
Quasi sempre... prostituta!

IV.

Olhae: n'aquelle operario
Tudo é força, animo e vida;
Se o trabalho é o seu calvario
Sobe-o de cabeça erguida.

Deus deu-lhe um anjo na esposa,
E as filhas são tão pequenas
Que d'ellas a mais idosa
Conta dez annos apenas.

Tem cinco, e todas tão bellas
Que, ao vêr-lhes a alegre infancia,
Julga estar vendo as estrellas
E o céu a menos distancia;

Por isso, quando o trabalho
Lhe fatiga as mãos callosas,
Tem no suor o fresco orvalho
Que dá seiva áquellas rosas,

E nem co'a lide se importa,
Porque o Senhor o illumina
Pondo-lhe as filhas á porta
Sempre que vem da officina.

Depois sente-as a abraçal-o,
E ri, ao vê-las, contentes,
Montarem-se-lhe acavallo
Nos joelhos pacientes...

Depois, da ceia ao convite,
Toda a familia o rodeia
A' meza, aonde o appetite
Faz soberba a humilde ceia.

Mais que o Sèvres n'outras casas
Val n'esta a louça de barro.
E ha sol no fogo das brasas
Onde elle accende um cigarro.

No entanto, como a existencia
Não tem em si nada estavel,
N'um dia de decadencia
Este obreiro infatigavel,

Por ter gasto a noite inteira
Na luta, cede ao cançasso,
E cahe da machina á beira,
E a roda esmaga-lhe um braço...

Ai! o infortunio é severo!
Bastou por tanto um só dia
Para entrar o desespero
D'onde fugiu a alegria!

Empenha em vão tudo, a esmo,
Pouco dinheiro lhe fica,
E não lhe cobre esse mesmo
As despesas da botica.

Pobre mãe, pobres creanças!
Já, de momento em momento,
Vão mingoando as esperanças,
Vae crescendo o soffrimento;

Debalde a triste procura
Trabalho; se alguem a attende,
Antes de finda a costura
Já deve o que ella lhe rende!

Chega o dezembro sombrio:
De novo a cura se atraza,
E no entanto o senhorio
Exige a renda da casa...

Já nem á infancia consagra
Um dos seus beijos ardentes
A' face livida e magra
D'aquellas cinco innocentes;

E o pae, que a fome aconselha,
O pae, que as amava tanto,
Só guarda em casa a mais velha,
A mais exposta por tanto,

E lá manda as outras quatro,
Descalças e quasi nuas,
Esp'rar quem vem do theatro,
De noite, por essas ruas,

A vêr se, n'aquella idade,
Entre a chuva, o frio e o vento,
Commovem mais á piedade
Quem sahe d'um divertimento...

Ora, dizei-me: se um dia,
Esse homem, que a dor opprime,
Acceitasse a mão d'um guia,
E essa mão fosse a do crime;

Se, n'um caminho deserto,
Agredisse o passageiro,
E, pela noite encoberto,
Lhe roubasse algum dinheiro,

A quem ia a culpa do erro?
Não sei... mas, de Deus em nome,
O jury envia ao desterro
Quem ao furto envia a fome.

V.

Se algum pobre te importuna,
E embaraça o teu caminho,
E, entre as rosas da fortuna,
Te põe d'um remorso o espinho,

O' rico, podes calcal-o:
Não ha depois quem se queixe
Das patas do teu cavallo,
Das rodas do teu caleche.

Quando o festim desvairado,
Ebrio de luxo e de galla,
No teu palacio encantado
Resplende de sala em sala.

Quem pensa então nos prostibulos,
Nas galés ou no degredo,
Se o clarão dos teus vestibulos
Medo inspira ao proprio medo?

Quem pensa então que lá fora,
D'entre as sombrias procellas,
O mesmo vento que chora
Nos vãos das tuas janellas,

O mesmo vento que dobra,
Co'as repentinas rajadas,
Silvando como uma cobra,
Os troncos nus das estradas,

Ao passar, d'instante a instante,
Sobre um mar cheio d'horrores,
Transforma em tumulo errante
A lancha d'uns pescadores?

Quem pensa então, quando a festa
Redobra d'alento e vida,
Tornando a valsa mais lesta,
A ceia mais divertida ;

Quando os lustres incendidos
Magoam com seus fulgores
Os olhos amortecidos
Pela nevoa dos licores;

Quando a luxuria devassa
Rasga a mascara do dia,
E aos teus convivas se abraça,
E faz d'um baile... uma orgia;

Quem pensa, então, que entre as fragas
Se quebra a perdida lancha,
A cada rôlo de vagas
Dando um homem e ũa prancha?

Quem pensa, no orgulho absorto,
Que, de recife em recife,
Vae n'aquelle homem um morto...
N'aquella prancha um esquife?

Quem pensa, então, que entre a bruma
Se levanta ũa mortalha
Nas mil golphadas d'espuma,
Nas ondas que o vento espalha?

Quem pensa, quando as amantes
Lhe vão mostrando impudícas
Sob as joias e os brilhantes
Os seios — joias mais ricas,

Entre a luz, os sons, as flores,
Das danças no redemuinho,
Cheio o espirito d'amores,
Os copos cheios de vinho,

Que esse cadaver, no instante
Em que estala a tempestade,
Tem um enterro brilhante
De pompas e magestade?

O raio é brandão funerio!
Psalmo, dos ventos o grito!
São as ondas cemiterio!
Egreja, a noite! o infinito!

VI.

Meu Deus! o inverno affugenta:
Teu bom sol nos manda em breve,
Roubando aos ceus a tormenta,
Roubando aos campos a neve.

Muda em flóreo paraiso
A selva ha tanto viuva:
Dá-lhe do orvalho o sorriso
Em vez dos prantos da chuva.

A' margem d'estes caminhos
Deixa que os troncos mais graves
Encham seus ramos de ninhos,
Enchendo seus ninhos d'aves!

Torna claro o que era baço;
Torna alegre o que era triste!
Que a luz, inundando o espaço,
Nos prove que tu sorriste!

Dos nublados horisontes
Sacode o manto sembrio;
Espelha o verde dos montes
No azul do lago e do rio.

Do abril ás roseas espaldas
Lança um veu cheio de flores!
Põe-lhe na fronte as grinaldas,
Põe-lhe no seio os amores!

Do pobre á nua existencia
Bastam-lhe os dias serenos!
Se lhe não chega a opulencia,
O calor chega-lhe ao menos...

E é boa e santa a alegria
De quem no espaço descobre
Sobre o azul d'um claro dia
O sol — o fogão do pobre!

Porto, 30 de dezembro de 1865.

II.

A G. VAILATI.

Não basta lêr sómente a Illiada brilhante
Que um pobre e humilde cego atirou ao porvir?
E' certo que o milagre inda vae mais adiante?..
Pois quem julga que ũa aguia, irmã da que viu Dante,
Por ter o olhar sem luz não póde mais subir?

Bem sei que pela estrada o passo te vacilla,
Mas, se te empana a vista um funebre lençol,
Tu'alma, vendo o ceu, deve ficar tranquilla!
Que importa a externa sombra, a noite da pupilla,
Se brilha dentro em nós do genio o claro sol?

Como o não pódes vêr, o archanjo da harmonia
Baixa, até onde estás, d'um florido jardim,
E é d'elle que se exala a doce melodia
Que nós, cegos tambem, cegos em pleno dia,
Julgamos desferida em pobre mandolim!

Porto, 20 de março de 1861.

III.

A MEIO CAMINHO DO OLVÍDO.

(AO MEU AMIGO ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.)

Vindes fallar-me da gloria
Quando ella já me não tenta?
Foi demorada a tormenta,
Preciso de repousar;
Vi quasi o baixel partido
Pelas raivosas procellas
E todas as minhas velas
Andam soltas pelo mar.

A gloria resplende ao longe,
Mas, para mim, a luz sua
E' como os raios da lua
Que brilham sem aquecer;
E o fulgor de que eu preciso
Na sombra a que me condemno
Está no brilho sereno
Dos olhos de ũa mulher!

Agradam-me os arvoredos
Debruçados nos caminhos;
O canto que sahe dos ninhos
Perdidos nos salgueiraes;
O monte escalvado e negro,
Que destaca no horisonte
Banhando a soturna fronte
Nas luzes occidentaes.

Agrada-me o verde musgo
Das rosas d'Alexandria;
A immensa melancholia
Dos valles, ao pôr do sol;
As cruzes de pedra, erguidas
Pelos caminhos da aldeia,
E os bosques onde gorgeia,
D'olmo em olmo, o roixinol...

De todas estas paisagens
Brota um alento mais puro;
O viver tranquillo, obscuro,
Tem mais prazer para nós...
A gloria é nuvem que passa
Como as imagens mentidas,
Como as sombras reflectidas
N'uma torrente veloz...

Eu por mim, ao som ruidoso
D'aclamações triumphantes
Prefiro, em selvas distantes,
Da brisa os languidos sons,
E as mil brumosas figuras,
Na serra de noite erguidas,
A's estatuas erigidas
No centro dos panthéons...

Que m'importa o verde louro
Se nos sepulchros se perde?
Do salgueiro a coma verde
Tambem pousa sobre mim,
E a c'rôa, que aos pés nos lançam
Em nossos dias de galla,
Tambem eu posso formal-a
Co'as rosas do meu jardim.

Os nomes que a historia guarda
São pela inveja mordidos;
Antes vêl-os esculpidos
Nos velhos troncos em flor!
E' bello o facho da gloria,
Porem os olhos deslumbra...
Eu antes quero a penumbra
Da singeleza e do amor.

Deixae-me, pois, nos meus ermos
Sem essas vaidades fátuas
Que nos levantam estatuas...
Só junto do mausoleu:
Fallae-me antes das florestas
Cheias de cantos suaves,
Das estrellas e das aves,
Do azul do mar e do ceu!

Houve no Egypto uma fonte
Que de gêlo parecia
Quando sobre ella chovia
Do sol o ardente fulgor,
Mas que, á noite, quando os astros
No ceu brilhavam apenas,
Tinha nas agoas serenas
Um suavissimo calor [1].

Tal é minh'alma. Aos reflexos
Da gloria, fica gelada;
Mas a existencia ignorada
Extranho ardor lhe produz.
Da paz nos seios florentes
Eu tenho um mundo infinito,
E, como a fonte do Egypto,
Nas trevas encontro a luz!

Perto do monte de Santa-cruz, em S. Martinho de Barca,
9 d'outubro de 1864.

1 A FONTE DO SOL. Urculú refere na sua Geographia que as agoas d'esta fonte, segundo a tradicção arabe, eram quentes durante a noite e extremamente frias em quanto o sol as illuminava.

IV.

OS POBRES.

— VICTOR HUGO — LENDA DOS SECULOS. —

I.

E' noite. O albergue é pobre, mas seus muros
Bem fechados estão da noite aos ventos.
Tudo é sombra em redor: apezar d'isso,
Atravez do crepusculo parece
Irradiar não sei quê. Pelas paredes
Do ausente pescador as rêdes jazem.
Crepita e fulge tremula a candeia
Suspensa d'um buraco. Mais ao fundo
Vê-se um leito d'humildes cortinados.

Ao pé d'elle um colchão s'estende ao longo
D'alguns bancos de pau. Descançam n'elle
Cinco infantes, eguaes a cinco pombas
Dormindo no pombal. Do lar nas cinzas
Inda algumas faúlas volteando
Os tectos do casebre purpureiam.
Ua mulher, pendida a loura fronte
Sobre o leito, e de joelhos no lagedo
Resa, e sonhando pallida estremece.
E' mãe. Vede — está só. Fóra, escumando,
Aos rochedos, á noite, aos ceus e aos ventos,
O oceano feroz lança um rugido.

II.

O esposo anda no mar. Desde pequeno
Se affez o triste ás ondas e ás tormentas.
Inda que chova, inda que o vento em furia
Silve da chaminé nas largas fendas,
E' força que elle vá, que deixe os filhos,
Porque os filhos têm fome. Ao vir da noite,
Quando sobe aos degraus do caes, rugindo,
A espuma das marés, parte o marido.
O seu batel governa-o só, e as vélas
Só elle as solta aos furacões da noite.
Fica a mulher em casa, os velhos pannos
Cosendo, e remendando as redes velhas,
Preparando os anzóes, ou vigiando
A fornalha onde a ceia ao lume ferve,
E resando ao Senhor por seu marido
Logo que os cinco filhos adormecem.
Elle só, açoitado pelas ondas,
Dos tufões ao rugir, foge entre a noite.
Duro trabalho! Em roda é tudo frio
E' tudo negro: — uma luzinha apenas
Não rompe aquellas sombras tão cerradas!
O sitio bom para pescar, o sitio

Obscuro, que se move a cada instante,
E onde o peixe custuma ir esconder-se,
E' como um ponto só n'aquelle abysmo
D'espuma, de rumor, de tempestades.
Ora, á noite, no inverno, entre o nevoeiro,
Para encontrar nos liquidos desertos
Esse ponto escondido em fundas rochas,
Como é preciso calcular os ventos!
Combinar as manobras do seu barco!
As ondas, como viboras, silvando,
Os bordos cruzam, e depois, d'um salto,
Erguem a lancha aos ceus, d'espuma a cobrem,
E por instantes no profundo abysmo
A somem outra vez. Duro trabalho!
No entanto o pescador c'oa mão no leme
Pensa em sua mulher entre as procellas,
E ella resa em seu lar, e alem, no espaço,
Vão d'ambos encontrar-se os pensamentos —
Aves do coração d'onde sahiram.

III.

Ella resa. Lá fóra os longos uivos
Das malvas que o tufão açoita e verga,
Nas umbreiras das portas, nos telhados,
Ou pelas fendas da parede antiga
Assombram-n'a, e do mar o immenso ruido
Fál-a tremer de susto, enche-lhe o espirito
De phantasmas, de sombras pavorosas.
A espaços julga a pobre estar fitando
Na impetuosa corrente os marinheiros
Pela força das ondas arrastados.
Vagaroso o relogio vae pulsando,
E d'entre a escuridão lança ao mysterio
Gota por gota as estações e os tempos,
— Primaveras e invernos. — Cada instante,
E cada pulsação vae pouco e pouco

Pelo immenso universo abrindo ás almas,
-- Longo enxame de pombas e d'açores —
D'um lado os berços, d'outro lado as tumbas.

E ella sonha e medita... — e que pobresa!
Quer no rigor do inverno sobre o gêlo,
Quer sobre a relva na estação das flôres,
Sempre, meu Deus, ai! sempre os tenros filhos
A triste mãe viu caminhar descalços.
Pão de trigo... não ha. O que se come
E' feito de cevada, e duro, ai! duro!
Deus! rugem os tufões como na forja
O ferreiro a soprar: do oceano a costa
Imita o ruido da bigorna, e os olhos
Pensam no horror da noite e da tormenta
Vêr as constellações fugir co'as nuvens
Como as faúlas da fornalha. E' vindo
O instante em que, folgando, Meia-noite,
— Alegre dançarino — o setim calca
Por mil sarões doirados, ao reflexo,
Dos lustres que, sem fim, tudo illuminam;
O instante em que o bandido Meia-noite
Coberto pela sombra e pela chuva,
Toma nas rudes mãos um marinheiro,
E d'encontro a uma rocha o despedaça.
Horror! O homem que geme e cujos gritos
Suffoca a voz do mar n'um grito immenso,
Sente abrir-se do barco as rotas pranchas,
E sempre mais e mais ir a afundar-se;
Sente alagar-se o abysmo, e sonha e pensa
Na ferrea argola onde seu barco prende
Junto do caes cheio de sol e vida!

Estas visões o espirito perturbam
A' pobre mãe que chora e treme.

IV.

Horrivel
E' dizer: — «Pae, irmãos, amante e filhos,
Tudo o que ha para mim de mais querido,
Anda perdido nos revoltos seios
D'aquelle mar! » — Ser victimas das ondas
Equivale a ser victima das feras.
Oh! pensar que do oceano a branca espuma
Brinca e folga com todas essas frontes,
Desde o velho patrão d'alvas madeixas
'Té ao filho, aprendiz d'aureos cabellos,
E que sobre elles desenrola o vento,
Bramindo nos desertos fluctuantes,
A sua longa, desgrenhada trança,
Que a chuva molha, e abrasa a luz do raio!
E que talvez n'ess'hora em p'rigo estejam
Sem saber nunca ao certo o que elles fazem!
E que para arrostar com essas vagas
Sem fundo, co'essas sombras tão cerradas,
Onde um astro não fulge, apenas levam
Um bocado de táboa, outro de panno!
Negro cuidado! A's praias como doido
Corre-se, e ao mar, que sobe e desce uivando,
« — Oh! torna-m'os a dar! »— em vão s'exclama.
Em vão! Que ha de dizer ao pensamento,
Sempre sombrio, o mar sempre revolto?

Mas ella inda é mais triste, bem mais triste!
Seu marido está só! só com tal noite!
Debaixo d'um tal ceu! sobre taes ondas!
Ninguem o ajuda. Os filhos seus, não vêdes?
São tão pequenos inda! Oh! mãe, tu dizes:
— «Se elles já fossem grandes! » — Vã chimera!
Mais tarde, se no mar tambem andassem
Junto do pae, dirias tu chorando:
— «Oh! se elles fossem inda pequeninos!»—

V.

E ella accende a lanterna e cobre os hombros
Com sua capa. O instante eil-o chegado
De ir vêr se elle voltou, se o mar socega,
Se é já dia, ou se ao longe no horizonte
Brilha o farol no mastro do custume.
Vamos! E eil-a que parte. A madrugada
Não fulge ainda: ainda não lhe affaga
O sôpro matinal as tranças d'oiro.
Nada. No espaço, que a procella occupa,
Não luz sequer uma só linha branca.
Chove. Nada é mais negro do que a chuva
Cahindo antes que rompa a madrugada;
Parece até que o dia treme e hesita
E pranteia ao nascer como as creanças.
Eil-a que vae. Na solidão das praias
Uma janella só não vêr luzir-lhe.

Subito aos olhos seus que vão nas sombras
O caminho a buscar, surge um casebre.
Nem luz nem fogo! A porta ao vento geme.
Por cima das paredes arruinadas
Treme o telhado... se é telhado aquillo!
Velho, juncado d'hervas, que se estorcem
Para lançar de si a chuva em ondas,
Como as ondas d'um rio immundas, grossas.

— «E eu que não mais me recordei, diz ella,
D'esta pobre mulher! Ha já dois dias
Acharam-n'a doente. E' força ir vêl-a.»—
E bate á porta e escuta. Ninguem dentro
Responde. Joanna, ao vento estremecendo,
Continúa a bater. — «Doente, e os filhos
Tão mal nutridos são. Pobres pequenos!
Só tem dois: mas é viuva, a desgraçada!» —
Chama. Em vão. Sempre a casa é silenciosa.
« — Deus! diz a pobre. E' força dormir muito

Para não acordar batendo eu tanto! »
A porta d'esta vez, como se tudo
Se enternecesse ao vêr tal quadro, a porta
Sombria volteou nos gonzos pôdres
E abriu-se de per si.

VI.

Ella, tremendo,
Entra. No albergue a luz, que o vento açoita,
Inda a espaços phantastica alumia
Aquelles velhos, arruinados muros.
Pelas fendidas telhas cahe a chuva
Como atravez d'um crivo.

Em dura enxerga
Vê-se ao longo do soalho um vulto informe,
Uma pobre mulher, immovel, muda,
Co'a vista embaciada e os pés descalços;
Um cadaver, outr'ora mãe: o espectro
Da miseria já morta: o que nos resta
Do mendigo, depois que finda a luta.
Tem ella o braço nu, e a mão gelada
Estendidos no chão, fóra das palhas,
E dos labios, abertos como a cova,
Sahe-lhe o horror, como ha pouco inda sahia
O grito da blasphemia, o extremo grito
Que lança a morte e escuta a eternidade!

Junto do sitio onde repousa a morta
Dois filhinhos — rapaz e rapariga —
Sorriam juntos, n'um só berço unidos,
Dormindo como duas andorinhas.

Ao sentir-se morrer, a mãe cobrira
Os pés dos dois com sua manta, e o corpo
Co'os restos do seu unico vestido
Para lhes occultar o horror das trevas,
E abrigar-lhes o somno emquanto a pobre
Havia de tremer, de noite, ao frio.

VII.

Como dormem tranquillos no seu berço
Os dois irmãos, co'a fronte socegada,
Deixando volitar nas roseas bôcas
D'innocencia e d'amor leve sorriso.
Nada os póde acordar, nem mesmo os brados
Da trombeta fatal no extremo dia,
Pois se innocentes são o juiz não temem.

E fóra o vento silva e a chuva impelle
Como um diluvio. Do fendido tecto
A's vezes cahe, sobre a gelada fronte
Da infeliz uma gota, que resvala
N'aquellas faces encovadas, roixas,
E se torna uma lagrima. O cadaver
Com fria estupidez ouve a tormenta.
E' sempre assim. Quando nos foge o espirito,
A' beira do jazigo o corpo inerte
Parece inda buscal-o, e muitas vezes
Um extranho dialogo se escuta
Entre os olhos sem luz e os labios roixos:
— «Que fizestes do olhar?» — «E vós do alento? —»

Amae, dansae, colhei as primaveras!
Ride, queimae os corações e os copos
Esvasiae; vivei sempre em delicias!
Como a todo o regato a voz do Eterno
Dá o abysmo do mar revolto, immenso,
A sorte dá tambem ao berço, ás festas,
A's mães, que a infancia adoram como loucas,
Aos beijos cujo ardor nos cresta as almas,
Ao amor, ás canções, á vida, aos risos,
Do gelado sepulchro o immenso vacuo.

VIII.

Ao transpôr os hombraes da humilde choça
Que leva a triste mãe na capa envolto?

Porqne lhe bate o coração, e o passo
Apressa mais e mais? Por que na praia
Corre a infeliz sem para traz volver-se?
Entre as longas cortinas do seu leito
Que foi ella occultar? Que roubou ella?

IX.

Quando entrou, a manhã ia rompendo,
E doirava na praia as ermas rochas.
Tremendo, em rude banco a boa esposa
Assenta-se mais pallida que a espuma
Que lá fóra branqueja, e a loura fonte,
Quasi a chorar, no travesseiro inclina,
Como se do remorso a mão de ferro,
Lh'a apertasse nos dedos. De seus labios
Sahem palavras soltas... Longe, ao longe,
Em quanto ella pranteia o mar rebrame.

— « Tantos cuidados já, meu pobre esposo!
Doida, que fiz? Mal chega o seu trabalho
Para nutrir nossos pequenos filhos,
E julgo o peso inda suave! É justo
Que lhe vá dar mais outro?... — É elle? — Nada!
Fiz mal. — Se me bater hei de dizer-lhe:
« Fazes tu muito bem! — É elle? — É elle? —
Não, inda não! — Melhor! — A porta geme
Como se entrasse alguem. — Mas não, não entra...
Jesus! Eu a tremer, eu, que inda ha pouco
O esperava impaciente, agora tremo
Só de lembrar-me que ha de vir? Maldita!
E fica a meditar, pallida, anciosa,
Submergida na dôr, como o viandante
Nas profundesas d'um abysmo obscuro,
Sem mesmo ouvir ao longe a tempestade,
E das aves maritimas que passam
Pela deserta costa os tristes uivos,
E o mar, e o vento, e os ceus rugindo em ancias!

Subito a porta abriu-se e na cabana
Penetrar deixa um raio matutino;
E o marido, arrastando as longas redes,
Apparece no hombral, risonho, alegre,
E exclama entrando: « Eis, chega a marezia.»

X.

« És tu?» Brada a mulher e um longo abraço
Por momentos os dois conserva unidos;
Beija-lhe ella, em transporte, as grossas roupas
Inda a escorrer d'espuma: elle sorrindo,
« Aqui me tens mulher! » diz, e na fronte,
Que da lareira illuminava o fôgo,
Mostrava o coração tranquillo e puro
Que sua terna esposa illuminava.
— « Roubado estou, diz elle. O mar á noite
É couto de ladrões como a floresta. — »
- Que tempo esteve? - « Mau.» - E a pesca? - « A pesca,
Má, muito má: porém quanto te vejo
Nos braços meus, bem se me dá do tempo!
Rompeu-se a rede. Satanaz andava
Occulto nos tufões. Que noite! Ás vezes
Julguei que o barco se afundia: a amarra
Quebrou-se-me e fugiu. E tu, coitada!
Que fizeste aqui só durante a noite?
Joanna tremeu na sombra e perturbou-se...
— « Eu? diz ella. Meu Deus! nada: o que faço
Sempre que fico assim. Cosi nas redes,
Ouvi o mar, a tempestade, os ventos,
Tive medo! Oh! o inverno é triste e duro! » —
Então, tremendo mais, como se um crime
Houvesse commettido: — « Olha, diz ella,
Essa pobre mulher nossa visinha.
Morreu... hontem, de certo... Emfim... Quem sabe?
Talvez á noite em quanto andavas fóra.
A desgraçada mãe deixou dois filhos
Tão pequeninos inda! Magdalena
E Guilherme: um dos dois apenas falla,

O outro nem sabe andar. A triste viuva
Estava na miseria.

O bom do esposo
Fica a scismar. Depois, lançando ao soalho
O bonet, que molhára a tempestade:
— Diabo! diz elle, e, a mão levando á fronte,
Temos cinco, depois ficarão sete.
Já muitas vezes na estação dos gêlos
A ceia nos faltava. Adeus! Que importa?
A culpa não é minha. São mysterios
Que só conhece o Altissimo! No entanto,
Deus foi roubando a mãe aos pobres filhos...
Não entendo, não sei. Para sabel-o
E' preciso haver tido alguns estudos...
São tão pequenos inda! Ninguem póde
Dizer-lhes: «trabalhae!» Vae, pois, buscal-os.
Se acordarem, de certo hão de ter medo
De se encontrarem sós junto ao cadaver.
Não ouves? Sua mãe nos bate á porta,
Vae abrir ás creanças. Quando eu volte
Da pesca e do trabalho sempre aquillo
Ha de trepar, sorrindo, aos nossos joelhos.
Juntál-os-hemos todos. D'hoje em diante,
Elles serão irmã e irmão dos outros.
Quando Deus reflectir que para tantos
Não me chega o que tenho, ás minhas rêdes
Hade mais peixe dar, mais sol aos mares.
Eu agoa beberei; dobrando o exforço
Da minha rude, costumada lide.
Está dito, mulher, corre a buscal-os.
Mas que tens, porque tardas? D'ordinario
Custumas ser mais prompta em cousas d'estas. »

— Olha, diz ella e abre as cortinas, eil-os!

Porto, 20 de junho de 1860.

V.

AVE, MARIA, GRATIA PLENA.

De tantos sonhos que abranjo
Tu és o sonho melhor;
Livro escripto por um anjo
E que eu sei todo de cór.

Musa dos bons, que eu procuro
Para inspirar-me e cantar,
E vêr o deus do futuro
A erguer-se no meu altar.

Estatua, que te levantas
Entre as mais, cheia de luz,
Como entre a côrte das santas
Maria, a mãe de Jesus!

Haste, que toda te infloras
Quando eu te digo, a tremer,
Que não tenho outras auroras
Mais que os teus olhos, mulher!

Quando os teus olhos serenos
Me vestem com seu fulgor,
Eu sinto erguer-se uma Vénus
Das ondas do meu amor.

O alvor da tua innocencia
E' como o alvor matinal
Ao bater na transparencia
D'um finissimo christal.

A tua voz, se me affaga
O ouvido, attento a escutar,
Julgo-a assim como ũa vaga
Que traz um cysne a cantar.

Quando eu, de sombras coberto,
Vou sentar-me ao lado teu,
Como estou de ti mais perto,
Fico mais perto do céu!...

Porto, 27 de janeiro de 1866.

VI.

COUSAS VISTAS ATRAVEZ DAS FOLHAS.

Eil-a: aos olhos de Virgilio
Deusa fôra a bella imagem,
O animado, ethereo idylio
Que apparece entre a folhagem.

Na alameda silenciosa
Leve e a furto se deslisa,
Como a folha d'uma rosa
Baloiçada pela brisa.

Tão ligeira na herva molle
Pondo o pequenino pé,
A evitar que elle se atóle
Vae co'as azas de Psyché!

Com tal graça os aureos cintos
Larga ao vento em soltas dóbras,
Que disséreis vêr, distinctos,
Muitos astros feitos cóbras...

13

Quando as roupas, á vontade,
Lh'ergue e oscúla a aragem terna,
Entrevê-se a divindade
Sob as fórmas d'uma perna!

Ora, á sombra da espessura,
Faz lembrar, n'um plinto em flor,
No palacio da verdura
A cariátide do amor;

Ora lembra, se fugace
Vôa, em rapida vertigem,
Uma folha que tomasse
A apparencia d'uma virgem!

Pára e scisma? — A flor a admira!
Corre e canta? — O vento assombra!
Tem o ruido d'uma lyra,
E a fineza d'uma sombra!

Quando ás palpebras divinas
Sóbe e alarga o ténue véu,
Tem dos olhos nas meninas
Tanto azul como ha no ceu!

No seu bosque, immenso e vago,
Sob uns alamos serenos,
Pensativa, ao pé d'um lago,
Vive a estatua d'uma Vénus,

E emquanto ella, airosa e fátua,
Sobre a lympha o vulto espelha,
A estatua... apezar d'estatua,
Franze, irada, a sobrancelha.

Quando algum lirio a censura,
Ouve-lhe sempre dizer:
— Tu és a caricatura
Da flôr chamada mulher! —

A's vezes, quando na balsa
Corre travessa e contente,
E, por vaidade, descalça,
Tem de parar de repente,

E emquanto ao pé, róseo e curto,
Vae tirando agreste abrolho,
Pensa, entre as nuvens, a furto,
Vêr Deus piscando-lhe um olho!

Morde-se a rosa d'inveja
Quando, ao cortar-lhe um botão,
Lhe diz: — Ignoro qual seja
Mais linda; a rosa ou a mão? —

Se algum zephyro lhe esvoaça
Por sobre o peito divino,
Diz-lhe logo: — Ai! isso é graça!...
Pois não, senhor libertino! —

O mau é quando essa turma
D'inquietos perseguidores
Vae esperar que ella durma
Sobre o seu leito de flores...

Como ella parece a Aurora
Dos bons tempos patriarchaes,
Entre o povo que a namóra
Dão-se equivocos fataes.

Supponde que está no banho.
Meia núa ou toda núa,
Em lago a todos extranho
Excepto ás flores e á lua:

Que prazer! tudo abandona
A'quella agoa, sem receios;
Ri, de vêr da agoa na tona
Desenharem-se-lhe os seios...

*

Ri das perolas que chovem
Da trança loira e gentil!
Canta! é bella, é pura, é joven!
Tem por si a idade — o abril!

Ninguem a espreita. Contente,
Folga, ri, mergulha e náda.
Tudo é prazer! de repente
Volta a cabeça, assustada,

E, do olmeiro nos contornos,
A alegre banhista incauta
Vê como a sombra d'uns cornos,
E ouve o gemer d'uma flauta...

Quem teve a infame ousadia
D'esta surpreza pagã?
Pensa na Mythologia,
E diz: «E' o doido do Pan!»

Mas desespera-se. Implóra
Um azylo que se lhe ábra...
Já tem medo; já descóra
Co'a ideia nos pés de cabra!

Já cuida ter sobre o collo
Uns beiços... picos de tojo!
Se inda ao menos fosse Apollo...
Mas o dos chifres! Que nojo!

Fugir? Por onde? — Medita;
Sahe d'agoa; vae pelo ar;
Toda a folhagem se agita
Só de sentil-a passar.

Corre atraz d'ella o selvagem,
Ouve-lhe o arfar do cançasso;
Entre a espantada folhagem
Ambos devoram o espaço!

Perseguida, a errante corça
Nunca foge assim tão lésta!
Até que, exaustos de força,
Entram por nova floresta.

Ella avista um muro: é alto.
Subirá? — não subirá?
Que importa o p'rigo? d'um salto
Eil-a da parte de lá!

Fica o deus sem tino... empréga
Quanto o amor tem de seguro...
Tenta, vae, sóbe, e... escorréga!
E' Sisypho aos pés d'um muro.

Vendo-o assim, ri-se a travêssa,
E, emquanto o monstro recúa,
Ao comtemplar-lhe a cabeça
Scisma nos quartos da lua...

Depois, do muro aproxima
O bello rosto jovial,
E elle ouve alguem, que, de cima,
Lhe diz, por entre um rosal:

— «Então? Já não me arrebatas
Co' esse amor em que te abrazas?
E' que tens pés que são patas,
E eu tenho pés que são azas!

Pois que achei onde me acoite
N'estas arcadas florídas,
Vamos passar toda a noite
A jogar as escondidas!...» —

Villa da Feira, março de 1866.

VII.

LUTA.

I.

Todos lutam aqui; Belial com Jesús;
Os erros co'a verdade; as sombras com a luz;
O que o dia nos traz e o que a noite nos sóme;
A lei e a iniquidade; a consciencia e a fome;
O dever e a ambição; a rocha e a onda; o bem
E o mal; o vento e o pó; tudo que ao mundo vem...
Quem é que admira, pois, que sempre a gente veja
Esta luta sem fim do talento e da inveja?

II.

Alguem surgiu á luz. Na fronte juvenil,
Não inda de laureis mas de flores d'abril,
Refulge-lhe um diadêma, e em seu olhar profundo

O *flat* talvez para algum novo mundo.
Como é poeta é bom. Se entra n'um lupanar,
Lá, onde tudo ri, tem ancias de chorar:
Quando falla do amor, do bem, das esperanças,
Ouvem-no em derredor, pasmadas, as creanças,
E as mães veem formar-se, em alas triumphaes,
Da sua estrada á beira.

Os montes, os pinhaes,
As arvores em flôr que insombram os caminhos
Todas cheias de sons, de folhas, e de ninhos,
Algum mosteiro em ruina ás horas do sol-pôr,
A luz occidental, aquella vaga côr
Que vae do azul do céu ao roixo do oceano,
O alcantil, que parece, ao longe, um vulto humano
Pendido sobre a onda em muda adoração,
São urnas onde bebe a santa inspiração!
Quando ergue um vôo ao céu, embora momentáneo,
Sente como uma aurora a abrir-se-lhe no cráneo...
Ao baixo, á sombra, ao nada, ao pó que ninguem vê,
E' quem vae arrancar Marion, Triboulet,
A prostituta, o bobo, o forçado, o bandido;
A perola esmagada; o coração perdido;
Os Jobs do crime; os bons que se tornaram máus;
Os que pedem da escada aos ultimos degráus
A immensa escuridão para não serem vistos;
Os que soffrem na treva; os martyres; os Christos
Que morrem n'um Calvario onde os não vê ninguem;
A mulher que encontrou em sua propria mãe
Uma espia da infamia a tentar-lhe a desgraça,
E a dar-lhe por destino uma vida devassa..,
Os que o vicio accumula, ebrios, em derredor
Das mesas da taverna; os homens sem amor,
Sem familia, sem Deus, e cujo extincto fogo
Só revive n'um antro onde s'esconda o jogo;
A vaza immunda e vil das sociaes marés;
Os que ao leito do alcouce e ao banco das galés
Já fizeram doação do corpo e quasi da alma;
Os que ao martyrio atroz, á dôr que nada acalma,

Ligam o coração como a potro moral;
Os que riem do bem só por viver no mal;
Os filhos do peccado; os escravos do crime;
Todos esses levanta, esses todos redime,
E abençôa, e liberta, e salva. E'-lhes irmão.
Invade-lhe a piedade o nobre coração,
Como entra a luz do sol por uma porta aberta!
Sentinella de Deus constantemente álerta,
Deslembra-se de si para valer aos mais!
Democráta do amor, julga a todos iguaes,
E, da vida social na mascarada immensa,
Em quanto tudo ri, folga ou canta, elle pensa.
Para elle a mulher val inda uma affeição,
Quer da innocencia á luz, quer na depravação,
E o homem para elle, inda quando o consomem
O vicio, a perdição e o crime, é sempre o homem.
No caminho onde vae, curvado, e triste, e só,
E' elle quem nos deixa entre a lama, entre o pó,
Um verso, uma esperança, uma estrophe, uma benção.

III.

Subito aos olhos seus as trevas se condensam
Do lado onde já fulge o dia do porvir...
Pelos ermos da estrada ouviu alguem a rir.
Deteve-se: uma chufa ao ouvido lhe chega...
Pergunta quem o insulta:

Uma anã côxa e cega,
Cujo aspecto disforme incommóda e faz mal,
Lhe sahe da estrada á beira. Estupida, boçal,
Esfarrapada, immunda, acanhada, rachitica,
Satyra de truões que se intitula a critica,
Eil-a em face do genio! Embora a eterna luz
Que vem d'aquelle olhar, onde se reproduz
A immensa irradiação d'uma aurora divina,
Dourando-a como um sol, como um raio a fulmina!

A alma d'aquelle monstro é uma cega tambem,
E sempre, ao despertar as choleras d'alguem,
Como ella sahe da noite e nós somos o dia,
Faz da propria villeza escudo á cobardia!
Ora, o moço, ao fitar-lhe a ascorosa hediondez,
Viu que podia bem calcal-a sob os pés,
Mas... não quiz. Da piedade o sacro-santo jugo
Tinha presa aquell'alma á voz de Victor Hugo,
Que dera ao sapo immundo a benção do ideal;
E o moço proseguiu, do seu manto real
Envolto no explendor, e triste, e a passos lentos,
Ouvindo uma oração no cantico dos ventos,
Sem já se recordar da informe apparição,
E sentindo talvez na voz do coração
Uma estrophe sublime abrindo as azas puras!

IV.

No entanto a hedionda anã, e com ella as censuras,
Os torpes folhetins, pagos pelo rancor
A' penna obscura e vil d'um covarde escriptor;
Do anonymo epigramma a insolencia escondida;
Tudo, até a amizade em odio convertida,
Tudo atraz d'elle vae, tudo o segue! Ao passar
Por entre as multidões, armando ao riso alvar,
Tudo aquillo ergue a voz: «Aqui vae um poeta!»
Depois cada paixão se muda n'uma seta
Que tem por alvo immenso aquell'alma... Depois
Onde elle julga ter um céu cheio de sóes
Poem elles um lençol de manchas recamado;
Se dos labios lhe vôa ao ar um verso alado,
Logo o tomam nas mãos, e o verso, o roixinol,
Que se ia ao céu azul, ás florinhas, ao sol,
Assustado, sem voz, sem pennas, quasi cego,
Volve á noite sem fim, transforma-se em morcego;
Por toda a parte a inveja ergue ao genio uma cruz;
Dá-lhe o azorrague um véu de sangue aos membros nús,

E, se uma gota d'agoa entre lagrimas péde,
E' uma esponja de fel que vem matar-lhe a sede.
No entanto inda ha quem veja, ao fim das provações,
Os espinhos da c'roa abrirem-se em florões;
Inda ha quem diga ao genio; —Espera e não te exiles,
Não receies, lutar, que tu és como Achilles:
Mordem-te o calcanhar mas não passam d'ahi,
E quando o teu despreso os fatigar, de ti
Elles se apartarão, como a espuma dá fraga,
Quando tenta esmagal-a e a si mesma se esmaga!
Depois o teu porvir se alargará, e, então,
Por cada insulto vil, por cada imprecação
Onde, á luz da verdade, um odio se revela,
A gloria ha de atirar-te uma flôr, uma estrella!
De fórma que ella mesma, a inveja, que tu vês
Tão firme no combate, ao nivel de teus pés
Ha de a fronte dobrar, e dizer-te: «Perdôa!»
E entrelaçar laureis para dar-te uma cr'ôa,
E, em quanto *alguem* distráia o teu sublime olhar,
Na sombra, immovel, muda, ajoelhada, esperar
Uma benção que a salve, um raio que a illumine,
Como Byron a viu, como a viu Lamartine!»—

Porto, setembro de 1865.

VIII.

A' PEQUENA LUIZA.

D'um olhar á luz profunda,
— Olhar da mãe que te adora —
Tu lanças de ti trez raios:
Belleza, innocencia, aurora.

A aurora é o brilho da infancia,
Luz que toda te alumia; —
A belleza é o dia externo,
A innocencia o interno dia!

Estas porções pequeninas
Do céu, cahidas nos lares,
Que tem azul nos sorrisos,
Que trazem sol nos olhares;

Estes enviados celestes,
Que entram assim pelas casas,
Astros, escondendo o fogo,
Anjos, escondendo as azas...

São bençãos tomando a fórma
Que a gente vê nas creanças,
Bençãos de Deus — todas tremulas
Do vago alvor das esp'ranças;

Do alvor das esp'ranças — livres
Inda de magoas ou lutos,
E que estas flôres nos mostram
Se deixam prever os fructos.

Lirio, alguem ha que te affasta
Da terra onde tudo soffre,
Pondo-te em roda a candura
Como redoma d'aljofre.

Tens ninho onde tudo aquece,
Véus onde é tudo agasalho.
Em ti cada riso é um astro!
Cada lagrima um orvalho!

Exulta! O berço onde pousas
E' maior que estes espaços!
Ua mãe resa sobre elle,
Tral-o um archanjo nos braços!

Quando o archanjo a Deus o mostra,
Por traz d'elle a mãe se humilha:
Elle folga por guardar-te,
Ella, porque és sua filha!

E Deus, distrahido um pouco
Por esse mimo da graça,
Entrega um sol explendente
A outro archanjo que passa...

D'essa luz, fundida em breve
N'um diadema ethereo e puro,
E' que da mulher a fronte
Se ha de adornar no futuro!

Villa da Feira, 30 d'Abril, 1866.

IX.

MATER DOLOROSA...

Do sol o extremo brilho
Nas ondas já desmaia,
E a mãe em pobre saia
Esconde o morto filho.

Os olhos, rasos d'agua,
Depois sobre elle fita,
E o làbio se lhe agita
N'esta expressão de mágoa:

— «Jesus, porque foi isto?
Que mal te havia eu feito,
Para arrancar-me ao peito
O meu filhinho, ó Christo?!

Ninho que foi disperso,
Ai! nunca se renova!
Para se encher a cova,
Fica vasio o berço?»—

Porto, 15 d'abril de 1863.

X.

O MOINHO.

(AO MEU AMIGO, O DOUTOR JOAQUIM VAZ D'OLIVEIRA)

Onde a corrente é mais ruidosa e alta,
Perto d'um olival ermo e sombrio,
Um muinho a sombra estende sobre o rio,
Que pelos vãos da roda espuma e salta.

Coberta de farinha, ũa moleira
Está sentada, acalentando o filho,
Junto á mó, que os pisados grãos de milho
Faz em chuva cair d'aurea poeira.

No entretanto o moleiro, em alvos saccos,
Guardando essa poeira abençoada,
Encosta-os pela rustica morada
A's paredes cobertas de buracos.

*

E, em quanto vae e vem na mesma lida,
Que mais o alegra quando mais o cança,
Amima algumas vezes a creança
No regaço materno adormecida.

N'um pomar que elles tem cheio de fructa,
— D'um velho cão a guarda lh'a conserva —
Muita roupa, estendida sobre a herva,
Está córando ao sol já meio enxuta.

E' que a irmã da moleira — a rapariga
Mais linda do logar — é lavadeira,
E passa a trabalhar a vida inteira,
Suffocando a pobresa co'a fadiga!

Ali junta-se á festa do trabalho
O amor em que se firma a sociedade,
O amor d'ũa mulher na flor da idade,
Dando ao filho dos seios o agasalho.

Deus manda a todos nós um seu reflexo...
Esta familia, tão obscura e pobre
Que ao pé d'um jornaleiro se descobre,
Tem um logar á mesa do progresso!

S. Martinho da Barca, 20 de
setembro de 1864.

XI.

O HOMEM QUE PASSAVA...

(AO MEU AMIGO AUGUSTO CESAR TEIXEIRA DE LIMA.)

— « Saio d'uns antros obscuros,
Em vagos sonhos absorto,
E a sombra, que eu dou aos muros,
E' como a sombra d'um morto.

Debalde com a mão tremente
Palpo as trevas do caminho...
O sol cahiu no occidente,
E eu encontrei-me sosinho!

Não ha tecto a que me acoite,
Caminheiro solitario;
E sinto os ventos da noite
Nas pregas do meu sudario.

Vou sem luz, na fronte o estygma,
E as rugas que a dôr me deixa;
Diante dos olhos o enigma
Que mão invisivel fecha!

Vou sem luz, vou sem esp'rança,
Caminho do termo incerto,
E, só, o meu vulto avança
Pela extensão do deserto:

Quem me vir a fronte calma
Dirá que eu vivo contente,
Mas o seio de minh'alma
Simelha um lago dormente.

Pode o azul d'um bello dia
Dourar-lhe a limpida face,
Mas só lôdo encontraria
Quem o fundo lhe agitassse...»—

Ouvi de longe este canto,
E deixei a porta aberta...
Rompia a aurora. No entanto
Inda a estrada era deserta.

Nas ermas janellas minhas
O alvor da manhã batia,
E as alegres andorinhas
Saudavam lá fóra o dia;

Tudo em canticos de festa
Sorria co'a madrugada!
A cupula da floresta
Era, de longe, uma arcada...

Então, nos raios banhado
Do astro que a todos conforta,
Vi passar o desgraçado
Em frente da minha porta:

Depois, sumindo-se ao largo,
Entre o profundo nevoeiro,
Seu canto horrivel e amargo
Reatava o caminheiro:

— « Entro nos seios brilhantes
D'esta luz, que vem de cima;
Comtudo eu sou como d'antes...
Morto, ninguem me reanima!

A aurora a todos inspira,
Mas eu, que ás trevas affeito
Não posso achar uma lyra
Nas solidões do meu peito,

Eu digo á aurora que passe,
E apenas sei que ella existe
Quando sinto em minha face
Um reflexo menos triste.

Não sei que terrivel sorte,
Não sei que fatal mysterio,
Tem sempre um élo da morte
A chumbar-me ao cemiterio...

Mas a Deus — principio santo
Do que é bello, e nobre, e immenso —
Meu espirito levanto
Como o thuribulo o incenso.

Que importa? A luz não me alegra
Com seus variados fulgôres!
— N'uma ruina informe e negra
Nascem já mortas as flôres?

Quando o sol o espaço envolve
Na sua estringe incedida,
Do inverno os gelos dissolve
Mas não dissolve os da vida!

Por isso nos meus caminhos
Eu vejo um desembro em tudo!
Nunca tem vozes os ninhos,
O arvoredo é sempre mudo!

E quem sabe a letra obscura
Do enigma... que nos assombra?
Talvez n'uma sepultura
Meus pés tropecem na sombra...

E o fulgôr do sol nascente
Vestirá de novo os ares;
De novo a selva florente
Soltará seus mil cantares:

Então os cysnes do lago,
Os roixinoes da floresta
Da manhã ao santo affago,
Voltarão co'a eterna festa!

E eu, sem vêr a madrugada,
Sem festejar a luz nova,
Ao som rouco d'uma enxada,
Hei de sumir-me na cova...»—

Deus á flôr, que desabrocha,
Dê o aroma que embriaga;
O musgo ás fendas da rocha,
A espuma aos cimos da vaga;

A' veia das floreas palmas
O licor, a seiva, a essencia;
Deus ponha em todas as almas
Mais luz e mais transparencia!

Porto, 19 de agosto de 1865.

XII.

APPARIÇÃO.

— *VICTOR HUGO — CONTEMPLAÇÕES* —

Vi pairar sobre a terra um anjo branco,
E, ao seu fulgido vôo, a tempestade
Suspendia o bramir, e o mar ruidoso
Calava a grande voz. — « Anjo, eu lhe disse,
Que vens fazer á noite em que vivemos ?» —
E o anjo murmurou : — Roubar tu'alma. —
Vi que era ũa mulher, e tive susto,
E disse-lhe, estendendo os braços tremulos :
—«Com que hei de então ficar, pois que teu vôo
Levarás d'aqui longe?» — O firmamento
Ia-se a desbotar... Mudo era o anjo ;
E eu bradei-lhe outra vez : — «Se vaes roubar-m'a,
Onde tens de subil'a? a que paragens?» —

Igual mudez ainda. — «Anjo formoso
Do céu azul, disse eu, és tu a morte,
Ou és antes a vida? » — A noite immensa
Sobre mim fluctuava, e o ser divino
Ia tornando, como os céus, obscuro!
— Eu sou o amor — disse elle, e a pura fronte
Tinha inda assim mais bella do que a aurora,
E na sombra, onde já se descobria
De suas claras orbitas o lume,
Eu comecei a vêr, das azas suas
Por entre as pennas, do infinito os astros!

Porto, 14 d'abril de 1864.

XIII.

A AVÓ.

A avó, nos tremulos dedos
Mal sustendo o leve fuso,
Ouve ao longe o som confuso
D'uns innocentes brinquedos.

— «Achando aberto o jardim,
Diz a velha, é sempre assim;
São como as aves inquietas.
Nem eu sei quem vôa mais,
Se os incançaveis pardaes,
Se as minhas queridas netas...» —

E a avó, nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso
Dos taes longiquos brinquedos.

Eis principia a assomar
Da cadeira no espaldar
A face, risonha e linda,
D'uma das netas, e a avó,
Pensando que está bem só,
Falla das netas ainda.

Falla, e nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso
Dos taes longiquos brinquedos.

N'isto um rosario, que está
Pendurado ha muito já
N'um dos braços da cadeira,
Escorrega e cahe ao chão
Por lhe haver tocado a mão
D'aquella infantil brejeira...

E a avó, dos tremulos dedos
Deixando cair o fuso,
Já não ouve o som confuso
Dos taes longiquos brinquedos;

Mas assustada, ao sentir
O seu rosario cahir,
Volta a nevada cabeça,
E inda distingue o rumor
Que faz, pelo corredor,
A neta, fugindo á pressa.

E, do cesto das meadas,
A avó levantando o fuso,
Ouve a rir um som confuso
De longiquas gargalhadas.

Porto, 10 de maio de 1865.

XIV.

N'UM DIA D'ABRIL.

Era um dia d'abril, d'estes dias do sul,
Tudo nadava em luz, perfumes, e harmonia:
Do cáos a natureza á vida resurgia,
E ao brilhante explendor d'um céu — todo d'azul.

Vinha então sobre a encosta um reflexo do sol
As vidraças dourar d'habitação modesta:
Tem aquella casinha um ar todo de festa...
Nas grades da varanda ouve-se um roixinol.

Tudo respira ali felicidade e amor;
Mas se alguem por descuido abrisse aquella porta
Veria sobre um leito ũa mulher já morta,
E seis filhinhos seus chorando em derredor!

Tudo cá fora é vida á luz bella dos céus!
Lá dentro a morte e a dôr... Como é diverso o quadro!
Pois n'este dia assim, nas solidões d'um adro,
Pode abrir-se uma cova?

— O que é a vida, meu Deus!

Porto, 11 de maio de 1862.

XV.

CREANÇAS MORTAS.

Dos indios as campas suspensas nos ares,
Por entre as palmeiras, á borda dos mares,
Ondulam ás noites do vento aos vaivens:
Os rios pranteiam quem dorme sobre ellas,
Aclara-as o brilho das alvas estrellas,
Embala-as o canto das timidas mães.

Custumes selvagens, mas santos costumes!
Ali, das florestas sorvendo os perfumes,
Ao som das torrentes apraz-nos dormir;
Se as flores cheirosas, se as verdes folhagens
São funebres leitos n'aquellas paragens,
Do extremo descanço quem ha de fugir?

Ha tantas saudades n'um tumulo aério!
Com branda meiguice, com doce mysterio
O beija, altas horas, saudoso luar;
E em gratos balanços, da relva na alfombra,
Reflectem-lhe os raios a tremula sombra
Co'a sombra dos ramos que tremem no ar!

Os indios são livres, mais livres que as setas,
Que mandam ás vezes co'as plumas inquietas
Rasgar dos espaços os límpidos véus;
Por isso, já mortos, precisam dos ares,
Precisam do aroma que sahe dos palmares,
Precisam das ondas, precisam dos céus.

As mães, ao fitar-lhes as tumbas florentes,
Co'a espuma raivosa das fundas torrentes
Levantam no espaço dorída canção,
E, ao vêl-os da morte no gelo submersos,
Tres dias, tres noites embalam seus berços,
Pensando nos sonhos, que murchos estão.

Das aves selvagens o grito a distancia
Parece chama-l'os ás veigas da infancia,
Parece dizer-lhes: — «Esperam por vós!» —
E até nas florestas, ao longe perdido,
Lhes falla em brinquedos o torvo rugido
Das onças cruentas, do tigre feroz!

São bellos, são bellos tão santos costumes!
Coberta de rosas, nadando em perfumes,
N'aquelles sepulchros a morte sorri:
Se brotam saudades, não morrem esp'ranças,
E á luz das estrellas as pobres creanças
N'um flórido ninho repousam ali.

Quem déra aos da Europa tão placido leito!
Nas lousas geladas magôa-se o peito,
Desfolham-se as crenças dos adros no horror...
Os indios, ao menos, tem bello descanço,
Dormindo entre as folhas, dormindo ao balanço
Dos ventos saudosos nos ramos em flôr!

Porto, 24 de agosto de 1864.

XVI.

SAUDADES DO CÉU.

— O' mãe, quem semeou tantas estrellas
N'esse abysmo que estás a contemplar?
Quem deu ás ondas, que me inspiram medo,
As perolas que tens no teu collar?

Seria aquelle Deus cujos decretos
Nos roubaram meu pae e meus irmãos,
E para quem, de joelhos sobre o leito,
Ergo ao deitar-me as pequeninas mãos? —

« Foi esse, foi! Vê tu como elle é grande,
Que tantos astros espalhou nos céus!
Que tantas joias escondeu nos mares!
Vê tu como elle é grande, aquelle Deus!»

— O' mãe, que linda noite! Em noites d'estas
Eu sinto os anjos sobre mim passar:
Quem me dera tambem as azas puras
Que os vôos lhes sustentam pelo ar! —

Estremeceu a mãe. Depois, convulsa,
Ao palpitante seio o filho uniu;
Rebentaram-lhe as lagrimas dos olhos,
E o menino a scismar nem mesmo as viu.

N'essa noite, ao deitar-se, o bello infante
Ergueu de novo as pequeninas mãos,
Mas quando o sol lhe penetrou no quarto
Tinha partido em busca dos irmãos!

Porto, 31 d'outubro de 1864.

XVII.

CONTRASTE.

O homem que viu tombar, no pó dos desenganos,
As raras illusões que enfloram esta vida,
Nas torpes bacchanaes crestando a flôr dos annos,
Ri de tudo, não pensa, e, se pensa, duvída.

No entretanto o leão, perdido no deserto,
Mudo, abstracto, contempla a abobada infinita,
E no olhar scismador, vago, profundo, incerto,
Tem a concentração da fera, que medita...

Porto, 10 de fevereiro de 1865.

*

XVIII.

EM FAMILIA.

Eu conheço uma creança
Que tem dez annos somente;
Não ha genio mais travêsso,
Nem cara mais innocente.

Quando estou em sua casa
Já nem do mundo me lembro;
A's vezes, nas largas noites
Do aborrecido dezembro:

Quando me sento, scismando,
N'uma cadeira de braços,
Ao fogão, cujo brazido
Avivo e refórmo a espaços;

Quando o pae, no lado opposto,
Sentado em egual cadeira,
Fuma um soberbo charuto
Lendo uma folha estrangeira;

Quando a irmã folheia triste
Um livro de namorados,
Que muitas vezes lhe deixa
De pranto os olhos nublados;

Quando a mãe lhe borda um lenço
Junto á mesa da costura,
Pensando nos outros filhos
Que dormem na sepultura;

Ou quando a familia inteira,
Ao pé do lume agrupada,
Se entretem n'uma conversa
Longa, ruidosa, animada...

Vem ella por ali dentro,
Coberta de mil fulgores,
Espalhando as alegrias
Como punhados de flores.

Vem, e todos emmudecem...
Vem, e as frontes mais sombrias
Sentem um raio sáudoso
D'essas mesmas alegrias.

Vem, mas só para mostrar-me,
Com meigo, infantil empenho,
Uma costura acabada,
Um começado desenho;

As guarnições de veludo
Do seu vestido mais bello;
A travéssa mais á moda
De segurar o cabello;

Das amigas do collegio
As novas photographias,
A sua, que me inspirara
Nem eu sei quantas poesias;

E, com toda a leviandade
De quem só vive d'enganos,
As mil prendas que lhe deram
No dia em que fez dez annos.

Depois, contente e modesta,
Do cabello os soltos fios
Enrosca nos alvos dedos
Para ouvir-me os elogios;

Crava em mim seus grandes olhos,
Encosta-se aos meus joelhos,
E diz-me com ar de mofa:
— «O senhor é como os velhos!

Para estar perto do lume
Sempre escolhe estas cadeiras,
Senta-se, encolhe-se e fica
Assim por noites inteiras!

Porque não falla commigo?
Deixe a vida preguiçosa...
Recite-me aquelles versos:
— *Saia nova côr de rosa...*» —

Todos se riem d'ouvil-a,
E cada palavra sua
Vae dar á fronte materna
Um raio vago de lua...

Eu por mim, sentindo a espaços
No seio calmo e tranquillo
Entrar-me todo o socego
D'aquelle placido asylo,

Emquanto, em louca vertigem,
Andam á volta da mesa
As borboletas da noite
Buscando a lampada accesa;

Triste e alegre ao mesmo tempo,
Medito emquanto ella falla,
E ouço uns versos a voarem
Pelos recantos da sala.

Porto, 20 de outubro de 1865.

XIX.

MONSTROS E REIS.

Vamos! Tudo é resgate!

O homem, velho captivo,
Torna emfim, do degredo, ao mundo primitivo,
E o crime que o prostrou calcando sob os pés
Desliga-se a final da algêma das galés!
Cain, erguendo o irmão, pallido e macilento,
Nas mãos cheias de sangue, é o arrependimento.
Néro ás cinzas de Roma implora absolvição.
Descendo, envolto em luz, o archanjo do perdão

No véu feito d'amor que as almas illumina
Esconde os seios nús da torpe Messalina;
Muda Tiberio em pó, e livra esse chacal
Da fórma que lhe dava a tunica imp'rial;
Embebendo uma esponja em balsamos, alaga
Com essa caridade os Borgias, essa chaga;
Como a raiz do mau dá o fructo do bom,
Faz sentar-se a virtude aos pés de Ganelon,
E, ao vêl-os supplicar que as trevas lhes dissipe,
Manda um raio de sol aos ossos de Philipe!
Tudo quanto era monstro é hoje perfeição...
Vae Sejano a sentir nascer-lhe um coração;
Nemrod e Constantino admiram quem os salva:
A clemencia do archanjo envolve o duque d'Alba!
Como lhe ouve chorar o mal que aos homens fez,
Cáe a benção de Deus sobre Ricardo tres!
Calígula, que sente um braço a levantal-o,
Pasma ao julgar-se emfim maior que o seu cavallo!
Torquemada, esse horror do mal, já não se vê,
Avivando a fogueira ao negro auto da fé,
Viver co'a Inquisição em torpe mancebia!
Trimalcion cáe, prostrado, ao lado de Maria...
Judas, tendo o dinheiro em pó na escura mão,
Limpa ao lençol do Christo a bôca da traição!
O bem, do eterno amor que sobre os montros chove,
Talha um manto explendente á sombra Carlos nove!
O Adão, esse proscripto errante, olhando os céus,
Ouviu, menos severa, a grande voz de Deus
Dizer-lhe: «Entra de novo as portas do teu Eden.
As magoas e a velhice algum descanço pedem;
O guarda ameaçador, sentindo-te chorar,
Gravou n'este frontal: — Martyr, podes entrar!» —
A' luz que sahe do espaço, em fulgido arremesso,
Vae cantando na sombra os hymnos do progresso
A ideia, humilde em Job, em Prometheo, audaz...
Tudo abandona o crime......

E os reis? e Satanaz?

Inda a noite é profunda á hora em que perpassa
O algoz, vindo da forca, ao longo d'uma praça.
Inda o tremulo arfar dos rapidos comboys,
Que faz erguer um pouco a fronte aos grandes bois
Perdidos a scismar na beira das estradas,
Leva os torvos canhões, as ballas, as espadas,
Que manda um povo ao outro — *ajuda fraternal!* —
Inda ha sangue de mais na purpura real!
Pois quem não vê da Grecia a escravidão sombria?
Quem não ouve arquejar a desmaiada Hungria
D'um jugo estranho e vil sob a oppressão cruel,
E a Hespanha sob o peso enorme de Isabel?
Quem não ouve a oração, cortada de soluços,
Da Polonia — a infeliz violada pelos russos?
Quem não sente na Italia as chammas d'um vulcão
Do solo todo em flor na vaga oscillação?
Quem não vê d'Austria os céus e n'esses horisontes
Anciando o infame espolio, a aguia das duas frontes?
E a França, a mesma França, ó Deus, quem a não vè
A arfar d'um pobre anão sob o disforme pé?..

O teu caminho em flor, ó Christo, onde serpeia?
Na sombra a tua cruz tombou co'a tua ideia!
Já não se ergue na terra o symbolo do bem
Abrindo os braços seus como uns braços de mãe!
O perdão, que baixou d'aquelle cimo augusto,
Flôr que veio cahir sobre um terreno adusto,
Murchou, e fez sumir-se a luz d'esse fanal,
Co'as lanternas de festa, em Roma, a saturnal
Entre os mortos do circo e as flores de Suburra...

O' despotas, se ao longe o mar, quando sussurra,
Manda ao baixel que o sulca a ameaça de o tragar,
Vós que sulcaes o povo, e andaès sobre este mar
Ricos de generaes, de nobres, de ministros,
Não ouvis d'onde a onde uns canticos sinistros?
E' o brado da revolta, ó despotas, sabei.
E' o raio a ameaçar quem quer que seja um rei...
E', onde haja o clarão d'uma fornalha accesa,

O obreiro do porvir cantando a Marselhesa,
— Athleta forjador da forja revol'ção... —
O' reis, dizem que é grande a vossa augusta mão...
E a plebe é fraca sempre. O' reis, vamos! esmague-a,
Essa mão que sustenta o globo, o sceptro, a aguia.
Se as ondas d'esse mar que, longe, ao longe, ouvis,
Parecem uns leões galgando dos covis,
Vós podeis-lhes oppôr, ao sol fulgindo inquietas,
N'um mar de batalhões ondas de baionetas...
Opponde...

Um bello, dia, uivando, a vossos pés,
Ha de chegar, raivosa, a espuma das marés
Que a lingua cortezã, no altivo diccionario,
Chama: a canalha, o vulgo, a plebe. Vosso erario
Tem ouro; ha mil canhões nos vossos arsenaes;
Vós tendes o carrasco, o throno, os generaes;
As chaves das prisões, a lei que nos domina,
O baraço da forca, o vão da guilhotina;
Nas sombras da policia os espiões fieis;
O exercito, a nobreza, o sequito dos reis;
Quando, heroicos, passaes entre as espadas nuas,
Os arcos de triumpho atravessando as ruas;
A immensa acclamação das massas, em tropel;
As bandeiras do reino ás patas do corcel,
Que vós fazeis trotar em curvas elegantes,
Por tapete sem fim de sedas triumphantes;
As musicas marciaes, a estrophe dos clarins;
Nos dourados salões os bailes, os festins;
Saúda a artilheria o vosso nascimento;
Por vós das cathedraes no santo isolamento
Expande-se o te-deum em preces ao Senhor!
O sol do vosso olhar estende o seu fulgor
Dos fógos d'artificio aos lampeões de gala;
Vós tendes um harem fechado em cada sala;
Vós tendes o condão sublime de entreabrir
Co'as chaves do presente as portas do porvir!
Vós tendes sobre o globo — humilimo vassalo —
Gravada a ferradura altiva do cavallo;

Pendentes do pescoço as cruzes das legiões,
Das cruzes do martyrio os corpos das nações...
Em cada povoação mil servos ignorados;
Um tributo de moeda; um feudo de soldados;
Na guerra a tenda armada, e emquanto a morte e a dor
Arrastam o vencido aos pés do vencedor,
Emquanto o fumo e o pó, que embrulham a contenda,
Sobem, como um perfume, em torno á vossa tenda,
Emquanto os batalhões contrarios, um por um,
Acham no mesmo campo um tumulo commum,
Emquanto ouvís de longe o embate das fileiras,
Cercados d'officiaes, d'espadas, de bandeiras,
Vós tendes sobre a fronte a abobada fiel
Da purpura e da gloria em forma de docel!
Vós tendes, quando ergueis o olhar cheio de raios,
Attento ao menor gesto um mundo de lacaios...
Por toda a parte alguem cantando o que vós sois,
Sublimes! immortaes! magnanimos! heroes!
Por toda a parte alguem saudando a liberdade
Que espalham sobre o povo as mãos da Magestade,
Por toda a parte alguem dizendo aos filhos seus:
«Dobrae o joelho ao rei: o rei vale por Deus!»
Por toda a parte alguem a dar-vos um auxilio...
E á porta do palacio o caminho do exilio!

Villa da Feira, 4 de julho de 1866.

XX

AMIGOS...

Era da Terra Nova: um formidavel cão.
O homem que m'o vendeu, chamava-lhe Sultão,
E creio que o trazia ha dois annos comsigo;
Eu só lh'o quiz comprar para ter um amigo...

Depois que lh'o paguei, o soberbo animal
Lançou-lhe um triste olhar, d'estes que fazem mal,
Que envolvem um adeus, talvez o derradeiro!
O dono, distrahido a contar o dinheiro,
Nem mesmo reparou n'essa muda afflicção,
E disse-me a sorrir: «E' um bravo, este Sultão!

Bem nutrido e leal: dedicado e robusto!
Mas... póde acreditar que lh'o dou pelo custo...
Já me salvou a vida, uma vez, no alto mar.» —
Disse isto, e cortejou-me, e partiu...

A scismar
N'aquella ingratidão, que tantas me recorda,
Do pescoço do cão desamarrando a corda,
Em voz alta eu bradei: Bem o dizias tu,
O' poeta immortal: = *Le chien c'est la vertu*
Qui, ne pouvant se faire homme, s'est faite bête =
E como em todo o olhar ũa alma se reflete,
A alma d'aquelle ser que vinha atraz de mim,
Curvo, humilde, ou talvez resignado por fim,
No olhar que então lhe vi, das sombras do seu nada,
Parecia dizer-me: «Obrigada! obrigada!»

Porto, janeiro de 1866.

XXI.

ESQUECENDO, ESQUECIDOS...

Meu anjo, a lampada pura
Que inda nos dá seu fulgor,
Tendo a guarda-l'a dos ventos
A mão rosada do amor;

Esta luz que nos indica
Por entre a vaga os escolhos,
Vinda de Deus á tu'alma
E á minh'alma dos teus olhos;

Este jardim, que se entreabre
Todo o dia ao pé de nós
No aroma dos teus suspiros
Nos eccos da tua voz;

Este ninho onde o progresso
Nem mesmo espelha ũa imagem,
Escondido entre os affectos
Como alguns entre a folhagem;

Este abrigo, a cujos seios,
Como á selva o roixinol,
Vem o amor cantar seus hymnos
Nos ramos cheios de sol;

Esta aurora immensa e pura,
Onde a luz em que me abrazas
Só do que é sombra me deixa
A sombra das tuas azas;

Este pedaço do exilio,
Sobre o qual tu me construes
A arcada explendida e bella
Dos firmamentos azues;

Meu anjo, tudo isto agora,
Sobre essas lutas supremas
Dos bons, dos novos principios
Contra os passados systemas;

Tudo isto sobre essas ondas,
Filha, que tu nunca vês,
Mas que entre as brumas da noite
Vem quebrar-se a nossos pés,

E' como um antro sagrado
Onde, nas trevas occulto,
Longe do mundo e dos homens
Vive o Deus do nosso culto,

No altar que nós lhe elevamos
De ruina e de solidão
Sem pedir mais que este incenso
Que nos sahe do coração!..

A era é negra: e quem se entranha
Nos mil caminhos d'agora,
Cinza, a fallar-nos dos astros!
Noite, a fallar-nos da aurora!

Quem, do abysmo á negra borda,
Vendo o passado fugir,
Sobre os seus hombros d'Atlante
Sustenta o céu do porvir!

Os Danieis cuja caverna,
Se Deus lhe envia um reflexo,
Curva uma arcada de raios
Sobre os leões do progresso!

Os Prometheos ambiciosos
Que vem trazer-nos dos céus,
Presa nos dedos fechados,
A luz que roubam a Deus!

Quem d'outros mundos mais bellos
Descobre a face visivel,
E até nós lança esses mundos
Da escuridão do impossivel!

Os athletas cujo braço
Dobra a fronte ás multidões,
Ao sair do immenso choque
Das nuvens das revol'ções!

Esses mesmo que só buscam
— Torvos heroes triumphantes —
Nos céus, a luta das aguias,
Sobre a terra, a dos gigantes;

Esses mesmo, ouvindo a espaços
O rouco e funebre som
Que faz o tombar do esquife
Nas covas d'um Pantheon,

*

Quando tu sobre os meus livros
Pendes a fronte serena,
Como sobre as tuas jarras
Se debruça uma açucena;

Ou quando eu leio em voz alta
N'esses bons livros tambem,
Vendo-te, ao fundo da sala,
Abraçada em tua mãe,

De quem scisma em cousas tristes
Na descuidada postura,
Tendo a fronte sobre o peito
E os olhos sobre a costura;

Então, do brilho que exala,
— Emquanto ás vezes sorris
De vêr como elle nos muros,
Desenha os nossos perfís —

O candieiro, que nós temos
Sobre a meza do trabalho,
Espelha um raio nos vidros
Todos humidos d'orvalho;

E alguem que passa a distancia,
Da bruma no espesso véu,
Olha a luz do nosso quarto
Como ũa estrella do cèu!

Villa da Feira, 19 de julho de 1866.

XXII.

CARTA AO SAHIR DO COLLEGIO.

— *VICTOR HUGO — CHANSONS DES RUES ET DES BOIS.* —

Mora na casa mais proxima
A encantadora visinha:
Quando se abre a sua porta
Dá cotovellões á minha.

Fallêmos baixo: é formosa;
Anjo, com fórmas de lirio
Que para remendar meias
Um dia baixou do empyrio.

Penso n'ella á luz da aurora,
E assim que desmaia o dia;
Dae-lhe á fronte um capacete,
Vereis a Sabedoria!

Seu bello olhar transparente
Produz visões luminosas;
A's vezes julgamos vêl-a
N'um jardim cheio de rosas.,.

Portanto, como é sabido
Que sempre d'estas Palmyras
Brotam sorrisos e beijos
E canções d'ignotas lyras,

Um velhaco, um estudante,
Lhe espana sempre as janellas;
Embirro co'este mendigo
Que estende a mão ás estrellas!

Nunca saio do meu nicho
Quando a formosa me observa
Chamou-me outro dia: «Mocho!»
Eu respondi-lhe: «Minerva!»

Abril, 1868.

XXIII.

ÁS MÃES.

O' santas que emballaes o berço das creanças,
E assim lh'o revestis de flóreas esperanças!
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós que, pela mão, da gloria á vida inquieta,
Levaes um vosso filho, um pallido propheta,
Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,
Fazendo ennobrecer quem lhe seguir o exemplo...
Sois vós que o conduzis aos porticos do templo
Onde o porvir coroa os genios immortaes,
E, mal chegadas lá, de todo o abandonaes,

Sem aguardar sequer nas sombras d'uma arcada
A grande acclamação que lhe festeja a entrada!
E — modestas que sois! — voltaes a vosso lar
E só vos contentaes em vêl-o atravessar
— C'roada de laureis a fronte scismadora —
Um arco triumphal que o cerca d'uma aurora...
Mas nós, cabeças vãs, escravos pelo amor,
Andamos a dizer: «Beatriz! Leonor!»
E o nome vosso, ó mães, não lembra um só instante!
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?

O' santas, perdoae! Lá tendes o Senhor
A cobrir-vos de luz, de bençãos e d'amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças.

O' santas, emballae o berço das creanças!

1865.

XXIV.

O TUMULO DE CAMÕES.

A' sombra das arcadas magestosas
De nossas cathedraes, em vão procuras
Lêr de Camões o funerario lemma
Na pedra das antigas sepulturas:

O Homero portuguez jaz esquecido
Sob a lagem do ignoto monumento:
Ou talvez (negra ideia!) as cinzas d'elle
Dispersas pelo mundo as traga o vento...

Mas quando alem, entre as revoltas ondas,
Passa o estrangeiro no baixel errante,
Inda exclama ao passar: — «Aquellas praias
São de Camões o tumulo gigante!» —

Porto, janeiro de 1860.

XXV.

Á POLONIA.

(*AOS ACADEMICOS DE COIMBRA DE* 1863).

Que vago susurro dos plainos do norte
Nas azas dos ventos chegou até nós,
Trazendo d'envolta c'os gritos de morte
O silvo das balas, das tubas a voz?

N'aquellas campinas, de gelo cobertas,
Nos tempos d'outr'ora surgira um vulcão,
Juncando de chammas as veigas desertas,
Vestindo as montanhas de torvo clarão!

Mas subito o fogo da immensa cratera
No solo gelado sumiu-se outra vez;
E as vastas planicies, que a lava aquecera,
Ficaram sepultas na antiga mudez.

O extranho alarido, que os eccos acorda
Das nossas montanhas, que é pois? d'onde vem?
Dos montes no cimo, das praias á borda,
No centro dos bosques resôa tambem!

Parece o rugido que as ondas polares
Desprendem, rasgando da neve o lençol,
Se ao fogo do estio refulgem os ares,
E chovem sobre ellas os raios do sol.

E's tu, ó Polonia, nação de gigantes,
Que sempre em teu seio conservas a luz:
Vestal, que renovas os lumes brilhantes
Do lucido facho que os livres conduz!

E's tu que resurges dos restos sombrios
Das tuas grandezas, saudando o porvir —
Igual á torrente que espuma em teus rios,
E passa entre as brenhas convulsa, a rugir. —

Não eras já morta. Debaixo do gelo
Não pôde a cratera seu fogo apagar...
No dia marcado mostrou-se mais bello,
Doirando os espaços, os plainos e o ar.

A sombra do Eterno, de noite, horas mortas,
No carro invisivel passou sobre ti;
E, em quanto dormias, batendo-te ás portas,
Bradou como outr'ora: « Guerreiros, surgi!

Surgi! Eis o dia da alegre vingança!
Do seculo a ideia reflecte-se em vós....
Tirae das paredes, co'a espada e co'a lança,
A velha armadura de vossos avós.»

Que explendido quadro! Levanta-se um povo
Impondo aos tyrannos o verbo da cruz,
E a voz das trombetas resôa de novo,
De novo scintila das bombas a luz!

Julgavam os tigres, ao ver-te embebida
Das glorias passadas na doce embriaguez,
Que tu, ó Polonia, dos teus esquecida,
Debalde tentáras surgir outra vez.

Em vão da procella nas vozes frementes,
De tuas florestas no immenso rumor,
Nos brados raivosos das tuas torrentes,
Erguias soberba teu nobre clamor!

Os loucos dormiam... E agora o teu gladio
Brilhando nas sombras os faz descórar....
O couto das feras derroca-se... invade-o,
Convulso, ruidoso, dos livres o mar.

Em todos os peitos accende-se a flamma
Que o sol do resgate nos raios contem!
Incendio medonho que as selvas inflamma,
A guerra em teus seios lavrando já vem!

Chamando seus filhos, a mãe inspirada
Radiante os contempla, d'orgulho sorri;
E á banda, que os cinge, prendendo uma espada,
«E' tempo, lhes brada. Meus filhos, parti!»

Dos mortos guerreiros nas campas saudosas,
Erguidas ha pouco das lutas no chão,
Não vertem debalde seu pranto as esposas,
As virgens não choram carpindo-se em vão;

Mas antes, accesas no fogo da gloria
Que as cinzas dos bravos outr'ora animou,
O braço encostando na lagem marmorea,
Exclamam áquelles que a patria chamou:

— «Ouvis? Da Polonia são estes os brados!
A' mãe, que vos chama, depressa acudi...
Só podem sem pejo ficar descançados
Os pobres guerreiros, que dormem aqui.» —

Ergamos as frontes! Se um povo sublime
Acorda nos ferros, que braço o contem?
Se o jugo sacode que as forças lhe opprime,
Suster-lhe os impulsos não sabe ninguem!

O facho do Eterno reluz na tormenta!
Quem pode apagal-o? No abysmo dos céus,
Acaso dos homens o sopro adormenta
Um mundo lançado no espaço por Deus?

Oh! já n'essa fronte, coberta de rugas,
A c'rôa d'espinhos começa a florir!
Ao sol d'esses climas teus membros enxugas...
Caminha, ó Polonia, sorri-te o porvir.

Agora no incendio das tuas campinas
Embebem os tigres o sofrego olhar,
E riem vaidosos, ao ver dentre ruinas
Das tuas arterias o sangue a jorrar!

Mas Deus é comtigo. — Mudou-se o teu rumo.
Que importa que a sombra te cerque outra vez?
— Vês tu essas nuvens de fogo e de fumo,
E o pó que os ginetes levantam aos pés?...

Espera que os ventos transponham os montes,
E então — das procellas rasgados os véus —
Verás alargarem-se os teus horisontes,
E a luz em torrentes cahir-te dos céus!

De todos os lados os povos te fitam,
Que em todo o universo teu brado eccoou,
E, como as rajadas que as ondas agitam,
Um sopro de gloria noss'alma agitou.

Nas tuas florestas um vento murmura,
Que diz LIBERDADE no cantico seu;
E no aço polido da tua armadura,
Cobrindo-o de raios, a aurora explendeu:

A Europa, ao fital-o, de joelhos cahindo,
N'um extasis santo convulsa exclamou:
— «Fanal do resgate, bem vindo, oh bem vindo!
A prece dos livres o Eterno escutou ! » —

E o velho soldado, leão do occidente,
Que á borda dormia das praias do mar,
Ergueu-se impetuoso, qual funda torrente,
Que sente a borrasca sobre ella passar.

Oh ! sim, que nós outros, a raça gigante
De Diu e d'Arzilla, de Fez e d'Ormuz,
Curvados d'extranhos ao jugo aviltante,
Tambem sobre os hombros trouxemos a cruz.

Por isso saudámos a fervida vaga
Que impelle os tyrannos, que os prostra no chão;
Saudámos o povo que os ferros esmaga,
E os funde nas balas que espera o canhão !

Das almas fraternas o affecto é sagrado !
E tu, ó Polonia, tu és nossa irmã:
Crê, pois, nas palavras do irmão, que a teu lado
Talvez entre as lutas verás ámanhã:

— Não temas. — Das glorias o dia está perto !
Ou prostra os eunuchos, sem tregoas, sem dó,
Ou lega aos tyrannos um vasto deserto
Juncado de ruinas, de sangue e de pó !...

Porto, 4 d'abril de 1863.

XXVI.

CONVALESCENTE...

Sahes das brumas da doença
Pallida sim, mas louçã,
Como das sombras da noite
Sahe a estrella da manhã.

Quiz Deus unir-te, na mágoa
Das minhas horas fataes,
Flôr mimosa, ao duro tronco
Batido dos vendavaes.

Sobre mim ruge a tormenta...
Ai! nunca o ceu me sorri,
E a mesma dôr que me verga
Passa tambem sobre ti!

Vinte e dois annos te enfloram
A c'rôa que o céu te deu,
E já sentiste os espinhos
Entre essas rosas do céu!

No entanto é bella a coragem
Que inda te faz levantar
Do porvir ao mundo ignoto
Um puro e tranquillo olhar.

De cada lagrima tua,
Chorada na antiga dôr,
Póde irradiar uma estrella,
Póde brotar uma flôr!

Olha este berço, onde dorme,
Sonhando imagens dos céus,
Dos teus dias a esperança,
A gloria dos dias meus;

Fita-o bem, o ninho á sombra,
Onde se esquece, a dormir,
A ave dos nossos cuidados,
Aguia talvez no porvir!

Demais, que dôr póde tanto
Que te esmague o coração,
Tendo a apartar-t'a do seio
Aquella pequena mão?

Filha, não chores; não soffras...
Bem sei que a sorte é fatal,
Mas não ha trevas que vençam
A luz do olhar maternal!

Com esse filho nos braços,
Affronta as sombras!... Que tem?
Todas as sombras se afastam
Ao vêr passar ũa mãe...

Indice

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE